

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Ana de Castro Osório  
*Quatro Novelas*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Ana de Castro Osório

## *Quatro Novelas*

---

Publicado originalmente em 1908.

**Ana de Castro Osório  
(1872 – 1935)**

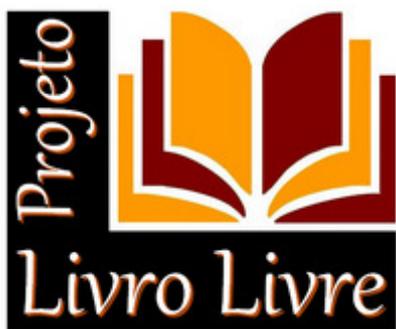
“Projeto Livro Livre”

**Livro 171**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritora portuguesa Ana de Castro Osório: *“Quatro Novelas”*.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

# BIOGRAFIA

Ana de Castro Osório nasceu em Mangualde, no dia 18 de Junho de 1872. Faleceu em Setúbal, na data de 23 de Março de 1935.

Foi uma importante escritora de Portugal, sendo destacada principalmente no âmbito da literatura infantil. Foi também jornalista, pedagoga, feminista e ativista republicana portuguesa.

Ana de Castro Osório foi pioneira em Portugal na luta pela igualdade de direitos entre homem e mulher. Escreveu, em 1905, *Mulheres Portuguesas*, o primeiro manifesto feminista português.

Foi uma das fundadoras do Grupo Português de Estudos Feministas, em 1907; da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, em 1909; da Associação de Propaganda Feminista, em 1912; da Comissão Feminina Pela Pátria, em 1916, a partir da qual se formou, no mesmo ano, a Cruzada das Mulheres Portuguesas.

Casada com Paulino de Oliveira, membro do Partido Republicano aproximou-se do partido, tendo, depois da instauração da República, colaborado com o ministro da Justiça, Afonso Costa, na elaboração da Lei do Divórcio.

É considerada a criadora da literatura infantil em Portugal, com a série de contos para as crianças, publicados entre 1897 e 1935, em Setúbal, em fascículos. Também colaborou em diversas publicações periódicas como: *A ave azul* (1899-1900), *Branco e negro* (1896-1898), *Brasil-Portugal* (1899-1914), *A Leitura* (1894-1896) e *Serões* (1901-1911). Foi membro da obediência maçônica Grande Oriente Lusitano.

Dentre suas obras dirigidas ao público adulto destacam-se: *Infelizes: histórias vividas* (1892), *Quatro Novelas* (1908), *Bem prega Frei Tomás* (comédia de 1905), etc.

# ÍNDICE

SACRIFICADA.....	1
DIÁRIO DE UMA CRIANÇA.....	48
A FEITICEIRA.....	96
A VINHA.....	117

# SACRIFICADA

## CAPÍTULO 1

Quando Manoela entrou para o convento, todas as freiras e recolhidas correram apressadas á grade do coro para conhecerem a nova companheira, de que a superiora, Sórora Gertrudes, ha muito anunciara a vinda.

Falavam a um tempo, riam satisfeitas com aquela diversão, que desmonotonizava a vida fastienta de todos os dias, enquanto que ela, nervosa e pálida, as olhava assustada, como quem entrevê, sem o compreender, um mundo estranho.

Sentia-se abandonada no mundo, sem um afeto ou uma ilusão que lhe devesse dar o desejo e a alegria de viver, mas, apesar disso, aos seus dezesseis anos encantadores não sorria positivamente a ideia da prisão.

Era tão doce o sorriso triste que lhe errava nos lábios, e a sua voz, ligeiramente cantada, com o sotaque provinciano, era tão fresca e cariciosa, que as boas freiras a consideraram desde logo um anjo do Senhor, mandado para as consolar naquele triste fim da sua casa religiosa.

Encheram-na de presentes: uma trazia-lhe uns bentinhas, outra uma lâmina ingênua, salpicada de papelinhos doirados; rendas finas, outrora feitas na casa; doces, especialidade do convento; coisas insignificantes, que eram no entanto toda a sua fortuna.

E ela sentiu-se assim presa pelo reconhecimento, integrando-se numa vida que em breve seria também a sua.

A mãe perguntou-lhe: se queria entrar desde logo para o convento ou ficar alguns dias fora, para ver a cidade.

—Não; se tinha que entrar ali, então que fosse já. Ver a cidade para quê?! Que lhe importava a alegria, o movimento, a luz, — aquilo que era a existência da outra gente?

Não estava ela perdida, morta para o mundo, despedaçado tudo que tinha feito o encanto da sua própria existência, que era agora uma coisa á parte, fora da normalidade?!...

A mãe aprovou, contente com aquela resolução; ansiava por a ver entregue aos cuidados da boa tia, Sórora Gertrudes, que a recebeu soluçando de contentamento e mágoa—alegria de ter a sobrinha junto de si, fundo desgosto pela sua imensa desgraça.

Porque era uma historia um pouco triste, a dessa rapariga, que assim vinha esconder a sua vida em flor no silencio dos longos corredores cheios de sombra, adormentar o espírito nessa vida que já pertencia ao passado.

Manoela ficara, muito nova, sem pai, e por isso quase inteiramente abandonada a si mesma, visto que a mãe, duma devoção estreita e dum carácter frio e áspero, entregava-se por completo á prática das suas muitas rezas e orações e deixava os filhos em plena liberdade.

A pequena, que era uma natureza delicada e emotiva, assim foi crescendo sem um carinho que lhe afagasse e dulcificasse a existência, retraindo-se numa aparência de frieza melancólica.

Os irmãos, três rapazes, viviam alegremente, sem cuidados nem canseiras, caçando pelas serras, comendo e bebendo á tripa-forra com os companheiros, jogando o pau pelas romarias e feiras — senhores morgados de aldeia que todas as raparigas disputavam para seus pares, e dos quais todos os homens tinham como honra a convivência.

O mais velho, bom rapaz, bronco e ingênuo apesar da sua aparência de gozador, fora para Coimbra por sua alta recreação, segundo o costume tradicional dos morgados beirões, e por lá se ia formando aos solavancos: R R daqui, guitarradas dali, ceias e patuscadas com os amigos, sempre alegre e satisfeito consigo e com os outros.

Ora uma vez, a pretexto de caçadas que se faziam melhores que em parte alguma pelos matagais cerrados das suas serranias, levou, para passar umas férias na aldeia, o seu mais íntimo amigo e companheiro mais certo das suas noitadas e trupes em vésperas de feriado.

Cavalgando os possantes cavalos que os criados lhes levaram com tempo, juntaram-se á caravana dos mais rapazes da região e seguiram, como era costume, atravessando vilas e aldeias ao som marcial das cornetas, como um verdadeiro batalhão, que ia diminuindo, não pela morte, mas pela alegria dos que primeiro encontravam as suas casas e se despediam dos companheiros até ao fim das férias.

Foram eles os últimos a chegar ao vasto casarão de província, onde a adega estava sempre aberta, as espingardas carregadas atrás da porta, e a matilha

impaciente tudo invadia, roubando na cozinha, sujando as salas e quartos, batida pelas criadas em desespero, afagada pelos amos que riam das suas partidas e se sentiam muito á vontade no meio daquela desordem.

Manoela era um verdadeiro milagre de graça e pureza num meio tão vulgar e rude.

O rapaz, ao vê-la assomar ao alpendre, mal sentira a tropeada dos cavalos e descer correndo os degraus de pedra que davam acesso exterior para o andar nobre da casa, para abraçar o irmão, ficara deveras impressionado. Tanto mais que não contava encontrar, numa irmã do seu hercúleo companheiro de estúrdia, tanto mimo e graciosidade de linhas, uma tal delicadeza e aristocracia nativa de porte.

Á primeira impressão de agradável surpresa seguiu-se o desejo da posse e o projeto da conquista.

Para que essa criança, ignorante e ingênua, se prendesse a um homem que lhe falava a dulçorosa e enganadora linguagem de vulgar D. João, que para ela representava a verdade, a honra, o ideal supremo porque tantas outras têm, como ela, sofrido, não era preciso muito.

Um homem honesto ter-se-ia cautelosamente afastado, receoso de despertar uma alma tão confiada e crente, na sua ignorância infantil; mas ele, conquistador sem escrúpulos, de palidez sentimental e cabeleira romântica, cantando ao luar fados chorosos que falam de amores infelizes com tremuras na voz e fundos ais arrastados, dedilhando a guitarra que soluça baixinho caricias de beijos gritando alto paixões estridulas... Ele, sem alma nem consciência, viu apenas a flor que se abria á vida e que as suas mãos brutais podiam desfolhar e arremessar depois como coisa inútil e sem importância.

Representou, mais uma vez, a vulgaríssima comedia do amor-paixão, em que ela, a pobresita, acreditou, exatamente porque era ingênua e pura, deixando-se arrastar, sem que houvesse mão amiga que a fizesse parar a tempo na descida perigosa.

Acabadas as férias, promessas feitas e juradas, ele partiu alegre e triunfante, ela ficou abismada na mais desesperadora tristeza.

A saudade, fustigando barbaramente a sua pobre alma mal preparada para o sofrimento, punha-lhe nas faces a palidez da morte e nos olhos arroxeados de incurável doença.

Os dias foram passando, os meses decorreram lentos e monótonos, e o desespero ia-lhe tomando o coração avassaladoramente, visto que ele, o ingrato, nem uma única palavra lhe enviara a encorajá-la e a dar-lhe esperanças. Confiando da Ama-Rita o seu segredo, conseguiu da pobre mulher — que a amava, mais do que aos próprios filhos, porque a criara com o seu leite — a promessa de receber e mandar as cartas para o namorado.

Enviou muitas, muitas, mas respostas nunca as recebeu, porque nunca ele lhas mandou.

Sentindo-se abandonada, quando mais necessário se lhe tornava o auxílio moral do homem que a enganara vilmente, e não podendo esconder por mais tempo o seu estado, foi ter com a mãe implorando proteção e piedade.

Contou tudo, por entre soluços e lágrimas, nem tentando sequer atenuar com uma desculpa a grandeza do delito, como se tivesse um prazer estranho em se torturar e deprimir, num princípio de expiação.

Quando a mãe compreendeu o verdadeiro sentido das suas palavras, possuiu-se dum desespero louco. Levantando os braços e os olhos ao céu, tomava-o como testemunha da sua ignorância e inocência em tão grande crime, como se o esperasse ver cair sobre a cabeça da pecadora que soluçava a seus pés.

Mas como do céu não baixou nenhum sinal indicador da cólera divina, ela afastou-se brutalmente, proibindo-a de sair mais do quarto.

Escreveu então ao filho, contando-lhe em poucas palavras o que se passava e encarregando-o de procurar o amigo, e — prometendo um bom dote a Manoela — fazer com que casassem imediatamente.

Essa carta, mandada pela Ama-Rita para Manoela ver, deixou-lhe no coração um vislumbre de esperança, naquele desejo que todos nós temos de nos agarrar ao menor luzeiro que prediga felicidade.

Mas a resposta não podia ser mais cruelmente aniquiladora: — o namorado de Manoela tinha casado, pouco tempo antes, com uma prima muito rica, e nunca mais pensara na criança que ia começar a expiação duma culpa que era só dele.

Não havia pois maneira de legalizar ao pequenino ente que vivia já da vida da infeliz mãe, a entrada no mundo e na família.

Tratou-se então de esconder um fato — que seria a vergonha para todos.

Levaram-na para uma casa meio arruinada, numa propriedade distante; e foi ali, entre rochedos desolados e na vizinhança lúgubre dos lobos que uivavam a sua fome pelos matagais, que Manoela, entregue aos únicos cuidados e carinhos da ama, teve uma filha.

Com que dólcido encanto, depois do martírio de algumas horas, em que as velhas paredes repercutiram os seus gritos lancinantes, ela acalentou nos braços o corpinho frágil, que era uma parte do seu próprio ser, e premia sob os seus lábios febris a carnesinha arroxeadada e setinea da pequenina face!

Nos olhos, que mal se abriam á luz, queria ela ler um infinito de ternura; da boquinha, que ainda não sabia sorrir e já sabia chorar, esperava talvez ouvir palavras de justiça e consolação...

E as lagrimas iam correndo serenamente pelas suas faces desbotadas, lagrimas que eram ainda uma felicidade, que em breve deixaria de possuir.

A Ama-Rita chorava também, sem coragem para de pronto lhe arrancar a criança, como lhe fora ordenado, na impotência de todas as boas almas para despedaçar uma ilusão alheia, principalmente quando toda uma existência está suspensa dum sorriso de criança.

Foi ainda a mãe que a veio arrancar desse passageiro sonho, anunciando-lhe como coisa decidida a sua entrada para o convento onde Sórora Gertrudes já a esperava.

Manoela revoltou-se: — o convento, a prisão para ela, que apenas fora uma vítima!?!... Pois era tamanha a sua culpa, santo Deus!?!...

—Era, sim, tão grande que já coisa alguma poderia lavar essa mancha do seu nome, recaindo sobre toda a família. Apenas o silencio e a ausência poderiam atenuar o mal fazendo-o ignorar do público!...

Soluçava baixinho, num grande aniquilamento de toda a vontade, escutando as palavras que saíam frias e ásperas da boca da mãe.

—“Bem, irei! — disse por fim Manoela, resignada — mas ao menos quero levar a certeza do seu perdão, minha mãe!...

—“O meu perdão?! Não, nunca poderei perdoar á senhora que assim desce ao nível de qualquer campônia sem princípios...

Então, sentindo-se ferida, mais pelo tom do que pelas palavras, que representavam apenas o seu orgulho de casta, a alma de Manoela levantou-se também com altivez.

Uma revolta surda a tomava toda, partidos definitivamente os laços que a prendiam a essa mãe que a repelia sem encontrar uma atenuante á sua culpa, sem um lampejo de piedade pela sua existência tão cedo anulada.

Embora! Se não lhe perdoavam os outros, absolviam-se ela a si mesma. Não conhecia o mundo; mas a sua consciência pressentia vagamente que não eram justos acusando-a duma falta que se baseava apenas no preconceito social, que entre dois cúmplices escolhe, para imolar como vítima expiatória no altar da hipocrisia, aquele que pela inocência e ignorância menor responsabilidade apresenta.

Avaliando bem — agora que a vida se lhe atulhava tal qual é: cheia de deveres e responsabilidades para os fracos, livre e tolerante para os fortes e cínicos...— a perversidade moral do homem que amara, uma grande repulsa, um grande desprezo lhe invadiu o espírito por tal criatura.

Vieram então novas cartas de Coimbra nas quais o irmão, numa fúria brava, contava como procurara o sedutor para o matar, como costumava matar os lobos que lhe ameaçavam os rebanhos, e não o poderá encontrar.

“Apenas lhe souberam dizer: que fora com a mulher passar a lua de mel, não lhe quiseram indicar para onde. Oh, mas havia de encontrá-lo, fosse onde fosse, fosse como fosse. Quanto á irmã, que desaparecesse — não a queria mais ver!

Manoela sorriu, já conformada.

Também ela não tinha vontade de viver mais com uma família que tão levemente a abandonara e era agora tão cruel na condenação.

—Sim, iria para o convento o mais depressa possível.

Mas duas condições punha á sua completa submissão: saberia onde ficava a filha, que não queria deixar entregue ao acaso, como ser desprezível que não merece a esmola dum afago; e fariam prometer ao irmão que não continuaria a perseguir o sedutor. Para quê?! Matá-lo era forçarem-na a lamentá-lo, quando era apenas desprezo e asco o que sentia por tanta abjeção.

Esquecessem-nos a ambos... Ela entraria desde já para o convento, sem nenhuma relutância.

O irmão cedeu, instado pela mãe, ansiosa por ver o caso liquidado como entendia ser melhor, sem mais desassossegos e desgostos.

Os outros dois irmãos, não tendo entrado na confidência, admiraram um pouco a súbita vocação de Manoela, mas como lhes não desagradava inteiramente, pois ficavam assim mais á vontade,— visto que a mãe, afora as horas de comer, raro saía do quarto, a não ser para a capela — aprovaram a resolução com toda a boa vontade.

## **CAPÍTULO 2**

Desde que obteve a certeza de que as suas condições eram acatadas, Manoela ficou apática e indiferente para tudo.

Deixava-se levar sem resistência para onde a mãe queria que fosse. No seu espírito não havia senão ruínas e desmantelos.

Sempre melancólica, sem raiz que a prendesse á vida, parecia nem sequer se preocupar com a filha que tanto a sobressaltara de princípio e deixava especialmente entregue aos cuidados da ama.

— “Adeus Ama-Rita, — dizia-lhe na última hora — estima a minha filha como me estimaste a mim, e que Deus a faça mais feliz do que a sua triste mãe! Até... um dia — em que nos havemos de encontrar.

Mas quando esse dia?... Não sabia, não via nada claro no seu futuro.

Encostada á varanda do quarto onde tanto sonhara e tanto sofria agora, passeava os olhos amortecidos por toda a montanha que limita o horizonte, e naquela ocasião, em que a primavera tudo cobria com o seu verde manto, se afofava em cambiantes de pelúcia cara.

Ao seu lado, a pobre mulher abafava os soluços que a sufocavam e limpava as lágrimas á ponta do avental.

Seguira-se a viagem, a cavalo, atravessando terras desconhecidas, onde gente espantada a seguia com a vista pelos caminhos poeirentos e pedregosos, deixando-lhe tal confusão no espírito que nunca saberia dizer por onde passara nem o que vira.

Logo á chegada, a mãe conferenciou com Sórór Gertrudes, tia do marido, agora superiora do convento, que a pouco e pouco iria acabando pela morte das

últimas freiras, e onde Manoela foi recebida em festa por todas essas tristonhas almas encarceradas precocemente envelhecidas.

A mãe partiu, sossegada enfim, sem saudades que a fossem mortificar ou distrair dos seus austeros deveres de boa católica.

Também a filha as não sofreu, porque nunca se tinham compreendido nem estimado aquelas almas, que ninguém diria tão estreitos laços uniam, tal a dessemelhança que involuntariamente as separava.

Manoela parece que vinha, inteiramente, do pai, de quem se lembrava vagamente, fazendo-a saltar nos joelhos, rindo e chalaceando com todos, enchendo a casa de vida e satisfação. E um dia, subitamente, estando sentado á mesa, do rompimento duma aneurisma morrera.

Quase se não lembrava do fato em toda a sua nitidez, tão longínqua era essa recordação, que ficara apenas na sua alma infantil como sensação dolorosa, a primeira tristeza na sua vida tão cheia delas.

Agora vinha encontrar, na tia, o mesmo caráter, essa amizade confiante que lhe faltara, essa alegria que tão bem fazia á sua alma dolorida.

Sentia-se envolver naquela atmosfera de paz, que nunca tinha respirado, e sentia-se bem naquele esquecimento de tudo quanto a fizera padecer.

Os dias sucediam-se aos dias, de quando em vez cortados por noticias de casa, que recebia indiferente; o tempo ia correndo sempre igual, com as mesmas festas aos mesmos santos, as mesmas rezas, as mesmas infantis preocupações de vestidos a bordar para o menino Jesus tal ou para a Senhora de invocação diversa, o presepe no Natal, o doce para a venda, a mesma comida sempre ás mesmas e invariáveis horas.

Mas um dia Sórora Gertrudes morreu.

Manoela tinha então vinte anos. Era uma criança pela simplicidade do espírito, que ficara ingênuo e ignorante do mal, apesar de tudo, mas era uma verdadeira mulher pela reflexão e pela dor.

Os últimos quatro anos passados naquela casa conventual tinham decorrido num meio sonho vago, que nem chegava a compreender bem.

Depois da catástrofe que lhe angustiara a existência, a alma tinha-se-lhe afundado num como branco nevoeiro, que a deixava viver inconsciente e passiva essa vida comum sem que nela tomasse verdadeiramente parte.

Dir-se-ia um meio estado sonâmbulo de que a morte da tia, a boa Sórora Gertrudes, a vinha acordar dolorosamente.

Como ia sentir a falta dessa querida velhinha, que lhe dera um afeto todo maternal na solidão em que a austeridade da verdadeira mãe lhe deixara o coração!

Logo ao entrar, passados os primeiros dias de surpresa, as palavras de conforto da boa velhinha tinham sido um grande bem para o seu espírito.

— Aconselhava-a a ter esperança — o futuro traz surpresas que não podemos prever... E ela era tão nova, santo Deus, como desesperar?! Sossegasse, estava entre boas criaturas que a amavam, e ela como tia a teria sempre junto de si. Ainda que o não fosse, estimá-la-ia na mesma, bastava ser uma criança que a desgraça lhe tinha tão tragicamente arremessado aos braços...

Tinha razão Sórora Gertrudes — Manoela era bem digna de piedade. Entrada apenas na vida, era dela expulsa com vergonha, e a sua mocidade, que mal desabrochava, iria fenecer entre as paredes frias dum convento. Quebrados todos os laços que a prendiam ao mundo exterior, o que ficava dessa pobre rapariga tão admiravelmente feita para amar e ser amada?

Sentia-se cair pesadamente num abismo. Fechando os olhos, estendeu os braços em busca dum apoio, e encontrou a mão trêmula, o sorriso alegre na sua boca desdentada, e a face macerada da freira, que para ela teria carinhos inigualáveis.

Bem sentia ela o cancro brutal, que a ia corroendo lentamente, mas nada dizia para não afligir a sobrinha.

Sorria dolorosamente quando uma picada mais aguda a fazia levar a mão ao seio esquerdo, num gesto mecânico, quase involuntário.

Manoela sobressaltou-se quando as dores começaram a ser mais amiudadas, lembrando-se da terrível moléstia que de quando em quando assaltava a sua família paterna.

A tia sossegava-a: — era um nascido que tinha havia muitos anos, não seria coisa de morte...

Mas nos últimos três meses a doença agravara-se caminhando rapidamente para o fim.

O cancro rebentara, vermelho, luzidio, enorme, deformando horrivelmente o pequenino seio estéril, branco como o marfim — esse seio que guardara com tanto recato durante sessenta anos e se mostrava agora na sua enfermidade horrível.

Quando Manoela o viu pela primeira vez, perdeu a cor, vacilou e só se conteve por um esforço de vontade, que se manifestava nela com a revolta natural contra mais esse golpe do destino.

Daí para diante nunca mais abandonou a tia, assistindo-lhe a todo o martirizante fim, sentindo, por assim dizer, na sua alma todas as dores que ela ia sofrendo no seu magro corpo esfacelado.

Foi-lhe enfermeira solícita, disfarçando a repugnância que lhe inspirava a ferida, que se ia arroxendo, com laivos azuis, quase negros, numa aparência asquerosa de podridão. Em volta a pele retesada do peito ia-se abrindo e esfarelado.

Manoela tinha sempre diante dos olhos a ferida horrível que tão cuidadosamente tratava, e que era o fim — ela sabia-o — dessa existência tão querida.

Por fim Sórora Gertrudes nem sequer se podia assentar na cama, e ela assistiu-lhe á agonia, que durou dois longos dias, — lento quebrar de cadeias que se tinham enferrujado mas não carcomido.

Quando a superiora declarou que chamassem Sórora Angélica para a substituir, porque já se não podia levantar e a morte não tardava, toda a comunidade acudiu em pranto: — era pois certo que Sórora Gertrudes as ia deixar para todo o sempre?!

Foi-se prevenir o capelão, que a confessou rapidamente, tal era a inocência dessa alma imaculada, e quando voltou com a comunhão todas as freiras e recolhidas ajoelhadas em volta do leito choravam silenciosamente, com os véus negros caídos sobre os seus rostos de cerusa.

Manoela encostara-se á cama, e a tremura do seu corpo fazia estremecer esse leito onde a morte já se instalara triunfante.

A cerimônia prolongou-se com o perdão que a moribunda foi pedindo a uma por uma das suas companheiras, numa voz que era já um eco de outra existência passada.

Quis a sobrinha sempre ali, e consolava-a com a esperança dum futuro melhor. Deixava-lhe o Menino Jesus do Milagre, que fora o seu companheiro de longos anos, desde que uma senhora freira do convento do Paraíso ali morrera e lho deixara por lembrança. E deixava-lhe tudo mais que propriamente possuía, e bem pouco era, naquela vida estreita de renúncia.

Dirigindo-se a Sórora Angélica entregou-lhe a sobrinha e pediu-lhe para ela todo o seu amor e carinhosa solicitude.

Custava-lhe muito deixá-la. Deus mandara-lhe ao fim da vida aquela suprema provação, que fora afinal a maior felicidade de toda a sua existência. Quando ela já se sentia cair na cova, com tão egoísta alegria, vinha aquele afeto imenso prendê-la á terra com laços tão fortes que ao parti-los metade da alma lhe ficava cá.

Fechou os olhos: imaginaram-na morta e já os soluços se ouviam mais altos. Mas não, era apenas um dormir de extenuamento que breve durou. Ao acordar já a voz lhe estava presa no estertor, que causava calafrios a todas as assistentes.

Fazia esforços para falar, queria talvez dizer coisas que a sua alma, já quase despreendida do mundo, via como nunca tinha visto enquanto a matéria a segurava á terra.

Os seus olhos, dum azul pálido, como desbotado pelos anos, voltavam-se para a sobrinha numa ânsia derradeira.

Choravam todas por a ver assim, implorando a morte que a viesse libertar do incomportável martírio.

Manoela escondia a cabeça na roupa, soluçando e gemendo apavorada; teria fugido àquele espetáculo superior ás suas forças, se a moribunda lhe não tivesse agarrado desesperadamente as mãos como última ancora...

A situação prolongava-se pela noite fora, e tão pungitiva que todas se entreolhavam em pânico.

Era alta noite quando uma criada, vinda do campo havia pouco, se propôs pôr termo àquele martírio, voltando a senhora. E explicava, muito sabida e vista nessas coisas:—que era o demônio que estava ali, não deixando morrer a senhora, enquanto estivesse deitada sobre o lado esquerdo. Vingava-se assim de não lhe poder levar a alma, que era de Deus, pela muita bondade da Madre-Superiora.

Todas acreditaram piamente na explicação da rapariga; não estava o Livro da fundação cheio de fatos que comprovavam as tentações e malefícios do eterno inimigo das esposas do Senhor, especialmente dirigidos contra as piedosas irmãs daquela santa casa tão rica em milagres e indulgências?!...

Aceite o alvitre, voltaram o corpo pesado, que a morte já quase gelava completamente, deixando-lhe apenas aquele imenso sofrimento como despedida duma existência de que não conhecera senão as tristezas.

Mal lhe tocaram, despediu num suspiro o último lampejo de vida, tal como aqueles cadáveres conservados intactos por anos e anos nos seus túmulos sossegados e logo que se lhes toca, trazendo-os ao ar, se desfazem em pó.

### **CAPÍTULO 3**

Manoela saiu do dormitório logo que a tia deixara de existir.

Cambaleando, os olhos secos, a alma vazia, sem a sensação dolorosa da pena, como se a tivessem magnetizado para a furtarem ao sofrimento, apenas uma necessidade material a impulsionava.

Tinha sono — havia tantas noites que não dormia!

Agora que tudo estava acabado, que não havia uma esperança a sustentá-la, estonteada, inconsciente, deixava-se vencer por esse torpor que segue a excitação dolorosa de dias sobre dias de expectativa diante da morte. A natureza retomava os seus direitos, e a reação era tanto mais violenta quanto fora maior o domínio do espírito sobre a matéria.

Logo na pequena sala contígua ao dormitório, que fazia de livraria, deixou-se cair numa cadeira sem força para ir mais longe.

No dormitório ia um vai-vem silencioso que mais parecia mover de sombras num pesadelo. As freiras ciciavam ordens às criadas, acendiam-se luzes, rezavam baixinho, limpavam as lágrimas que teimavam em enevoar-lhes os olhos, e levantavam com respeito a morta para a vestirem como havia de ir para a cova, com o mesmo triste habito que trouxera em vida e logo ao entrar para o convento, noviça ingênua e formosa, lhe tinham dito que seria a sua mortalha.

E assim, eternamente amortalhada, passava da tristeza de viver ao único sono consolador dos infelizes, porque é daquele que se não acorda para sofrer mais.

A sua face, serenada pela morte, refletia a suprema felicidade de não existir conscientemente num triste mundo tão cheio de desacertos e injustiças. As freiras benziam-se e murmuravam baixinho, pondo as mãos com devoção: — que o seu rosto de santa refletia já todo o gozo da bem-aventurança.

Manoela, abrindo os olhos no meio sono em que ficara embebida, viu os pés da morta calçados com as sandálias da ordem, magros e compridos, atados com uma fita para não descaírem; e, mergulhando de novo em letargo, sonhou que esses pés caminhavam por sobre o seu corpo desfeito e lhe batiam com força no coração. E a sensação foi tão dolorosa e a dor tão forte, que acordou de vez, sentindo realmente uma pontada que lhe suspendia quase a respiração e a fez gritar levando as mãos ao peito, sufocada.

Foi quando Sórora Angélica veio ter com ela e a conduziu para o segundo dormitório, fazendo-a deitar na sua própria cama, encarregando uma irmã leiga de a vigiar e acompanhar. Então Manoela caiu num sono pesado e mau, cheio de sonhos que a faziam chorar e gemer baixinho como quem se sente estrangulado, sem poder gritar, e a que a irmã leiga punha termo chamando-a carinhosamente e abanando-a de leve todas as vezes que a sentia.

Era já manhã quando a vieram chamar para assistir aos responsos que se iam fazer no coro e para os quais toda a comunidade se preparava.

Levantou-se sobressaltada, sem nada perceber, como quem acorda dum terrível pesadelo e reconhece com surpresa que ainda existe na vida tal qual a deixara... Atiraram-lhe o véu para a cara, compuseram-lhe o vestido, e levaram-na pelo braço, sem que compreendesse intimamente de que se tratava. Mas quando se encontrou no coro e viu a morta estendida no chão sobre um pano preto, entre quatro grossos tocheiros, os padres rezando os responsos, e toda a comunidade em volta com os véus caídos e segurando velas acesas, compreendeu finalmente o que se passava, a sua alma despertou para o sofrimento intenso da pavorosa realidade.

Já não havia dúvida possível, e a noite, que se passara num atordoamento de sonambulismo, aparecia-lhe agora em toda a sua nua e horrível fatalidade.

Debaixo do véu que lhe cobria o rosto, as lágrimas corriam sem cessar mas já sem explosão de soluços, tão amargas e lentas que cada uma parecia vir arrastando um pedaço da sua alma esfacelada.

Procurava nessa face amada, coberta igualmente com o véu preto, o sorriso bondoso, o olhar de carinho, que em quatro anos de reclusão a tinham feito esquecer que a vida existia fora daquelas paredes soturnas.

O véu era denso bastante para lhe velar a face, mas nada obstava a que os seus olhos alucinados vissem, debaixo do grosseiro hábito, o peito intumescido escancarando-se na repelência da ferida.

Finda a encomendação, seguiu atrás das freiras, velhinhas alquebradas e esquecidas pelo mundo, que assim iriam rareando, uma por uma, na longa fila que vinha do coro.

Era o último enterro a que assistia ali, porque a nova lei proibia enterrar fora do cemitério público e fora não pequeno trabalho para se conseguir das autoridades aquela exceção em favor de Sórora Gertrudes, que era conhecida e estimada em toda a terra.

Manoela tremia de pavor observando a serenidade extática das freiras, que não se distinguiam umas das outras, com os véus negros derrubados, as velas a arder na mão direita, hirtas e silenciosas e graves como espetros.

Lá dentro, — quem sabe? — talvez que as suas almas tremessem de frio a cada sacudidela do vento da morte que ia levando uma a uma as companheiras de muitos anos, e que nunca mais seriam substituídas.

Já no refeitório iam faltando tantas que, ao meio dia, a hora antigamente tão alegre de jantar, — quando sobre as toalhas de linho alvejante os moringues de barro de Estremoz marcavam nas mesas estreitas e compridas, voltadas para o púlpito, o lugar de cada uma — mais parecia que a sineta chamava para um banquete de sombras.

Os padres iam compassando os responsos, rodeando a cova onde já repousava o cadáver, e cada um ia deitando uma pá de terra, seguindo-se na cerimônia toda a comunidade.

Ah, bem feliz era Sórora Gertrudes que ainda encontrava um abrigo santo junto das suas irmãs, vivendo com elas no eterno sono, sob o abrigo das arcarias do claustro florido, acalentada pelo murmúrio fresco da fonte que transbordava na sua concha de mármore. As outras—pobres delas! — já não teriam na morte esse mesmo abrigo sagrado e seriam relegadas a mãos estranhas e indiferentes, esquecidas nesse campo desabrigado e devassado por todos os olhos profanos, que eram os novos cemitérios.

As velas tremiam nas mãos enrugadas das pobres velhinhas.

Das trinta e três freiras que o Livro da fundação dava como limite para a comunidade, homenagem piedosa aos anos de Cristo, e que ao soar a hora, que para muitos fora de redenção e para elas de mágoa, se preencherá á pressa,

abreviando as profissões das noviças, já quinze dormiam insubstituídas sob as lajes do claustro.

Sentindo o lento caminhar das vivas, que eram como fantasmas errantes nesse asilo guardado pela morte, sentiriam a doce ilusão de assistirem com elas na vida comum.

Olhavam-se apavoradas, as velhas freiras, a cada nova escolhida que a morte vinha tocar com o seu beijo gelado, e murmuravam entre si: — de qual será agora a vez? —terrificadas com a ideia de serem a última.

Sóror Claudea, com o seu olhar sombrio e desvairado, seguia a cerimônia fúnebre com tremuras convulsivas no seu corpo magro de que a loucura histórica fizera uma boa presa.

Dantes também morriam, é certo, mas a cada cova que se fechava abria-se a porta a uma noviça que tomava o véu preto, e no simbólico número se ia conservando sempre a comunidade.

Manoela soluçava agora, vendo cair a última pedra que a separava para sempre da boa tia, que era a sua única grande afeição no mundo — tão diluída tinha na memória a lembrança do passado que a filha era apenas uma vaga recordação, tão pouco pungitiva como a que lhe ficara do pai, que mal conhecera.

Sóror Angélica ficara superiora sem quase se proceder á cerimônia da eleição, tanto se impunha a todas a sua inteligência, a sua energia, e a sua cultura, rara entre as senhoras daquela casa de regra áspera e humilde.

A nova superiora era uma boa e valiosa amiga para Manoela, considerando como um dever estimá-la tal qual o fizera Sóror Gertrudes, que tão solenemente lha entregara.

Mas Sóror Angélica era um espírito mais varonil e enérgico, e, se dava amizade segura e proteção incondicional, não tinha como a tia de Manoela os carinhos e as delicadezas dum espírito que tinha ficado menino apesar da esterilidade duma vida sem família própria.

A nova superiora era respeitada por todas; a antiga tinha sido amada e era chorada como uma boa mãe.

Se Sóror Angélica tivesse nascido anos atrás, seria uma dessas preladas temidas e escutadas por todos, porque sabiam fazer valer a força do seu direito e pesar a influencia das famílias, da fortuna e do nome profano de todas as suas governadas, em qualquer questão que as interessasse.

Se tivesse nascido alguns anos mais tarde, seria, em qualquer campo para onde dirigisse os seus passos, uma criatura representativa, uma destas influencias que todos procuram captar para o seu lado porque em toda a parte entra com o valor da inteligência, da energia e da tenacidade, qualidades sempre raras em todos os tempos.

Superiora sem importância num convento desapossado de todos os seus rendimentos e que existia apenas enquanto vivessem as últimas freiras — como existe, sustentado pela hera que o reveste, o velho muro em ruínas — Sórora Angélica era um desacerto porque era uma força inutilizada.

Desde que ficou naquele quase isolamento, o espírito de Manoela começou a acordar, a debater-se para sair do torpor em que esses quatro anos animalhados lhe tinham adormecido a alma.

Essa loucura ardente da fé que despreza o presente pela vaga esperança dum futuro cheio de delicias, já por vezes a compreendia, exaltada pela devoção e pelas leituras místicas que a superiora lhe indicava. O caminho que leva á sarça em fogo onde se consomem as pobres almas doentes, que dão as Santas Terezas de Jesus, já por vezes se abria diante da sua imaginação inativa e do seu coração amável tão implacavelmente impellido pelo destino para a solidão e o desamor.

Naquele meio de apertada devoção, no silencio dos grandes corredores pontuados de capelinhas milagrosas, o seu espírito inclinava-se para um misticismo apaixonado e obsessivo, como tudo seria naquela alma de peninsular temperada e subtilizada pelo sofrimento, que vencera sem queixa.

Andava vagarosamente pelos claustros lajeados, sentindo-se presa dum respeito supersticioso por essas pedras que cobriam corpos macerados de santas; tinha sorrisos silenciosos, gestos vagos de corpo apenas vivo pela esperança de se consumir em breve e reviver só em espírito purificado.

Á hora das orações rituais, assentava-se com as companheiras nos cadeirões de pau santo, que se defrontavam em duas filas sobrepostas e dantes eram só destinados ás professoras, e pensava que a vela benta que as separava era a alma de cada uma das freiras que ardia no amor apaixonado do Senhor seu Esposo e seu Deus.

O bruxuleamento da luz sobre as paginas do livro de ofícios, que seguia por dever, tinha para a sua mente enfebrejada a significação clara dum suspirar de espírito aspirando á eterna bem-aventurança.

Ali, naquele coro grande como uma capela, revestido de azulejos policromos, cheio de santos e relicários preciosos, que irradiavam na meia obscuridade das suas douraduras e pedrarias, numa luz quase de sonho, Manoela gastava os seus longos e inúteis dias.

O coro era, como tinha sido sempre desde que se fundara aquela casa, o único luxo, o cuidado e gosto de todas aquelas almas privadas doutras delicadezas e distrações feminis. Privadas até de irem á igreja, que Manoela contemplava extática pelas grades estreitas, revivendo a vaga recordação que lhe ficara do dia da entrada, quando os seus olhos enevoados pelas lagrimas a tinham visto sem lhe poderem dar o verdadeiro valor.

O convento nem se via de fora, construído em quadrado por traz da igreja que o guardava, imperturbável e austera como sentinela incorruptível da fé.

A igreja era magnífica, nada dizendo com a humildade da regra nem com a modéstia do resto da casa: duma traça arrojada, em que as colunas em mármore cor de rosa subiam em cordas espiraladas, até se juntarem na cúpula alta e sonora.

As janelas, do nosso gótico rendilhado a que se chama manoelino, conservavam ainda restos dos antigos vitrais, que deviam ter sido dum brilho e colorido que encheriam de encanto as naves silenciosas.

Os painéis, que a rodeavam, sobressaíam das largas molduras doiradas e entalhadas, pelo colorido um pouco frio e o desenho convencional e rígido do estilo que se impunha no tempo em que uma grande dama da corte se lembrara, apaziguando talvez recordações importunas duma mocidade cheia de doces culpas, de fundar aquela santa casa onde, propositadamente, só á igreja fora dada a magnificência e o fausto devidos ao Senhor onipotente, dispensador de todas as graças, arbitro de todo o julgamento. Para as Esposas, as virgens oferecidas como vítimas expiatórias do pecado deleitoso da fundadora, a humildade, o desconforto, e a aspereza da regra.

Contemplando a igreja, Manoela sentia-se amar um Deus imenso e majestoso, arrastando púrpuras e fazendo refulgir as jóias da sua coroa imperial por catedrais góticas de naves ressoantes, cheias de grandezas e mistério. Prostrava-se ante o seu trono de luz nessa corte celestial tão fantástica e deslumbrante, que lhe descreviam as almas crédulas e os livros piedosos.

O Cristo torturado, empalidecido e humanizado pela dor, não o compreendia ali, no luxo e na grandeza da arte, como o poderia compreender na igreja humilde da sua modesta aldeia.

Ali era um Deus para camponeses e para as almas simples; aqui era um Deus aristocrático e soberbo que se impunha aos grandes e aos poderosos.

Preso naquele deslumbramento, que a fazia viver uma existência á parte, Manoela assim iria gastando a existência se não viesse um banal incidente chamá-la a si, chamando-a á vida com novos interesses e novos deveres a cumprir.

Ama-Rita, a boa mulher que nunca a esquecera, escrevia-lhe uma longa carta, de letra tortuosa, quase ininteligível, que ela decifrava a custo. “Só passados sete anos lhe escrevia, porque a senhora lho tinha proibido e, não sabendo escrever, não confiava em ninguém da terra para fazer uma coisa contra a sua ordem. Agora era a sobrinha, a Luisa da Roda, que o fazia. A menina devia lembrar-se dela, eram da mesma criação, tinham brincado bastante em pequenitas... Viera de servir, mas tão doente que o mais certo era não poder voltar. Podiam confiar nela e enquanto vivesse não teria a menina falta de cartas”.

Manoela tinha os olhos rasos de lagrimas ao pensar na pobre rapariga, talvez tísica, que tinha sido sua companheira de infância, dessa breve infância que lhe vinha, numa lufada sã, evocada por essa mal redigida carta de campônia. Era um pedaço da sua rude terra, que a urze e o rosmaninho incensavam.

Depois, as noticias alongavam-se: — este que tinha ido para o Brasil, aquele que voltara da tropa, casamentos, batizados, mortes... e por fim, numa linha só, como misteriosamente, a causa primaria de se ter escrito aquela grande carta: — “A menina criava-se muito bem; a menina era muito linda”.

Mais nada... E, no entanto, que mundo novo de pensamentos e de paixões essas poucas palavras desenrolavam diante dos olhos e do coração da triste reclusa!

O seu espírito, adormentado numa crise de misticismo para que a predisponha o meio ambiente, reagia agora com toda a energia, porque a sua alma não era feita para vagas abstrações; antes fora, era, e seria sempre, uma mulher humana, nascida para viver e sentir humanamente a vida, com todas as suas amarguras e alegrias compensadoras.

A filha!... Quase a tinha esquecido, naquele viver sem consciência de si própria, que fora a sua existência ali.

Como poderá resignar-se durante tanto tempo só com a certeza de que esse pequenino anjo, que era a carne da sua própria carne, vivia, nessa terra longínqua e áspera, sob os cuidados da velha Ama-Rita? Sentia remorsos e

agradecia intimamente á boa serviçal, que assim a chamava á vida lembrando-lhe o cumprimento do seu dever.

Relendo aquela frase incolor, sentia que dentro da sua alma se ia levantando outro altar, criando uma nova religião, que mal sabia como era difícil de harmonizar.

Encostada ás grades da janela do dormitório, para onde viera na ânsia de se encontrar a sós com a sua própria alma, olhava o campo que se estendia num verde luminoso, com um castelo ao fundo, na imponência de cenografia espetaculosa.

Na cerca a nora gemia e a água caía no tanque donde era tirada para as regas.

Esse murmurar da água corrente evocava-lhe o passado distante, a sua terra, o fiozinho de água transparente a deslizar por entre os choupos, ao fundo da sua quinta, e aquela pequenina enseada onde se ia esconder, num desejo calmo de solidão, a olhar a água saltando de pedra em pedra num grande esforço de quem vem exausto de longa caminhada.

Recordava, com tanta saudade que chegava a ser uma dor material, essa época tão afastada para o seu espírito que já parecia ter pertencido a outra existência, as horas que passara ali sozinha, idealizando um futuro de poesia e de romance, como o idealizam sempre as mulheres que uma educação racional não preparou para entrar na vida pela porta ampla e sem mentidos encantos da realidade.

Recordando todo esse passado, para sempre morto, a sua alma tão cruelmente torturada e tão profundamente humana acordava num alvoroço.

Chamavam-na para a vida, e ela vinha toda inteira, corpo palpitante, coração sangrento pronto a entregar-se a um novo ideal.

Desde esse dia nunca mais deixou de pensar na filha, que se tornou a sua obsessão; sentia-lhe a vozinha de choro chamando-a mãe; via-lhe o pequenino rosto, que idealizava duma pureza de linhas que só igualariam os anjos das pinturas rafaelescas; tremia com a ideia de que podia uma doença cruel arrebatá-la sem que a tivesse uma vez sequer acalentado nos braços.

Já não rezava como dantes, mas ainda passava no coro as melhores horas da sua vida, ajoelhando-se de preferência diante duma grande Virgem que a lenda dos seus milagres tornava célebre em toda a cidade.

Dizia a crônica: — que essa imagem viera de Candia com destino a Espanha e fora por milagre trazida á cidade. Recebida entre musica e fogos de artifício, foi

levada em procissão e confiada às freiras que tinham fama de mais virtudes entre todos os conventos da terra. De tal maneira se avigorou a fé nos milagres da formosa imagem que raro era o dia em que a irmã rodeira não recebia, de pobres criaturas sofredoras, bilhetes e cartas implorativas dirigidas á Virgem para serem colocadas sob a sua guarda. A crença no milagre, o último refugio dos fracos que não podem resistir á dor, fizera da bela Senhora uma consoladora permanente como dispensadora desse beneficio inestimável para a maior parte dos seres humanos: a ilusão.

Também Manoela se afervorava na devoção pela milagrosa imagem; mas o motivo que a arrastava até aos seus pés e a prostrava agora em êxtases era mais humano do que místico. É que diante dessa Virgem, que era uma mulher que a escultura traçara com toda a verdade, sustentando nos braços um pequenino Jesus, filho humano e verdadeiro, que ela, humanamente mãe, acariciava com a doçura do seu olhar veludoso e a carícia dum sorriso angelical, sentia a sua alma pacificada, sentia-se irmanada no mesmo sentimento.

Essa mulher, mãe dum Deus, não a perturbava, porque era bem mulher, bem maternal, para compreender o sobressalto do seu coração, a saudade que a sufocava por esse pequenino corpo adorável, leitoso e macio, que apenas poderá ver e beijar á nascença. Aspirava pela carícia dos seus braços roliços e da sua boquinha perfumada; morria de paixão por esse entezinho dealbante, que lá longe ia crescendo e vivendo rudemente entre camponeses, que mal a saberiam amar.

#### **CAPÍTULO 4**

Num inverno úmido e triste em que o claustro, a igreja e o palratório chegaram a sofrer uma inundação que muito assustou a comunidade, Manoela tremia arrepiada sob o manto curto das recolhidas, e pensava com horror no frio que arroxearia as pequeninas mãos da filha que se aninharia ao canto da lareira fumarenta da miserável casa onde se criava, por essa invernia inclemente que tudo abafava sob a nevada deslumbrante.

Sentia o pavor da sua almazinha trêmula, quando os lobos esfomeados rondassem o povoado, acoçados da montanha pela neve, e as ovelhitas tímidas se aconchegassem no curral balando tristemente.

Ah, ela não podia acostumar-se á ideia de que a filha, a sua querida filha, viveria assim eternamente sem conforto nem os mimos que para ela sonhava.

Já por vezes tinha tentado convencer a mãe, levá-la ao esquecimento e á tolerância pelas suas humildes súplicas, mas nada até aí a tinha demovido do

seu propósito de conservar em mistério a existência daquela criança que a seu ver não era do mesmo sangue que das suas veias tinha passado às da filha, e da filha á neta, na continuidade fatal da natureza.

Manoela insistia, pedia ainda; mas a força instintiva do amor maternal, que a impulsionava agora, começava a fazê-la admitir a revolta contra esse poder que a natureza naturalmente afrouxa, porque assim o acha necessário para a conservação da espécie, embora os homens o tenham querido fortalecer com as suas leis e costumes antinaturais.

Sóror Angélica, como superiora e como amiga, continha-a e aconselhava-a a conformar-se com a vontade de Deus...

—“Depois, — dizia-lhe ela, um dia, aspirando deliciada a flor perfumosa duma angélica que se abria num vaso colocado na varanda da sua cela de superiora, mimo gracioso duma das suas amigas da cidade — depois, Sóror Manoela, de que lhe serve ir contra a vontade de sua mãe?!... Não é ela a senhora da casa?... Não é ela que tem só o poder do dinheiro?”

—“É a senhora, porque nós, os filhos, assim o queremos; mas não sabe, Madre Angélica, que temos direito a puxar pela herança de meu pai e exigirmos a nossa parte?... Por pouco que seja, dar-me-há o bastante para viver com a minha filha...

Por menos que Manoela soubesse das leis que governam os homens, sabia o bastante, pelas relações mundanas entretidas entre o convento e a sociedade, para conhecer o direito que a tornava senhora da sua pessoa e da sua fortuna.

—“Revoltar-se, Sóror Manoela, cuida que isso lhe daria felicidade?!... Santo Deus! Os pais representam na terra a autoridade divina. Triste daquele que no pecado procura a coragem bastante para lhe fugir!...

—“No pecado?...—murmurou Manoela, limpando as lágrimas.— E não será maior pecado o meu se deixar morrer ao abandono a minha filha, esse pobre anjo que não tem culpa nenhuma de ter sido chamada á vida?!...

—“Sim, é uma grande culpa que sua mãe levará ao tribunal supremo, mas quanto maior não seria a sua, minha pobre filha, se levasse a de rebeldia e de orgulho filial!... Não chore! Tenha resignação; se soubesse quantas lagrimas têm chorado outros que... que... que por fim se resignaram a não viver senão com a esperança na morte!...

E Sóror Angélica desviou-se um pouco, abafando no lenço um soluço que não pude vencer.

—“Madre Angélica?!...— interrogou ansiosa a recolhida. — Porque chora? Também, como eu, sabe o que é sofrer o peso duma vontade alheia, que esmaga o coração?

—“Ah, minha filha, se sei!... Não queira, Sóror Manoela, sofrer como eu sofri... como nós sofreremos... a tirania duma ordem, que despedaçou duas existências!...

A freira, que tinha sido uma das últimas professoras, não era ainda muito velha, mas o seu rosto, amargurado agora pela recordação, evocava um tal passado de dores e sacrifícios, que Manoela, inconscientemente, curvou-se para lhe beijar as mãos, que juntava num gesto de imploração extrema, numa prece em que ia toda a sua alma de mística e de sofredora.

Depois, mais sossegada, sentando-se junto da mesa de trabalho, convidou a recolhida a sentar-se num pequeno escabelo e disse:

—“Sóror Manoela, o que lhe vou dizer julgava-o para sempre sepultado no fundo da alma, tão esquecido e longínquo como se o lera duma outra infeliz, num desses livros da nossa santa casa. Mas Deus Nosso Senhor inspirou-me a ideia de lho contar para que nesse exemplo Sóror Manoela encontre força para resistir á tentação diabólica que a impele á revolta contra a vontade de sua mãe. Sóror Manoela, houve numa terra linda do Alentejo uma família que juntava aos seus pergaminhos de fidalguia uma grande fortuna em terras e dinheiro. Era pai e filho no tempo em que... em que os conheci. O pai era o tipo acabado da nobreza altiva e autoritária; o filho a bondade, a inteligência e a docilidade numa só criatura humana reunidas. Em pequenino ficara órfão de mãe, entregue aos cuidados duma velha parenta que o educara e cuidara como um perfeito cavalheiro.

O seu gosto e a sua alegria estavam só nos livros que folheava sem descanso e na pena com que se servia para versejar... ás escondidas. Só uma pessoa sabia do seu crime, como ele lhe chamava, a rir...— e Sóror Angélica sorriu tristemente para esse fantasma saudoso da mocidade. — Era uma pupila, do pai, órfã e morgada como ele. Oh, Sóror Manoela, se soubesse como se compreendiam e se amavam aquelas duas almas que o destino parecia impelir uma para a outra!... Ambos novos, ambos sem um coração de mãe que lhe tivesse sido refugio e consolação, ambos ricos, ambos filhos únicos e ambos sentindo os mesmos prazeres, e tendo os mesmos gostos simples e modestos. Oh! deixassem-nos ler as lindas historias de cavalaria que a velha prima alinhava com amor na biblioteca do seu quarto; deixassem que ele lhe recitasse as suas poesias enquanto ela matizava um bordado, sob a proteção carinhosa da velhinha, que lhes queria como a filhos gêmeos do seu coração... e eram felizes.

O que lhes faltava? Apenas a idade para que o pai consentisse no casamento, que via também com olhos complacentes.

—“E casaram?...—perguntou Manoela, seguindo com vivo interesse a linda historia de amor que lhe rasava os olhos de lagrimas, a ela que do amor tivera apenas uma fugaz e mentida visão.

—“Não, não casaram — respondeu a freira, sorrindo, apesar da dolorosa contração da sua face marfínea. — Não lhe disse que o morgado era um homem ainda novo e belo, apesar dos seus quarenta anos? Pois era... Ao contrario do filho, montava com garbo um cavalo andaluz, que ninguém domaria como ele, só com a pressão dos joelhos e a firmeza da sua mão de rédea; sabia aprumar-se numa sala diante dos cavalheiros e curvar-se, como ninguém, num requinte de gentileza, diante das senhoras; jogava como um verdadeiro fidalgo, sem que ninguém podesse perceber-lhe no rosto se perdia ou ganhava... enfim era querido e procurado por todos e convidado com o maior empenho pelas famílias aristocráticas da província e da capital. A quantas formosas raparigas não teria sorrido a ideia de o terem por marido e quantos pais o não teriam desejado para genro? Ele ria-se dessas pretensões e estava bem convencido de que o seu destino estava traçado em ver a felicidade do filho e receber os netos para herdeiros e continuadores do seu nome. Mas, um dia, o morgado viu uma senhora que se apoderou do seu coração, e desde logo deixou de se pertencer. Era uma mulher formosíssima e igualmente rica, mas dum orgulho que nada havia que pudesse igualar. Apaixonou-se tão loucamente que desde a hora em que a viu até que a morte o levou nunca mais teve vontade nem pensamento que não fosse a dela ou por ela inspirado. Apresentou-se como pretendente á mão da orgulhosa fidalga, e, apesar da sua idade e da concorrência de muitos outros candidatos, foi aceite.

A ambiciosa calculava o valor das fortunas reunidas e optara pela pretensão do morgado, que lhe dava margem a viver na opulência e grandeza que sonhara. Mas... o morgado tinha um filho, o herdeiro da casa, o futuro morgado e senhor, que mais tarde, morto o pai, a esbulharia dos seus direitos de posse, nada deixando para os filhos que pudesse vir a ter.

—“O que fez então?

—“Oh, a desventurada sabia bem conciliar as coisas; só não soube conciliar a felicidade própria com a dos outros!...

—“Casou com o filho?

—“Não, que horror! Pôs como condição para o casamento com o morgado que o filho... se fizesse padre.

—“Oh, que sacrilégio! E o morgado aceitou?!

—“Assim foi. Em vão o filho e a pupila lhe pediram, de joelhos, que os deixasse casar; em vão ele ofereceu a sua desistência ao morgadio. Ricos seriam os dois — com o seu trabalho e a fortuna de... da pupila do pai. Tudo debalde! Ele foi implacável, porque ela o foi também. A lei só lhe garantia a posse do morgadio para os filhos se o verdadeiro morgado fosse frade ou padre...

—“Que desespero! Que mulher tão má! E depois, Madre Angélica?...

—“Depois... ele foi padre!

—“Oh!... E ela?

—“A noiva?

—“Sim, a noiva do rapaz.

—“Essa cuidou morrer de desgosto, mas deu-lhe o Senhor coragem para resistir á doença do corpo e á da alma e... professou também.

—“Freira? Resignada, resignados ambos?... Que almas eleitas, meu Deus? Mas... morreram?

—“Ele morreu. Dorme ha muito na paz de Deus. O seu corpo ficou, a seu pedido, no claustro do convento que fundou quando ficou herdeiro da fortuna...

—“Como?! Então sempre foi morgado?

—“Sim. A maior dor foi essa!...

Sóror Angélica encostou a cabeça á mão e as lagrimas escorregaram-lhe por entre os dedos, uma a uma.

—“Mas porque não fugiram? Para que se sujeitaram a essa lei odiosa?!

—“Porque ele era o pai. E os filhos não podem ir contra as suas ordens terminantes. Sujeitou-se, sacrificou-se, pela felicidade paterna. Mas... pouco tempo depois a nova morgada, apesar de rica, autoritária e feliz, não pude resistir á fatalidade. Logo ao dar á luz o primeiro filho morreu, cheia de pavor do castigo, consolada e amparada pelo homem que sacrificara ao seu orgulho e ambição. Meses depois, o filhito que ficara o herdeiro da fortuna morreu também deixando o pai consumido de remorsos, envelhecido e triste, e

herdeiro de toda a casa. E aqui tem porque, sendo padre o filho mais velho, sempre este ficou o infeliz herdeiro de toda essa fortuna maldita.

—“Então não acha, Madre Superiora, que foi absurda, que foi até um crime essa obediência que destruiu duas vidas?”

—“Sóror Manoela — e a voz da freira tinha uma entoação grave, que nunca lhe conhecera, como se fosse o eco apenas duma alma pairando muito alto — esse absurdo não deixou remorsos nas almas que se irmanavam e se amavam até ao infinito. Ele morreu sorrindo e perdoando; ela... vive na esperança duma vida melhor, sem que — graças a Deus! — tivesse sentido ainda a dor amarga de ter causado o mal alheio.

—“Amarem-se dessa maneira, terem diante de si a vida, e matarem por suas próprias mãos toda a esperança de felicidade, Senhor! Como tiveram coragem? Eram decerto duas almas santas — não se podem tomar como exemplo... E não posso, não posso seguir o seu conselho, Madre Superiora! Se os velhos são egoístas e impiedosos, os novos têm direito a reclamar a sua parte de felicidade na terra.

—“Faça o que entender, minha filha. Mas fique certa que, volvidos tantos anos e choradas tantas lágrimas, ainda não trocaria a paz da consciência e a doce consolação da minha saudade por uma alegria construída sobre as ruínas doutra existência...

—“Pois era a Madre Superiora?!...”

—“Eu, sim, que não tive nenhum mérito, porque ele e só ele foi o inspirador da nossa conduta, ele o filho heroico que sacrificou, sem um protesto, a felicidade própria á felicidade de alguns anos de seu pai!...”

As duas calaram-se, entristecidas e como que suspensas, ouvindo uns gritos lancinantes que vinham da outra extremidade do corredor.

—“Pobre Sóror Claudea!...— lamentou Manoela — Anda agora tão louquinha!

—“Aí tem, Sóror Manoela, uma que se não pude resignar de boamente...

—“O quê? Ela não foi sempre assim?”

—“Oh, não! Era a mais alegre, a mais encantadora, a mais viva de quantas têm vindo a esta casa procurar o repouso e a felicidade... que nunca pude encontrar entre nós. Se a visse!... Sóror Claudea nunca teve vocação para freira e nunca pensou que o poderia ser. Se entrou para o Convento das Bernardas foi na ideia

de que de lá seria fácil fugir á tirania do pai, que a queria fazer professa a todo o transe.

—“Meu Deus! Mas porquê?!”

—“Porque a fortuna da casa era pequena e era preciso que ficasse toda reunida nas mãos do filho mais velho, o representante da família.

“As irmãs e irmãos de Madre Claudea espalharam-se, resignadamente, por vários conventos e foram homens e senhoras muito respeitados na religião. Ela é que se revoltou sempre, porque, para seu castigo, desde pequenina que queria, com um amor profano e intenso, a um moço de modestos recursos, filho segundo como ela, que se desesperava por a não poder furtar ao poder despótico do pai.

“Começava nesse tempo a falar-se nos liberais que se juntavam no desterro para conspirar, os quais, dizia-se, eram recebidos de braços abertos pelo imperador, desde que mostrassem ser homens de valia e de coragem. Se a causa liberal triunfasse, dizia-se, esses ficariam ricos e cheios de dignidades. Na esperança de por esse meio conquistar a fortuna que lhe asseguraria a felicidade sonhada, o rapaz emigrou e voltou mais tarde com as tropas liberais pondo em todos os atos de coragem da sua brilhante carreira militar o único fito de libertar a mulher que amava, presa num convento e obrigada a professar, embora protestasse sempre e chorasse sem descanso durante toda a cerimônia.

—“Assistiu a essa cena, sem lagrimas, Madre Angélica?”

—“Felizmente não foi no nosso convento que a fizeram professar, mas, embora as freiras chorassem e a lamentassem, o que lhe podiam elas fazer?... O sr. bispo era parente da família, e o sr. bispo é que aprovou a profissão.

—“Pobre mulher!...”

—“E bem desditosa! Quando o namorado chegou a Portugal soube da sua profissão violentada, mas não desanimou. Combinou as coisas de modo que se pude corresponder com ela e... combinaram a fuga.

—“Sóror Claudea fugiu?”

—“Sim, chegou a sair do convento, descendo por uma corda da altura dum segundo andar. Quando chegou á rua onde ele a esperava tinha as mãos em carne viva, tão feridas que ainda hoje conserva as cicatrizes e ficou com as articulações presas...”

—“Sim, já tinha reparado que mal pode trabalhar com desembaraço...

—“Fugiram... mas na guerra não ha felicidade possível. A morte foi tão cruel para o sacrílego como a família o tinha sido para a desditosa...

—“Infeliz mulher! E depois?

—“Depois, abandonada de todos, aceitou este pobre refugio, apesar de não ser professa da nossa Ordem. É desde então que Madre Claudea sofre as crises aflitivas que Sórora Manoela conhece... Pobre Madre Claudea! Não soube conformar-se, e não foi por isso mais feliz fugindo á obediência filial...

—“Oh, Madre Angélica, sempre o pior é ter nascido mulher! Terá sido sempre assim? Será eternamente a mesma coisa?!...

—“Quem o sabe?!...

—“Que grande culpa a minha em ter dado vida a uma criatura que há de, como nós, ser uma sacrificada!... — E Manoela torcia as mãos chorando numa crise de nervos, que a velha freira tentava aplacar.

—“Tenha esperança, minha filha; quem sabe o que será o futuro?!... Houve sempre mulheres que escaparam ao destino comum e foram felizes.

## **CAPÍTULO 5**

Manoela foi-se resignando a esperar, cedendo sempre, adiando de mês para mês a realização do projeto que acariciava no seu coração, e que importava o ato público de rebeldia, que Madre Angélica tanto condenava.

Os anos foram decorrendo e ela assistindo, com o espírito dolorido e a vontade embotada, àquele fim miserando de vidas que se iam extinguindo, num bater de azas lúgubres que enregelava.

O convento ia-se despovoando a pouco e pouco, como que tornando-se maior, á medida que as velhinhas, uma a uma, iam saindo, para não mais voltar, a tomar o seu modesto lugar no cemitério público.

Manoela era agora a cabeça que por todos pensava, a alma e a energia que sustentava aquele resto de vida conventual, dando-lhe uma aparência de coesão, que não tinha.

Sentia-se apossada de todo esse vasto casarão, que parecia crescer a cada nova baixa que a morte marcava, com a sua fatalidade cega de força inconsciente, na comunidade já tão diminuída.

Era a herdeira natural e incontestada dos santos que lhe iam deixando as pobres velhinhas, como recordação, e na vaga esperança de que assim viveriam mais na sua memória, único abrigo às suas almas exauridas.

Das freiras que ao entrar a tinham enchido de blandícias e amimalhado como mães carinhosas, já poucas existiam. lam-se mirrando e fenecendo, seguidamente umas atrás das outras, quase sem doença e sem sofrimento, num descair e murchar de vontade que nenhum ideal sustenta.

Apenas três ou quatro velhinhas entorpecidas pelos anos, Madre Angélica ainda enérgica apesar da sua idade e da sua dolorida existência, e Madre Claudea cada vez mais difícil de aturar, fugindo endoidecida do convívio dos outros, seguindo apenas automaticamente as devoções obrigatórias do coro, que eram como que um farrapo de lucidez a alvejar no seu triste espírito entenebrecido. Chorava dias inteiros, com gritos dilacerantes, os pecados do mundo, que queria carregar sobre os seus miseráveis ombros, mais do que os dos outros pecadores, sem esperança de perdão. Tinha visões que assustavam as meninas do coro, e apavorava as criadas narrando-lhes: como na igreja do convento fora uma vez enterrado um grande fidalgo da cidade cuja alma em pena o diabo veio buscar com medonho barulho. Ela não se lembrava, Sórora Claudea não era desse tempo; mas ouvira contar bastas vezes às santas freirinhas que tinham assistido a essa luta homérica do diabo, querendo levar uma alma abrigada pelas paredes santas daquela virtuosa casa. O fidalgo durante toda a vida não tivera uma palavra de justiça nem de piedade para ninguém, nem se lembrava de minorar a miséria alheia, a não ser por orgulho e fama. Assim, logo que morreu e que o trouxeram com pompas principescas ao carneiro de família, feito na igreja por deferência especial a quem muito protegera a comunidade, um verdadeiro e espesso nevoeiro se levantou logo do chão escurecendo a vista às freiras, que nem podiam distinguir o padre oficiando no altar. E, á noite, o ruído era tanto pela nave majestosa, que as freiras atemorizadas deixaram de abrir as grades do coro para as rezas noturnas. Era impossível resistir ao pânico que se apoderou daquele rancho de mulheres, que viam e ouviam tudo quanto diziam ver e ouvir por um fenômeno vulgar de sugestão, que tanto milagre tem feito no mundo.

Madre Claudea descrevia e pormenorizava, então, a festa do exorcismo que fora feita por santos monges arrábidos auxiliados por todas as outras comunidades dos arredores, que de cruz alçada entraram na igreja. Aberta a sepultura e aspergido o cadáver, uma nuvem negra saiu da cova espalhando-se pela igreja e saindo pela porta entreaberta com fragor. Depois tudo caíra no

silencio, tudo se pacificara, ouvindo-se apenas as orações dos frades prostrados de joelhos num santo respeito por tão grande castigo.

E quando foram ver a cova... não continha mais do que um punhado de cinza!

Madre Claudea benzia-se murmurando exorcismos e orações, e as ouvintes entreolhavam-se sentindo pela espinha um arrepio de pavor.

E não era só isto o que ela sabia. Uma ocasião — isso já fora talvez ha séculos, mas o Livro da fundação lá o tinha escrito — aparecera um rapazinho trazendo um feixe de varas ressequidas que ofereceu á irmã rodeira para plantar na cerca. Se ela as plantasse veria como dum instante para o outro, por milagre do Senhor, cresceriam logo e se tornariam em belas e frondosas arvores. A irmã rodeira ralhou com o garoto e despediu-o; mas como nessa ocasião passasse uma noviça, criança e amiga de brincar, disse-lhe com empenho: — deixe-me experimentar, irmã rodeira; não faz mal nenhum e sempre a gente se rirá da lembrança do rapazinho.

Assim foi. Pegou numa das varas e foi a correr enterrá-la na cerca, seguida por outras noviças em recreio.

Imediatamente — Santo Deus, os malefícios que faz o mafarrico! — a vara engrossou e cresceu desproporcionadamente e tornando-se numa arvore magnífica encheu de assombro as pobres noviças, que viam, sobre ela, uma multidão de macacos fazendo-lhes negaças. Foi o inferno na casa! Todas as que olhavam a arvore maldita ficavam possuídas do espírito imundo e faziam os maiores desacertos e gritarias. Como toda a comunidade corria a ver a causa de tal alvoroço, toda ela sofreu do mesmo mal, e ter-se-iam perdido todas, certamente, se não fosse a Madre Superiora, que, antes de mais nada, mandara chamar pela moça de recados os senhores capelães e confesores para pôr termo àquele inferno com as suas preces e esconjuros.

Madre Claudea sabia mais e mais, mas já se não lembrava bem e a sua memória fraquejava ao recordar tantas coisas idas... Apertava a cabeça com as mãos e chorava, num choro desfeito e infantil que enchia de lagrimas todos os olhos.

Só Manoela podia apaziguá-la e por assim dizer chamá-la á realidade e, com a sua voz persuasiva e grave, fazê-la sossegar e adormecer confiada como uma pobre inocente. E olhando-a esquálida e apenas com os ossos cobertos por uma pele ressequida e empergaminhada, Manoela pensava com amargura na linda rapariga que ela fora, segundo lhe contara Madre Angélica, amada com paixão, amando com loucura, vítima de interesses e preconceitos alheios, um dia rebelde e desvairada rompendo com todas as peias, logo humilhada e cheia de remorsos, entrepondo-se voluntariamente á vida que enjeitara, num terror

atávico de escravo que não sabe o que há de fazer á liberdade, com sacrifícios heroicos.

Também Manoela teve um dia, e quando menos a esperava, depois de tantos anos de sujeição, a sua alforria, e também, como ela, a não soube usar, porque a sua vontade longamente oprimida não se fortalecera e definira.

Ao princípio, quando chegou, a noticia da morte repentina da mãe, não se compenetrou bem do que essa morte representava para a sua existência e apenas se sentiu surpreendida — não tendo a pretensão de querer sofrer, por costume, o que de fato não sentia, por afeto.

Mas, relendo melhor as cartas do irmão e da Ama-Rita, compreendeu por fim que era rica e senhora absoluta da sua pessoa. Isto não lhe podia de pronto dar a sensação da liberdade que por vezes pensara deveria sentir, porque o hábito lhe dera uma nova servidão, que os tímidos e os prisioneiros conhecem.

Mas, a pouco e pouco apossando-se de si mesma, resolveu fazer prontamente o que havia tanto desejava com ânsia: mandar buscar a filha, reconhecê-la como tal, e conservá-la junto do seu coração e até á morte, triplicando em carinhos os anos de amargurada saudade em que a tinham conservado.

Foi ter com Madre Angélica, que era ainda a Superiora venerada e querida, que anos antes a acolhera no seu coração maternal.

Parecia outra, galgando lestantemente as escadarias e correndo pelos corredores que levavam até á cela da Superiora, que já quase nunca saía do seu cantinho cheio de sol. Com os seus trinta e quatro anos vividos numa vida quase vegetativa, os traços finos do seu rosto, que fora duma formosura discreta de morena, conservavam, apesar de tudo, a delicadeza e a graça ingênua que foram o grande encanto da sua mocidade, quando a tinham trazido para ali.

Nos momentos — raros momentos que eles foram! — de perfeita felicidade para o seu coração, toda a sua pessoa irradiava uma alegria confiante, que a tornavam singularmente encantadora.

Quando Madre Angélica levantou os olhos do livro de orações para dar a licença que ela lhe pedia á porta, foi já com o assombro que causa uma grande mudança numa pessoa querida, porque a própria voz da recolhida era outra — um novo timbre de alegria a fazia desconhecível.

—“O que é, Sórora Manoela?!... Alguma novidade lá por baixo?

—“Não, Madre Angélica, a novidade é só minha... é uma coisa que eu pensei e que lhe venho participar...

E Manoela explanou, diante da pobre freira sobressaltada, o projeto, que tão simples se lhe afigurara.

—“A sua filha para aqui, Sóror Manoela, pensou isso?!...— perguntou apavorada.

—“ Sim, para aqui, então não há de ser para aqui?!

—“Oh, meu Deus, meu Deus! Para que estou eu guardada, santo Deus?! — lamentava a Superiora.

—“Mas eu não compreendo o seu espanto, Madre Angélica! Então não sabia o motivo porque estou aqui ha dezoito anos? Não foi a Madre Angélica que me levou á obediência a minha mãe adiando até agora a realização do meu desejo?!...

—“Sempre imaginei morrer antes de ver esse escândalo!... Meu Deus, meu Deus! Então a minha filha quer dar a essas meninas o público espetáculo da sua antiga culpa?!... Quer ser o riso e a fabula de toda a cidade?! O que dirão de nós?! Com tanta má vontade contra as casas religiosas, com tanta calúnia que se tem levantado, se Sóror Manoela vai agora apresentar publicamente a sua filha, o que não dirão?!...

—“E que me importa tudo isso?! — não sou eu livre porventura?!

—“Oh, livre, livre!... Ninguém é livre de alardear os seus pecados — respondeu a freira, impacientada.

—“Não é isso o que nos diz a nossa religião, Madre Superiora. Esconder um pecado ou culpa é uma prova de orgulho que Deus condena.

—“Mas não neste caso, em que a sua publicação trará descrédito e vergonha para a nossa santa casa. O que dirão, sabe, Sóror Angélica?... Dirão que nesta casa a imoralidade chegou ao ponto de se apresentarem publicamente as filhas das freiras!...

—“Dirão uma mentira, que eu própria desfarei contando a verdade. Bem sabe, Madre Angélica, que se não fiz isto ha muitos anos foi por seguir os seus conselhos, nos quais me mostrou que devia obediência a minha mãe. Por ela, por esse respeito de que me falou para com uma pessoa que me afastou da casa de meu pai, que me expulsou como a uma criminosa, sofri dezoito anos

dum silencio que considero uma covardia hoje... Ah, dezoito anos de saudades por uma filha que se não conhece e pela qual se morre de amor!... Ah, Madre Angélica, como foram cruéis comigo! A culpa, se a houve, se uma criança, como eu era, a pode ter por se deixar iludir por um homem da sua casta, um amigo de seu irmão... essa culpa bem a tenho lavado com lagrimas de um coração ansioso por conhecer a sua própria filha. Ah, a Madre Superiora é cruel: foi-o comigo, quando me fez recuar ante a minha justa vontade; é-o agora ainda, porque não compreende este meu sentir!... Mas agora sou livre; quero a minha filha — e hei de tê-la!...

Manoela, sempre tão delicada no dizer e tão submissa, chegava nesse momento á voluptuosidade das almas sacrificadas quando uma vez chegam á consolação de poderem articular a verdade, que lhe saía em palavras que pareciam golfadas, num atropelo de quem esteve encarcerado largos anos e vê por acaso uma porta escancarada.

—“E seus irmãos, o que dirão eles desse ato? — arriscou a Superiora tentando dissuadi-la.

—“Meus irmãos!?!... Que lhes devo eu, Madre Superiora? Ha dezoito anos que me viram partir de casa, um amaldiçoando-me, os outros nem perguntando a causa dessa saída, e só agora me escrevem porque apesar de tudo a lei me confere o direito de partilhar com eles a herança de nossos pais. Meus irmãos!? Quase os não conheço... Nem lhes devo amizade, nem respeito. Á minha filha, sim, a essa devo todo o meu amor, todos os momentos do resto da minha existência.

—“Sóror Manoela, pense bem. Será um escândalo! O que dirão essas meninas do coro, as criadas, as senhoras que nos protegem e nos dão a sua amizade?!... Para que estava eu guardada, Senhor!? — E a freira levantava as mãos e os olhos ao céu, num gesto implorativo, murmurando: — Ah, se Madre Gertrudes fosse viva!...

—“Sim,—volveu a outra com vivacidade, tão pouco do seu costume — tem razão! Se minha tia fosse viva, ela seria a primeira a chamar a si essa pobre criança que tem sido escorraçada de todos como um cão tihoso. E já que a não posso trazer para esta casa que me foi abrigo nas horas tristes da vida, sairei daqui. Irei viver com minha filha livremente...

—“O que diz, Sóror Manoela, deixar-nos!? Quer deixar-nos agora que estamos com os pés para a cova, e é a única pessoa que aqui temos para nos ajudar a bem morrer, acabando em paz na nossa santa casa?!...

Os soluços sufocaram-na. Também ela sofria com a dor da sua pupila; também dos seus olhos, que já deveriam estar esgotados, por tanto terem chorado, caíram lágrimas que Manoela recolheu no coração angustiado.

Sóror Angélica abriu-lhe os braços, e por largo tempo ficaram chorando juntas o desespero dessa primeira desinteligência em tantos anos de confiada e doce amizade. Foi a freira que quebrou o silêncio:

—“Sóror Manoela, mande vir a menina; mas, se lhe merecem alguma consideração as suas velhas companheiras, não a reconheça desde já publicamente. Deixe que a morte feche as portas do nosso convento, e então será completamente livre para fazer a sua vontade.

—“Mas que nome dará á amizade por uma criança que tão empenhadamente mando vir para junto de mim?

—“Não poderá ser uma afilhada?...

—“Afilhada?!... — Manoela hesitava, pesando-lhe muito aquela fraqueza como uma verdadeira covardia. Mas as velhas companheiras de toda a sua existência de expulsa mereciam alguma consideração... Cederia.

Tinha de ser — mais uma vez sacrificando ao descanso dos outros os seus sonhos, as suas revoltas, as suas alegrias, a sua vontade.

## **CAPÍTULO 6**

Alguns dias depois chegava Christina, acompanhada pela Ama-Rita, que chorava de comoção só com o pensamento de rever a sua querida menina.

Manoela foi esperá-las á portaria, escondendo a custo a ansiedade da sua alma que tumultuava em desejos loucos de tomar a filha nos braços e gritar bem alto a sua paixão.

Toda ela tremia, sorrindo contrafeita ás conversas e perguntas das outras senhoras, amparada pela Madre Superiora, que extraordinariamente saíra do cantinho da sua cela para a fortalecer naquela suprema prova.

Veio por fim a hora da chegada; abriu-se a portaria, e Manoela pude ver pela grade entreaberta a Ama-Rita, muito velhita e trôpega, acompanhada por uma mulher, uma verdadeira mulher forte e desempenada, que olhava com visível curiosidade essas paredes enegrecidas que iam ser o seu novo abrigo — saída

dum convento, onde a mãe pagara para a educarem, para entrar naquele como recolhida.

Manoela, á medida que a filha se ia aproximando, subindo a escada para entrar no palatório, ia recuando espavorida, sentindo um frio de morte no coração, que a asfixiava. É que diante dos seus olhos estava, não a filha que amava e chamara febrilmente durante anos de paixão estéril em que se consumira, mas a imagem viva do homem que, na retidão do seu caráter, apenas poderá desprezar como um ser ignóbil e asqueroso.

Christina não era nada, nada do que ela tinha idealizado. Não era a sua filha, era a filha dele, que a natureza, inconsciente na fatalidade da sua força, lhe punha nos braços.

Vencendo a repugnância instintiva que essa semelhança lhe inspirava, foi sorrisonha e meiga que recebeu a afilhada, mas Christina não correspondeu também a esse apelo. Os seus olhos garços ficaram frios e dominadores, como eram habitualmente; a sua boca não se desdobrou além do sorriso escarninho que lhe errava habitualmente nos lábios.

Foi tristemente resignada que Manoela a acompanhou ao dormitório cheio de luz onde ela dormia, e onde, com amoroso cuidado, lhe arranjava a cama velada com cortinados de inexcedível brancura, fresca como um berço de criança.

Ama-Rita seguiu-as falando muito, abraçando de quando em quando a sua querida menina, que ainda era capaz de reconhecer entre muitas apesar de tão mudada e tão triste.

Christina não despertou a simpatia viva que a mãe inspirara a toda a comunidade logo ao entrar no convento.

Pagava com sorrisos contrafeitos os carinhos que lhe faziam, e mal atentava nos mimos com que a mãe a rodeava. Aborrecia-se e impacientava-se com as pobres velhinhas, que procuravam nessa mocidade a alegria que as aquecesse e lhes refluísse as existências a extinguirem-se. Como á mãe, outrora, todas abriram o coração a esse coração, mas este permaneceu fechado e frio, afastando-as descaravelmente.

Tinha revoltas bruscas, respondia secamente, e queixava-se á Ama-Rita de que a queriam sepultar entre quatro paredes e que a tinham tirado duma prisão para a fecharem noutra pior. Manoela sofria com todas essas pequenas coisas, que se iam avolumando, tornando-a odiada por todas as outras companheiras; mas temia fazer-lhe qualquer observação receando o seu gênio, que pressentia violento e áspero...

Até que um dia Christina, de combinação com uma menina do coro que levou á rebelião, pôs uma verdadeira nota de escândalo no meio conventual, subindo com ela ao telhado para ver o que se passava no largo apinhado de gente para a feira.

Manoela foi obrigada a proceder, advertida pela Madre Superiora, que a acusava, com a sua voz doce, de falta de energia para com a filha.

—“Christina — dizia-lhe meigamente — para que me obriga a admoestá-la? Para que faz coisas... que não ficam bem a uma menina?...”

—“Mas o que fiz eu, minha senhora? Foi algum crime subir ao telhado para tomar um pouco de ar, para fugir um instante desta sensaboria?!”

—“Mas a Christina não está bem, não gosta de estar no convento?”

—“Não, minha senhora, não gosto de estar nesta prisão.

—“Mas ouça: há de sair, tenha paciência um pouco. Isto não pode durar muito; são apenas duas as freiras que ainda existem, e quando elas morrerem sairemos ambas. Continuará aqui a sua educação; a Christina sabe tão pouco que mal se poderá apresentar no mundo, onde ha muita exigência para as senhoras da nossa classe.

—“Ah, sim!? Conselhos, conselhos tenho ouvido muitos. Eu já tenho educação bastante, não preciso mais...”

—“Christina!?”

—“Minha senhora!?”

—“Então não está bem ao pé de mim?... — E querendo-a convencer, com a sua voz dum carinho maternal: — Não diga que não, que é ser ingrata. Se soubesse como sou sua amiga!...”

—“Minha amiga?! Se o fosse, não me prendia aqui como uma criminosa. Se o fosse, não me chamava afilhada — quando eu sei muito bem que tenho outro nome...”

Manoela interrompeu-a com um grito desvairado:

—“Christina, Christina, cala-te! Tu não sabes, tu não podes compreender nada do tormento da minha vida!...”

—“Ah, sim, um bom meio de me obrigar a calar, quando eu posso falar porque sou sua filha — respondeu brutalmente.

Manoela empalideceu; aos seus ouvidos soou uma zoeira congestiva e o seu coração quase a sufocou na onda de sangue que lhe atirou á cara.

—“Sua mãe!? Está enganada, menina! Nem sequer é minha afilhada. Mandeia criar e educar por dó, e é por dó que a tenho comigo.

Conhecendo o orgulho da filha, pagava essa afronta com afronta maior. Também ela se sentia ferida; também ela tinha necessidade de revoltar-se contra a crueldade alheia. Também ela tinha um temperamento violento, que a extrema sensibilidade e o prematuro infortúnio tinham enfraquecido mas não aniquilado.

—“Quer sair?! — e o seu peito era sacudido por uma gargalhada nervosa, que tornava ásperas as palavras — quer sair?! Pois saía! Que me importa!? Recolhi-a por dó... não a obrigo a receber um beneficio que não merece.

Mas Christina, como todos os egoístas, tinha a covardia das resoluções rápidas. Diante da indignação da mãe, queria recuar, submetia-se, desejava tudo conciliar...

—“Sair, minha senhora?! Mas para onde?

—“Para onde estiver melhor, para onde quiser. Que me importa a sua vida?! E é melhor fazê-lo já, já.

Manoela, com todos os nervos retesados numa crise dolorosa, tinha-se tornado duma palidez esverdeada, os beiços trêmulos e descoloridos, o coração a afogá-la numa galopada infernal após uma como rápida suspensão de movimento.

Ante aquela ordem e o gesto de repulsa que a acompanhava, Christina não resistiu, dirigindo-se para a porta, de cabeça baixa, contrafeita, unicamente arrependida de ter provocado uma cólera que a privava, dum instante para outro, de todo o bem-estar material a que se afizera.

A mãe olhava-a tristemente: — era afinal aquela a filha que tanto amara e tanto desejara!... Um resto de piedade venceu ainda a indignação e o desgosto.

—“Ouça — disse-lhe quando estava quase ao fundo do dormitório, fazendo-a voltar rapidamente a cabeça numa ânsia de esperançada.

—“Minha senhora, chamou?”

—“Sim, venha cá.—E, sem a fitar, num repelão de mágoa que lhe causava a atitude tão diferente da filha, agora de cabeça baixa e ar hipócrita. — Custa-me abandoná-la para aí, sem família nem proteção... Vou pedir a meu irmão para a receber em sua casa, como afilhada... Se ele consentir, ficará contente?”

—“Sim, minha senhora; seria uma felicidade para mim. Quanto lhe devo, madrinha!”

—“Não, não me deve nada. Vá á sua vida, e tenha paciência alguns dias mais.”

—“Mas... eu queria pedir desculpa...”

—“Não; não me ofendeu. Pode ir.”

Tinha pressa de se encontrar só. Dizia bem: o seu coração não estava ofendido; estava despedaçado, calcado aos pés, por aquela que tinha sido o encanto da sua existência antes de a conhecer e depois não fora senão motivo para desilusões e evocações pungentes.

O desespero da sua alma contrastava com a serenidade da lua, em crescente, que se erguia manso e manso num céu translúcido, ainda tingido de ourenta púrpura no poente, e era como um alfanje de ouro pronto a vibrar-lhe o último golpe.

Soluçava; já não podia mais.

Pela janela gradeada, os olhos nublados de lagrimas mal distinguiam as linhas dessa paisagem, revista em cada dia durante anos, e que umas vezes lhe parecia grandiosa no seu aspeto cenográfico, outras banal e triste, conforme as impressões do seu espírito, tranquilo ou perturbado.

Sentia um agro prazer em chorar, e em soluçar como uma criança, numa desconsolação de abandono e de desespero. O que fora o seu passado? Apenas uma existência sacrificada ao convencionalismo ou ao egoísmo alheio. O presente era essa amargura de se sentir desamparada das suas próprias ilusões — as últimas companheiras dos que mais sofrem.

O futuro... Santo Deus! o que lhe traria o futuro se não lhe trouxesse o hábito de viver para si mesma?!...

Madre Angélica, prevenida pela Ama-Rita que vigiava sempre a sua menina, veio ter com ela, arrastando-se vagarosamente ao longo do dormitório, como uma sombra que o luar fazia destacar.

—“Sóror Manoela, o que tem, o que lhe fizeram para estar assim agoniada?!...”

—“Ai, Madre Angélica!... Estava aí? Ainda bem, ainda bem que a tenho junto de mim neste momento. Julguei-me olvidada de todos—até de Deus!...”

—“Sóror Manoela... — tornou a velha freira com severidade, adoçada pela sua muita estima á reclusa — veja o que diz, minha filha. Deus é pai e um pai não esquece nem aflige propositadamente os seus filhos. Ele ama os mais amargurados — e serão esses os que mais perto estarão da sua eterna gloria.

—“Ah, mas custa muito chegar até lá, pelo caminho da vida...”

—“Tenha resignação, Sóror Manoela; aprenda no exemplo dado pelo nosso Salvador: olhe para a sua santa imagem, coberta de chagas e coroada de espinhos! E tudo quanto sofreu, inocente e bom, foi para remir o mundo, para salvar aqueles que o flagelavam.

—“Tem razão... terá razão — soluçou Manoela, humilhada. Mas logo, numa revolta subitânea que toda a sua devoção não pude evitar — mas ele era Deus, sofreu por sua vontade, e morreu logo!! O seu martírio não foi uma longa vida arrastada na dor e no suplício! Mas eu que vivo, eu que tenho vivido anos e anos para sofrer em cada hora mais do que a morte...”

—“Sóror Manoela!...— reprimendou a freira.

—“Perdão, perdão! Meu Deus, se o sofrimento enlouquece!...”

E de joelhos, aflita, soluçante, apavorada com a sua própria heresia, foi-se arrastando até ao crucifixo que se destacava no fundo, tremulamente alumiado por uma lâmpada de cobre, e ali ficou agarrada aos pés chagados da grande imagem, num choro convulsivamente desfeito e trágico.

Madre Angélica apiedou-se, ela que era o único coração capaz de compreender e estimar a misera criatura, e tentou levantá-la com as suas poucas forças, e disse-lhe baixinho, numa voz que era uma consolação para essa alma torturada e desgraçada:

—“Vamos, Sóror Manoela, diga-me o que assim a faz sofrer. Conte-me a sua mágoa — que verá como ela diminui...”

—“Ai, Madre Angélica, morro de saudades pela minha filha. Trocaram-ma. Não é esta! Como fui castigada, Santo Deus!

E a freira, sinceramente surpreendida na sua credulidade ingênua:

—“O que me diz?! Então a Christina não é a sua filha?... Será possível?!...

—“Não é! —olveu Manoela, sobre-excitada, não reparando sequer na dúvida da velha Madre. — Não é, não é a minha filha, que alimentei do meu próprio sangue, que saiu do meu corpo como a flor sai da planta. É uma estranha, é uma alma gelada, que não compreendo nem estimo. Veja-a, veja-a bem, Madre Angélica; veja-lhe bem os olhos frios e cruéis, os seus olhos metálicos como os do outro! Veja-lhe o riso escarninho, que é dele... Consulte-lhe a alma soberba e impiedosa, como a da avó... Avalie a minha desgraça, Madre Angélica! Tenho uma filha que não tem nada, que não é nada de mim!... E despreza-me, a criaturinha!...— terminou num riso cascalhado, que era uma derivação do choro histérico que a tomara.

—“Sossegue, minha irmã. Então!?!... Isso não é próprio de si...

—“Sim, tem razão! Eu não devo sofrer assim, mas que fazer?! Não posso, não posso habituar-me a esta desolação; querer amar a minha filha tal como é e não como a sonhei, e não poder, não poder!...

Falou longo tempo, num soluçar entrecortado que a esfrangalhava e alucinava, e só muito tarde, conseguindo levá-la para a sua cela, onde estavam mais á vontade, Madre Angélica lhe pude insuflar um pouco de coragem e resignação para vencer aquela crise dolorosíssima.

## **CAPÍTULO 7**

O irmão de Manoela respondeu afirmativamente á carta muito digna que ela lhe escrevera, consentindo em receber Christina como se fosse uma filha.

A morte da mãe deixara-lhe um vácuo imenso no grande casarão, onde só de quando em quando os irmãos, já casados e cada um em sua terra, o visitavam por cerimônias.

“Christina pode vir — dizia na sua carta á irmã — quando quiser, e na certeza de que já a estimo como filha.

Sentia-se só, e estava na idade em que uma nova amizade é um pouco de vida nova que se insufla na alma amortecida.

“Manoela, que fosse também; dezenove anos de penitencia teriam por certo depurado toda a mácula...”

Esquecia o passado; talvez um pouco de inconfessado remorso o estivesse a magoar, agora que se sentia tão só e inclinado á vida serena duma família a refazer.

Mas a irmã não ia; agradecia-lhe muito, tanto a prontidão da resposta como a aquiescência ao seu pedido e o desejo de a rever... Mas não iria. Tinha ali uma triste missão a cumprir; não abandonaria, no fim da vida, as companheiras de tantos anos de angustia.

Christina partiu alegre, numa ansiedade de prisioneira que reentra no mundo por que tem suspirado durante longos dias irresignados.

Manoela ficava sem saudades dessa filha que fora durante anos a sua razão de viver; antes sentia, ao despedir-se, uma vaga sensação de alívio, não isenta de cavada amargura.

—“Adeus, Christina, — disse-lhe na hora da despedida — diga a meu irmão que resolvi fazer o meu testamento deixando-a herdeira do que me pertence. Ele que administre a casa nesse sentido, pois só quero dispor do usufruto por causa destas pobres criaturas que me rodeiam.

—“Deixe-me agradecer-lhe, madrinha...— e tentava beijar-lhe a mão.

—“Para quê?...—respondeu sorrindo com ironia e encolhendo os ombros á sincera alegria de Christina.

Era com um profundo desdém que atirava essa fortuna, que lhe era indiferente, para o poder da filha que não a soubera amar nem reconhecera o presente inestimável que lhe dera antes, tendo-lhe dado o seu amor.

Partiu, acompanhada de Ama-Rita, que apenas levava o encargo de a entregar ao tio e voltar logo, pois essa é que, decididamente, não abandonaria mais a sua menina.

Para ela a menina era Manoela, que nunca deixava de rever como fora: a filha adotiva do seu coração, a estranha que tomara na sua alma o verdadeiro lugar da filha morta á nascença.

Mas bastante mudara nos últimos tempos, apesar dela se não querer convencer do que via: a mulher que pouco tempo antes ela encontrara, senão a linda

rapariga que vira partir, lavada em lagrimas, crucificada de dores, pelo menos uma mocidade ainda florescente, estendendo-se por um outono que se anunciava formosíssimo.

Em poucos meses Manoela fez uma diferença que saltava aos olhos e afligia toda a comunidade, que só nela fundava as suas esperanças e as suas alegrias. O cabelo embranquecia-lhe nas fontes; a pele amarelecida, enrugava-se imperceptivelmente a princípio, mas visivelmente nos últimos dias em que umas olheiras inchadas lhe davam no rosto o aspeto desolador da doença que lhe fizera do coração uma pobre maquina sem regulamento.

Podia dizer-se que ia morrendo aos poucos, das feridas incuráveis que nele sentira, durante toda essa existência de eterna sacrificada, em que a alma se lhe esfacelara pelos agudos e impiedosos espinhos do egoísmo alheio.

Com a doença de Manoela, entrou o desânimo em todas as almas e a morte encontrou fácil caminho entre aqueles organismos depauperados e sem resistência moral.

Todos os meses havia mortes no convento: ora as freiras, ora as velhas criadas e recolhidas, lá se iam, umas atrás das outras, em debandada desoladora. E para ela, a morte que rodeava agora como companheira inseparável a velha casa conventual, tão suavemente serena e risonha, era um aflar de azas sinistro que lhe deixava na alma o luto de toda essa querida família espiritual, a única que verdadeiramente estimava agora.

O convento acabava dia a dia, hora a hora, — sentia-se, numa alucinação de pressentimentos e presságios tétricos, avisos sobrenaturais e fatos estranhos que causavam a perturbação e o pânico de todas aquelas criaturas enfraquecidas e mais ou menos doentes, senão do corpo pelo menos da alma.

Assim, a sineta que no claustro de cima apenas era tocada quando alguém na casa entrava na agonia, para que as almas se recolhessem com Deus e na sua ânsia de bem merecer auxiliassem a que estava para partir, a desligar-se, sem pena nem pecado, desta vida defeituosa e amarga, começara uma tarde, á hora calma do Ângelus, a tocar freneticamente conclamando toda a comunidade, que se olhava espavorida e convicta do trágico aviso. — Era certo: aquela sineta, que uma só vez tocara assim, segundo constava, anunciando a morte de duas freiras em cheiro de santidade, anunciava agora a morte, o fim da santa casa que fora abrigo de tanta pobre alma de mulher revoltada ou submissa, mas todas crentes numa eternidade de venturas de que não tinham tido na terra a compensação.

E todas elas, velhas e novas, míseras sombras duma outra idade ou raparigas que a educação conservara afastadas do tempo em que vieram ao mundo, todas curvaram a cabeça á convicção de que a campa as chamava, de que era a morte que as libertaria em breve. Sim, elas estavam prontas, mas quanta tristeza nesse fim de existências que já mal se arrastavam, numa vida que não compreendiam já!...

Outro dia era um reboiço enorme nas casas desabitadas, que as fazia tremer de apavorante susto, pensando nas irmãs mortas ultimamente e em tantas que descansavam sob as lajes frias do claustro.

E eram vozes misteriosas vindas da terra, perfumes deliciosos e estranhos que se espalhavam pelos casarões vazios, fantasmas silenciosos de freiras mortas havia séculos e que deslizavam sorridentes como que a animarem as pobres irmãs que assistiam ao fim da sua casa tão amada!...

Manoela, apesar de todo o seu bom-senso, não resistia ao contágio e, como as outras, vivia numa atmosfera de prodígios e de medos que mais ativava o progresso do mal que a consumia.

Mas não abandonava por esse motivo as velhas companheiras, que só nela achavam conforto para bem morrerem.

Foi Sórora Claudea a última a deixar a vida, que tão dolorida lhe fora; foi ela, a pobre louca, quem fechou, como um ponto final simbólico, mais um período de historia feminina, tecida de sacrifícios e servidões e ilusões profundas, e sem um fecundo e nobre e belo ideal de vida!

Ali ou na família, no claustro ou no mundo, a existência feminina pouco diferia; pouco mais era que esse decorrer estirado de anos partilhados entre pequenos deveres, insignificantes trabalhos, apagadas alegrias e supliciantes sacrifícios a que ninguém prestava atenção, tão naturais são aos servos e aos inferiores...

Morta Madre Claudea, e participado o caso ás autoridades, teve Manoela que aceitar o depósito da casa para fazer a entrega legal.

Acabada a clausura e o convento, por assim dizer franqueado ao público, começou um novo martírio para Manoela, que se não podia furtar á indelicada e faminta curiosidade de toda a gente da cidade, que já depois fazia da visita ao convento uma distração a quebrar a monotonia da vida provinciana.

A querida casa tão recatada e fechada a todos os olhares indiscretos, foi uma coisa pública escancarada e esquadrinhada por todos os indiferentes, uns sob a capa amável da simpatia e da piedade, outros rancorosos ou hostis,

desrespeitando as suas crenças ingênuas ou troçando com as suas alardeadas superioridades as infantis preocupações daqueles seres inúteis...

Manoela afetava uma serenidade que lhe custava anos de vida, não querendo dar aos indiferentes o espetáculo duma dor que era apenas sua e das suas pobres companheiras, as recolhidas, as meninas do coro e as criadas, que em breve seriam arremessadas para o mundo como folhas inertes e sem vida, e dispersadas ao sabor do acaso, que as levaria sabe Deus a que dores e a que misérias! — tão mal preparadas como estavam para a luta de cá fora, quase todas pobres e sem amigos ou família que as tivesse como suas...

Já que não podia furtar a casa e as coisas á profanação dos olhos estranhos, fechava a sua alma num silencio orgulhoso que a tornava respeitada, e conservava uma certa distinção naquele acabar de comunidade que sem ela seria um levantar de feira sem grandeza nem simpatia.

O inventario feito, a pilhagem executada por ordem superior, viu com profunda amargura os preciosos Grão-Vascos desprendidos das paredes seguirem, com os azulejos hispano-árabes que foi possível arrancar, a pouca mobília rica que havia, os livros e as tapeçarias de valor, encaixotados, segundo diziam, para os museus de Lisboa... Eram livros velhos aos cantos, pelos corredores, baús e caixões devassados e esvaziados...

E ainda lhe foi preciso assistir, sem que a desligassem do triste encargo de testamenteira, á invasão dos operários que vinham transformar a casa, para novo destino mais em harmonia com a época.

Portas escancaradas, divisões deitadas abaixo, montes de caliça pelos pátios e claustros, deslocadas as fontes murmurosas, mortas as plantas que eram o seu encanto — aquilo afigurava-se-lhe uma ruína completa, um desabar de todo um passado que morria sem ter criado raízes, como morre sem seiva, inutilizada, a planta nascida em terreno pobre e rochoso.

Libertada, por fim, foi acabar de viver para uma pequena casa de campo que a Ama-Rita descobriu escondida entre tufos de verdura tenra e uma doce paz idílica a rodeá-la.

Sentia-se de mal a pior, e sem esforço deixava-se morrer, desligada da vida, sem afeições ou deveres que a prendessem.

Além do amor humilde da simples camponesa que a criara e a cumulava de carinhos e ternuras na morte, como a rodeara na infância, nada lhe restava.

Christina, muito prática, muito á sua vontade, talhara para si um lugar amplo na vida. A última carta do irmão de Manoela pedia-lha em casamento, e a dela, que vinha junta, pedia, pró-forma, o consentimento da madrinha.

Manoela sorriu: era a sua vingança, uma como reabilitação do seu sangue, da sua própria carne expulsa outrora como coisa imunda da casa e da família.

Era a vida onipotente readquirindo os seus direitos, a natureza triunfando dos preconceitos, que desprezava as convenções e entrava como senhora donde fora expulsa como réproba.

Christina, na sua cega e egoísta caminhada para a vida, fora a força invencível da razão e da justiça, fora a suprema e triunfante palavra do futuro.

A mãe, amorável, generosa e submetida, dera a existência aos pedaços para satisfazer as outras.

A filha, egoísta e revoltada, e sem exageros de sentimentalidade que só provocam a dor, recebia uma por uma transformadas em alegrias as lagrimas da mãe.

Manoela sorria: era a sua reabilitação, era, saboreada com infinito gosto — tão certo é que nenhum sacrifício se perde, aproveitando quase sempre a quem menos o merece.

## **CAPÍTULO 8**

Em toda a noite Manoela não pudera dormir, angustiada, sentindo sobre o peito um peso esmagador, sufocada e aflita.

Com a manhã, que rompera radiosa empoeirando de ouro todo o campo e dourando as montanhas que se destacavam no fundo róseo do céu, serenava um pouco.

Sentia-se mais aliviada e quis arrastar-se até á janela aonde se sentou na cadeira de braços, que era o seu pouso habitual. Olhava atenta a bandada de pombas brancas que saía do pombal em vôos estonteados e incertos, embaraçando-se nos ramos das laranjeiras que floriam de branco e perfumavam delicadamente a atmosfera.

—“Ah, como era linda a natureza, sempre renovada e sempre a mesma,— e como era bom viver!...

E a pobre doente ouvia, num encanto de esperança, nunca extinta no coração humano, as palavras de consolação que a boa Ama-Rita lhe ia dizendo.

—“Porque não iam passar uns tempos a casa do sr. Morgado?... Havia de fazer bem á senhora...

—“Sim, iriam — concordava Manoela — mas não já, a primavera começara apenas, e a Ama-Rita bem sabia como eram ainda invernosos e frios esses meses de primavera lá na terra.

Oh, se sabia! Quantas noites enregeladas passara acalentando nos braços a sua menina; quantos dias fechada em casa porque a neve e o frio não dava licença, até maio, de se sair da lareira...

Manoela, sorrizonha ás recordações da boa velhota, prometia fazer essa viagem—em vindo o bom tempo.

—“E o menino, quando nascerá?—perguntava a Ama.

—“Já tens pressa de o chamar teu, não é assim?...

E comparava, com um certo sorriso irônico a aflorar-lhe aos lábios descorados, a ansiosa espera em que se andava pela vinda do primeiro filho de Christina e os transe porque ela passara para que a mãe chegasse a este mundo, onde era agora uma triunfadora. Recordava... e recordar era tornar a sofrer as horas de desânimo e desespero que por milagre a não tinham atirado para um hospital de doidos ou para o cemitério.

Tornava a ver a casa em ruínas, onde a criança nascera como um animal bravo, que anda a monte, para não ofender com os seus gritos de filho ilegal as consciências sossegadas...

Como isso já ia longe e como tudo tinha mudado! Quem lhe diria então que Christina, a sua filha, essa vergonha viva, essa nodoa na família fidalga de que descendia, anos volvidos seria a senhora morgada a quem todos adivinhavam os desejos e amaciavam o caminho para que desse sem percalço o novo herdeiro da casa?!...

E tão dessemelhante destino só porque uma tinha um pai que legalmente reivindicava os seus direitos, enquanto a outra era filha dum homem, que na sua inconsciência de bruto apenas cuidara do prazer material e passageiro, com tanta mais perfídia quanto era maior o seu conhecimento da indulgencia da sociedade para com as leviandades do homem transformadas em crimes para as mulheres.

E Manoela, meditando e revendo toda a sua existência naquela hora de passageiro repouso, que a doença lhe dera, pensava com amargurado remorso no que chamava agora a sua covardia:

—“Sim, Christina, no impulso do seu egoísmo e da sua ânsia de viver, é quem estava na verdade!

“A transigência, a covardia, a fraqueza, mesmo quando são filhas do sentimento, acarretam consigo o triste prêmio da sua inferioridade. E assim, pela covardia a que tinham dado o bonito nome de bondade, ela ali estava sem família, sem amigos, sem uma alegria que a prendesse á vida que a ia abandonando como fardo inútil, que já não presta para nada.

“Não, não se deve transigir, não se deve esconder uma ação que em nossa consciência não é um crime, embora a sociedade na sua hipocrisia a mostre, ferozmente, como tal!

“A sociedade acostuma-se a respeitar os fortes e só pede contas severas aos fracos, aos que transigem, aos que a ela se não adaptam ou a não dominam, as duas únicas formas de a vencer.

“Christina tivera razão: ela não fora uma boa mãe, não soubera desempenhar o seu nobre papel, ferindo implacável porque fora ferida, cobrindo com a sua revolta o destino da criança que chamara a uma vida que lhe não pedira. Não tinha desculpa. Fora necessário que a filha, no seu bom-senso de bastarda, soubesse encontrar a desforra no sacrifício do próprio corpo procurando nesse casamento sem amor o nome que ela lhe negara.

“E valia muito o amor?... Ah, ela sorria, com dó de si mesma, recordando como se entregara toda inteira a esse sentimento, o corpo palpitante, a alma fremente, sem uma reserva, sem um pensamento mesquinho de dúvida, com a pureza duma criança, cuja alma não fora maculada pela desconfiança — e o que lhe deram em troca?!...

“Pois bem, ia reparar a sua falta.

E, chamando a Ama, que dava uma certa ordem ao quarto, respeitando a sua meditação, Manoela pediu a escrivanhinha portátil que estava sobre a mesa de cabeceira, pegou num papel e ia a escrever...

Depois suspendeu-se, sorriu com amargura, e pôs a pena de parte. O que ia fazer com essa declaração a juntar ao testamento?!

Christina já não precisava do seu nome, mais amplamente coberta com o do marido que a tomara como filha de pais incógnitos, e a sua declaração extemporânea apenas lhe traria vergonha inútil e dissabores...

Não a fazia — era já tarde para isso.

Recostando-se ás almofadas que a Ama-Rita lhe ajeitava na cadeira, sentiu-se agoniada, pediu água, depois fechou os olhos, franziu frouxamente os lábios descorados, e a cabeça tombou-lhe para o lado sem vida.

—“Deixou de sofrer! — dizia a velha, soluçando alto, para a criada e para a mulher do quinteiro que chamara aflita na primeira impressão de inevitável surpresa. E alisava-lhe os cabelos sobre a fronte, juntava-lhe as mãos numa atitude de prece. Deixou de sofrer, coitadinha! Toda, toda a vida — uma sacrificada!...

## DIÁRIO DE UMA CRIANÇA

Creio que não é bem exato o título que escrevi no alto da página. Isto não é verdadeiramente o Diário de uma criança, não é, mas sim a minha vida toda recordada dia por dia, hora por hora, com uma precisão de fatos e sensações de que o Chico muito se admira.

Decerto não sou muito velha — fiz em março vinte e dois anos — mas, assim mesmo, ele acha extraordinário como os episódios da minha infância se me fixaram na memória tão vivamente, e os posso recordar com tanta nitidez, como se a minha alma tivesse a receptibilidade mecânica de um fonógrafo.

Não pensei nunca em escrever; sei, tão pouco, que nenhuma novidade pode trazer ao mundo a minha prosa descuidada e frouxa.

Fui sempre pouco estudiosa e nenhuma honra dei aos meus professores. O Chico, que é um sábio, é que me disse, uma tarde, resumindo toda uma longa palestra em que eu lhe contei os mil incidentes de vida estranha em que o meu pobre espírito se debateu até chegar á doce paz da nossa felicidade de hoje:

—“Se tu escrevesseis isso tal qual o contas, faríamos um belo estudo de psicologia infantil!...

Eu, que adoro o meu Chico, não o queria desgostar, mas escrever tudo quanto sentia, tudo quanto me lembrava ter sofrido, parecia-me tão difícil!... Vida toda feita de sensações e estranhezas de caráter, quem poderá ter interesse em conhecê-la?!

Oh que coisa tão custosa de realizar, este desejo, quase imposição, do Chico!...

As minhas memórias são leves fios de aranha que não servem para urdir e tecer utilmente uma sólida obra caseira.

Escrever o Diário da minha infância, eu que nunca tive paciência de rabiscar cartas muito grandes—a não ser para o Chico!...

Depois, sei unicamente escrever o que sinto, e os escritores — dizem—não fazem assim. O Chico sente os versos que faz tão lindamente, mas esse... oh esse é outra coisa!

Por muito tempo discutimos, mas, como o senhor meu marido é adoravelmente teimoso e eu não sei ainda contrariá-lo, deixei-o ir uma noite destas ao teatro, recusando-me a acompanhá-lo a pretexto de ter sono, e quando voltou, eram

duas horas da manhã, entreguei-lhe o manuscrito, que leu sem descansar, tal qual o mandou imprimir logo no dia seguinte.

Isso é que me custou!... Porque, depois de o escrever duma só vez, e sem hesitar diante duma única palavra que não correspondesse ao meu pensamento, deixando correr a pena nervosamente, em galopada doida, quando as recordações vinham em montão, chamadas umas pelas outras, numa lufada de quase vertigem, sempre imaginei que ele emendaria aquilo e lhe daria uma forma mais correta.

Mas — qual historia! — o querido infame teve o descaramento de se rir na minha cara e de me responder:

— Que se o emendasse estragaria tudo!

Foi assim que saiu, tal qual o escrevi, numa hora de febre.

Chamo-me Raquel. Creio que este nome é hereditário na minha família, porque a minha avó e a mãe da minha avó eram também Raquel. Não sei. De genealogias, como de tudo mais, entendo pouco.

O mais longe que posso recordar na minha existência humana, vejo-me feliz.

Era uma grande casa de aldeia, a nossa. Havia ali de tudo quanto pode desejar uma criança acostumada á simplicidade da vida campestre.

Os pátios eram habitados por uma multidão de animais domésticos, que nos conheciam bem, de tanto milho que ás escondidas lhes deitávamos.

Eu era a mais velha, e os meus quatro irmãositos seguiam-me alegremente pelos campos fora, como um rebanho segue o pastor. Nada nos era defeso, nem parede que não tivéssemos escalado, nem arvore que não conhecêssemos como os nossos dedos. Os frutos eram vigiados desde que as arvores se cobriam de prometedoras flores, e antes, muito antes da família os ver em casa, já nós tínhamos feito a nossa primeira escolha. Quando a nossa pobre burrica descansava do fatigante trabalho da nora, íamos desamarrá-la da manjedoura, saltávamos-lhe para cima, e fazíamos-la trotar pelos caminhos pedregosos da aldeia como um *pur-sang* trotaria nas avenidas areadas dum luxuoso parque.

Felizes tempos!... Mas, no fim de contas, eu era uma rapariga; ás vezes lembrava-me disso, e nem sempre estava disposta a fazer de general no exercito fraternal.

Muitas vezes mesmo, o instinto do meu sexo pedia-me brincadeiras mais sossegadas: queria governar casa, ser a mãe, exercer a minha atividade de mulher trabalhadeira e que conhece o seu lugar. Chamava então as pequenas da minha idade e brincávamos às donas de casa: improvisando os nossos lares em qualquer recanto do jardim, servindo de baixela fragmentos de louça, cozinhando pétalas de flores e ervas que tínhamos mais á mão; indo ao tanque lavar a roupa das bonecas, as nossas filhas; carregando a água com a cantarinha em equilíbrio sobre a rodilha, no alto da cabeça; tendo as nossas disputas e conversas como víamos às senhoras vizinhas, lá no povo. Ralhávamos com os homens, os meus irmãositos — porque entravam tarde, andavam por lá com os amigos...

Na aldeia não havia meninas finas, e então arranjava as minhas amigas e companheiras nas humildes filhas dos nossos caseiros e serviçais.

Tinha os seus modos desempenados, os seus gostos simples, e, apesar disso, não me parecia com elas!

Sempre me há de lembrar o que escandalizava meus pais quando afirmava peremptoriamente: que de todas as casas da vila próxima, onde as havia muito boas, era a mais humilde de todas a que mais me agradava.

Cuidaram que era uma perversão do meu senso estético, mas vendo-a ha pouco, já depois de mulher, confesso que não mudei de opinião. É que sentia intuitivamente o pitoresco que os nossos artistas andam hoje procurando com tanto afã...

Na verdade a casinha térrea, construída sobre a rocha onde tinham cavado os degraus, com seu alpendre e o seu pé de videira a ensombrá-lo, era duma originalidade, na sua singeleza primitiva, que me encantava.

Nunca, como tantas crianças na minha idade, me lembrei de imitar a mamã, as tias, ou as senhoras das nossas relações. Nada! Só procurava ser aquilo que nunca conseguiria, por mais esforços que empregasse.

Melhor fora que tivesse conseguido o meu desejo e ficasse como as outras raparigas da minha aldeia: uma perfeita camponesa, cheia de saúde e de alegria, sem mais cultura do que a delas!...

—Meu Deus! A delicada ternura do Chico compensa-me de muitos desgostos passados, abre-me um caminho largo a uma existência toda inundada de sol; mas, quando penso em quatro anos da minha existência, sinto em mim uma tão grande repercussão de dores passadas, que não sei quanta bondade lhe será precisa para mas fazer esquecer!...

Enquanto eu suportei todos os tormentos que uma pobre criança pode sofrer, sequestrada de tudo quanto lhe rodeou e acariciou os primeiros anos; enquanto o meu espírito, sacudido pelas lutas mais violentas, angustiado pelas mais sombrias dúvidas, se abria á compreensão duma vida que dizem superior; enquanto o meu coração aprendia na dor os infinitos cambiantes dos sentimentos complicados; a Rosita, a Maricas, e a Aninhas da mestra — as queridas companheiras da minha infância — cresciam e faziam-se boas e laboriosas mulheres, cheias de vida e saúde, sem incompreensões mortificantes do seu próprio coração.

Quando elas me viram voltar á aldeia, tristemente grave, empalidecida pela dor, adelgada pelos anos, o trajar cuidado de quem não desconhece os preceitos da elegância, não compreenderam as lagrimas que bruscamente me vieram aos olhos e correram impetuosas pelas faces, como vaga interior vencendo todos os diques.

Imaginaram — as pobres! — que eu tinha saudades das amigas de Lisboa e as desprezava a elas. Oh não, mil vezes não! Tinha uma pungente saudade do tempo em que o meu espírito, não fatigado, se comprazia nas suas conversas simples, e em que os seus gostos naturais eram também o meu gosto.

Chorava desesperadamente a minha alegria, para sempre tocada de mal incurável; tinha desprezo — e muito — por essa educação que me roubara quatro anos de vida feliz e proveitosa, dando-me em troca uma ignorância mais completa do que a sua! Porque as minhas amigas e companheiras de infância sabiam muita coisa útil, e eu apenas me pudera convencer de que não sabia nada — o que é altamente desconsolador.

Como já disse, durante a infância considerei-me feliz. A minha mãe era bondosa, como muita gente o é, porque assim tinha nascido, pela mesma fatalidade psicológica que a podia ter feito nascer uma criminosa. Mas juntava a essa inconsciente bondade muita justiça e bom-senso.

Cuidava escrupulosamente do amanho interior da nossa casa, não deixando as criadas levantar mão dos serviços, com uma disciplina que invejariam muitos instrutores de recrutas. Rezava as orações obrigatórias de cada dia; cabeceava á boca da noite, antes de se acender o candeeiro para o serão; e depois de espertar era a última a deitar-se em casa, depois de ver todas as portas e apagar todas as luzes — não, fosse o inimigo sonso que se lhe metesse algum ladrão em casa, ou as raparigas se descuidassem com o lume! De manhã era a primeira a madrugar, para a mesma labuta de todo o ano,— que era afinal a de toda a sua vida.

De sabedorias para si, importavam-lhe pouco, mas queria-as para mim, que no seu entender devia tornar-me uma verdadeira menina educada: tocando piano, ataviando-me com jeito de quem sabe, que não privasse com as raparigas da rua, que lesse romances para ter umas luzes de historia, que bordasse a matiz e a escama de peixe ou a casca de castanha, cantasse ao piano em francês ou italiano, soubesse, enfim, estar numa sala...

Duma tão grande infelicidade que a única filha tinha modos de rapaz, detestava o piano, adormecia a ler os mais patéticos romances, e fazia a cabeça doida ao padre José, que nos dizia a missa na capela da casa e toda a semana carregava com a pesada cruz de nos iniciar nos mistérios da língua portuguesa.

Ralhavam comigo, mas, por mais que ralhassem, não conseguiam fazer-me compreender a possibilidade de estar perfilada numa cadeira a receber as visitas na sala, como via as filhas do recebedor e as do medico da vila quando vinham á nossa casa. Francamente, abominava as adoráveis meninas, que ficavam com sorrisos murchos ao cimo da escada, recusando-se a seguir-nos á quinta com medo de estragar os lindos vestidos á moda, esses vestidos aparatosos, cheios de fitas e rendas, que usam na província as meninas ricas.

Eu, que era uma selvagem incapaz de tolerar um colete justo ou umas botas apertadas, que pedia para que me cortassem o cabelo para não sofrer os penteados, que só gostava dos vestidos depois de afeitos ao corpo pelo uso, olhava com verdadeiro assombro aquelas meninas modelos.

Às vezes, a minha boa Maria Augusta tentava apertar um pouco os cordões do colete,—“para me tornar elegante” — mas eu protestava tão energicamente que tinha de desistir logo, dizendo-me arreliada:

—“Ó menina, é preciso sofrer para ser formosa!

—“Pois sim, espera por essa... Eu nem quero sofrer nem quero ser formosa!

Uma vez levantei-me cedo, estava uma manhã gloriosa de inverno, deste inverno tão nosso, em que o azul do céu é limpo, puro e transparente como se fabricado fosse pelo mais escrupuloso dos artistas e da mais preciosa das porcelanas.

Em casa apenas as criadas traquinavam na cozinha, encetando a labuta do dia, e a Maria Augusta abria janelas e portas para a limpeza do rés-do-chão.

Acordara cedo; a chilreada dos pardais madrugadores era o meu despertador.

O sol começava a aureolar o cume dos montes, e, como a nossa casa ficava ao cimo dum vale, depressa me inundou o quarto dum luz rósea que enchia de alegria os meus olhos e me fazia cantarolar e rir cozinha, como se estivesse no maior divertimento.

E vesti-me á pressa, com grande abundancia de gestos, batendo na água fria, que atirava para a cara com as mãos em concha, satisfeita e feliz como se uma alma nova despontasse em mim.

Em baixo, a Maria Augusta e as outras criadas festejaram o meu sorriso jubiloso, a minha madrugada feliz.

Correndo para o pátio, comecei por dar liberdade a toda a capoeira que ainda permanecia fechada, por soltar o Tigre que os criados já tinham acorrentado á sua grilheta diurna, e fui á estrebaria ver a nossa boa Cacilda, a burra, que me cumprimentou com um zurrar festivo.

Iniciando assim o que a Maria Augusta chamava irreverentemente a série dos meus disparates, não parei no principio, o que seria prova de pouca independência de carácter... Desprender a Cacilda e trazê-la para a horta, para que ela pudesse saborear á vontade as couves que o velho hortelão guardava avaramente dos seus dentes de apreciadora, pareceu-me a coisa mais natural do mundo.

Depois, ela bem almoçada, e naturalmente tão alegre como eu e como o Tigre, que a seguíamos satisfeitos de a ver escolher uma a uma as mais tenras folhas da horta, achei também natural, como um simples remate de tal festa, que fôssemos dar um passeio até á mata.

Chamando a Cacilda, acariciei-lhe o pescoço, dei uma volta á corda na mão, e dum pulo fiquei-lhe montada sobre o dorso como um rapaz.

Um pequeno assobio ao Tigre preveniu-o da minha resolução, e aí vamos nós todos três, alegres e felizes, porque o céu estava límpido e o sol brilhava, porque o ar era puro e os campos reverdeciam numa jovialidade de primavera próxima.

A meio da carreira sobreveio-nos um obstáculo inesperado, na vera pessoa do bom padre Zé, que já voltava das suas arvores em cata do almoço, e fez estacar a Cacilda com os seus gestos e gritos indignados.

—“Para onde vai a menina assim montada?!”

—“Dar um passeio á mata. É para abrir a memória e o apetite — respondi-lhe a rir.

—“Mas isso não são modos de menina bem educada! — apostrofou-me aflito.

—“Eu não sou menina, nem bem educada! — retorqui-lhe numa gargalhada.

—“Se a mamã sabe!...

—“Não lhe diga nada, que eu já volto.

E, dando um sinal á Cacilda, partimos a galope, deixando o bom do padre no mais profundo pasmo.

Agora são os médicos os primeiros a preconizar ás senhoras essa maneira de cavalgar, e não tardará que a moda a imponha como a última palavra do *chic*. Como a razão é intuitiva e se faz sentir na inteligência liberta da criança!

Mas á volta é que foram elas! Tinha levantado um verdadeiro temporal de protestos e queixas com os meus atos, tão espontâneos e naturais quanto me pareciam humanos e justos...

Pois não seriam eles meritórios: abrir as prisões, soltar os presos, dar de comer aos que tinham fome, e em seguida premiar-me a mim mesma indo passear?!

Não o entenderam assim em casa, lá porque as galinhas tendo encontrado aberto o portão do quintal tinham acabado a destruição da horta, que a Cacilda encetara com tanto brio! O hortelão parecia doido e a minha pobre mamã benzia-se assustada, temendo que eu tivesse o diabo no corpo.

Fui chamada ao escritório, àquele escritório de paredes revestidas de velhos livros onde o meu pai recebia os caseiros, fazia a sua escrituração, e lia, a maior parte das vezes, os seus in-fólios mofentos.

O caso era realmente grave, mais do que poderia presumir, para que assim se tivesse apelado para a autoridade paterna...

Assentado na larga cadeira antiga, de couro lavrado e braços abertos num carinhoso afeto, onde ele descansava as suas finas mãos de intelectual, diante do pesado bufete de pau santo torneado em três cordas, como um juiz austero, o meu pai admoestou-me severamente por tanto disparate e terminou por dizer: — que me tornava o escândalo da família e assim não podia continuar...

E como esta outras muitas fiz, que não acabaria se as fosse a contar todas.

A mamã queixava-se da minha extrema ignorância e incapacidade de ser apresentada diante de gente, o que o meu pai corroborava dizendo por seu turno: — ser absolutamente preciso, e muito urgente, mandar vir uma professora que tomasse conta de mim e me sujeitasse a uma “disciplina de ferro”.

—Que não, isso que não! — acudia a minha mãe — não queria estranhas medidas em casa a verem e a ouvirem tudo quanto se faz e em pouco tempo a saberem mais da nossa vida do que nós próprios. Nem a gente pode falar á sua vontade, nem ter as suas coisas, porque enfim não ha casa que as não tenha, sem que tudo se saiba e se comente... Depois, cerimônias, niquices, exigências... nada, isso não!

—“Pois é o único meio:— opinava o papá triunfante — uma senhora que lhe fale uma língua estrangeira e que a sujeite a um regime invariável.

—“Nada, um colégio é ainda o melhor; mete-se lá a pequena e fica-se livre de cuidados.

Meu pai hesitava, — tinha lá as suas ideias contra os internatos — e estou em crer que me preferia ignorante, como a Zéfinha da horta ou a Teresita do barbeiro, a ter que me mandar para um colégio.

Os meus irmãositos todos se afligiam quando se ventilava a magna questão, que os ameaçava da minha ausência, e eu, sem bem saber o que preferia, ia gozando alegremente os dias na bela paz da minha aldeia florida e ensoalhada.

Mal suspeitava que a desgraça estava a bater-me á porta — e mais terrível do que podia imaginar! Parece-me estar a ver entrar na cozinha de grande chaminé, onde se enxugava o enchido e as castanhas secavam no caniço, a mulher dos recados que fora á vila buscar o correio, e me dizia, alvissareira:

—“Olhe, menina, aqui vem uma carta para a mamã. É do seu tio Manoel; já lhe conheço a letra.

Muito alegre, arrebatei-lha das mãos e fui-me pela casa fora a gritar pela mamã até dar com ela no celeiro a receber uma pensão. Lembro-me bem — cinquenta e sete! — gritava o caseiro, e a mamã, muito serena, ia apanhando um grão de milho por cada alqueire que o homem despejava na tulha. Quando entramos — eu e os meus quatro irmãositos—como se fôssemos uma revoada de pardais bulhentos, ela toda se agastou...—Como isto me ficou nítido na memória! — Quando viu de quem era e o que dizia a carta, correu toda satisfeita em busca do marido, enquanto nós aproveitávamos a falta de vigilância para saltarmos

todos para dentro do milho. Eu, que era a maior, enterrava-me até á cinta nos grãos amornados e enchia os bolsos do meu bibe branco, para levar uma lembrança ao pombal. Um dos pequenos gritava que as suas botas, de canos muito largos por terem pertencido ao mais velho, levariam mais dum saco de milho, para a ração suplementar da Cacilda.

Riamos perdidamente, atirando uns aos outros aquela chuva de grãos muito secos, ainda cheirando a campo e ao sol das eiras onde se aloirara e brunira!

O caseiro achava muita graça aos meninos — pudera não! — e na sua cabeça lanzuda esboçava-se, talvez, o pensamento finório de se enganar na conta com alguns alqueires a menos. É provável que assim sucedesse, porque a carta do tio Manoel tinha transtornado por tal forma a mamã, que até se riu quando nos veio encontrar a todos aninhados dentro do milho, e não passou revista ás nossas algibeiras quando saltamos para fora e nos safamos com presteza — não fosse ainda cerceada a merenda que levávamos aos nossos protegidos da capoeira, do pombal e da estrebaria!

Já fora e ainda ouvíamos a contagem dos alqueires que entravam para a tulha, arrastada e monótona. Os bois, jungidos ao pesado e primitivo carro de duas rodas, estacionavam no quintal, ainda carregados com os sacos cheios com o resto da pensão, guardados por uma criancita vestida de jaqueta, calças compridas e grande chapéu, como um pequeno homem de caricatura. O que nós rimos! Era o filho do caseiro, o Tonito, mais novo do que o mais novinho dos meus irmãos, mas já útil como uma pessoa crescida.

São assim os filhos do nosso povo, duma sujeição ao trabalho que os predispõe para uma longa existência paciente, sofredora e produtiva.

Como esse foi o último dia feliz da minha infância, não me esqueceram nenhuns destes detalhes, nem o cheiro á poeira do milho e aos queijos da Serra da Estrela, que secavam em tábuas presas ao teto do celeiro por cordas isoladas com testos de barro, por causa dos ratos, providencias caseiras da minha mãe.

Desde essa luminosa tarde de outono, ainda quente como se o sol caísse a prumo, num estiramento inesperado de estio, e já perfumada pelos frutos maduros, que se recolham á pressa, e pelo mosto de cheiro forte que ferve nas dornas ainda antes de recolher ao lagar, a nossa casa transformou-se completamente. Eram só conferencias sobre o que se daria aos manos, e mais os lençóis bordados, a coberta de damasco para a cama, as toalhas de linho com ricas franjas de renda de Peniche... Tudo quanto havia de melhor se levava para o quarto da laranjeira, o mais vasto e cômodo da casa, o próprio quarto de meus pais, que tudo achavam pouco para receber condignamente o mano Manoel, que voltara havia pouco tempo do ultramar, casado com uma

estrangeira. E assim passaram oito dias em que se não pensou nem falou noutra coisa.

A minha mãe fazia esforços de memória por se recordar bem nitidamente dos traços fisionômicos do irmão, como se volvidos tantos anos gastos em trabalhos e fadigas, ele pudesse ter ainda o rosto levemente rosado, o buço mal lhe sombreando o lábio superior, a cabeleira negra ondeada que lhe davam um tão gentil aspeto no retrato em daguerretipo, tirado quando assentara praça em cadete, e que nós não nos cansávamos de ir ver á sala de visitas, no seu estojo forrado de veludo granada.

Até o Padre José afrouxava a sua vigilância pelo nosso estudo e punha-se ao dispor da mamã — para o que fosse necessário. A minha mãe sorria benévola e agradecia, mas não o ocupava em coisa alguma, porque ele, muito forte no português e no latim e mesmo um tanto no francês, tirado disso só á mesa, diante duma travessa cheia de açorda, ou no pomar podando e cuidando das suas queridas arvores, era homem de alguma utilidade.

Um santo, o nosso bom professor! Que saudades dele eu tive depois, quando comparava a sua maneira tão lhana de ensinar, a sua ingenuidade de bom, respondendo meio comprometido ás nossas curiosidades extemporâneas, e quando se atrapalhava á nossa pergunta atrevida:

—“Ó padre Zé, para que está sempre a falar no diabo?

Era o costume dele, o seu bordão.

—“É verdade — respondia-nos muito ingênuo — é um diabo duma mania que eu tenho de estar sempre a falar no diabo!...

Um bom homem, afinal de contas; um santo velho, nada fanático, de bolsa franca para todas as misérias, palavras de consolação para todas as lagrimas, espírito bem equilibrado e muito lógico, um filósofo sob a aparência dum sólido camponês. Conseguira que eu aprendesse da minha língua aquilo que ainda hoje sei; conseguiria —era capaz!—ensinar-me talvez o latim e até a ajudar-lhe á missa. O que não faria desta sua rebelde discípula a paciência beneditina do bom Padre José!

O tio Manoel era irmão mais velho da minha mãe. Saíra de casa muito novo; a última vez que empreendera a incômoda viagem á aldeia, era apenas cadete, como tirara o retrato. Depois fora para a África, na ânsia de ganhar honras e postos. De lá percorrera quase todas as possessões ultramarinas, sem mais se lembrar de escrever á família. Só havia pouco tempo mandara noticias participando ter casado, e dizendo a sua resolução de voltar em breve ao reino.

Alguns meses mais tarde, nova carta dava conta da sua chegada a Lisboa, onde estava tratando de se instalar, e convidava a irmã e cunhado para irem fazer-lhes uma visita. Na última carta, aquela que tanta impressão causara em todos nós, dizia: — que, em vista da dificuldade que os meus pais opunham em deixar a casa, viria ele visitá-los e apresentar a sua senhora.

No dia em que deviam chegar, logo de manhã nos envergaram os fatos domingueiros, recomendando-nos muita cautela — não fossem os tios julgar-nos uns besuntões!

Nesse dia era escusado o lembrete, pois nenhum de nós pensava em diabruras, ansiosos como estávamos por ver chegar os hóspedes.

O Papá partira cedo para a vila, para esperar a diligencia que traria os viajantes, e nós subimos às janelas mais altas a ver se descobríamos o carro por entre as faias da estrada real.

Lá para o meio dia descobriu um de nós uma nuvem de poeira ao longe — tal qual como no Barba Azul — e, logo depois, ouvimos o guizalhar da diligencia que já se avistava numa volta da estrada. Corremos alvoroçados a prevenir a mamã, que na cozinha dava as últimas instruções á criada sobre a cozedura do peru e o assado de leitão.

Um quarto de hora depois apeava-se á nossa porta, entre o povo curioso, a mais extraordinária pessoa que até esse tempo eu tinha conhecido.

Depois disso, no caminho da vida, que já não é curto pelo muito que tenho sentido e sofrido, tenho visto bastas figuras caricaturais: gente de todos os modos e feitios, tipos de comedia e tipos dolorosos de tragédia, riscados em dois traços por Gavarny, risos disformes em pálidos abortos, exageros de vestuário igualmente ridículos, ou pela extrema elegância ou pelo extremo desleixo... Tenho visto de tudo, e jamais senti o pasmo que essa primeira pessoa estranha causou no meu espírito desprevenido.

Os meus irmãos, em frouxos de riso, fugiram para dentro de casa, e o Miguelzinho, que era o mais velho, abaixo de mim, puxava-me pela manga sublinhando risos muito irônicos.

Eu, não sei porquê, não tive vontade de rir; qualquer coisa me dizia cá dentro de mim que era para pranto, e não para riso, a entrada daquela gente na minha vida.

Primeiro apeou-se o meu tio, um velhote bastante alquebrado, mas alegre por se ver na terra natal. Abraçava toda a gente, e tratava por tu velhas que eu me acostumara a considerar avós, e que limpavam os olhos lagrimejando por o verem tão acabadinho... E ele ria — raparigada do seu tempo, todas essas velhinhas, e queriam que ele estivesse um rapaz, e mais que não tinham andado por trabalhos e canseiras de climas inóspitos!...

E achava extraordinário que a irmã, uma garotinha de saias curtas quando ele partira, estivesse já mãe de filhos...

—“E já de cabelos brancos—visse bem o mano!...

Atrás dele, saiu do carro uma pequena de cinco anos, parecendo ter o dobro, nem bonita nem feia, extravagantemente vestida á inglesa de torna-viagem, e toda doutoral nas suas frases. Fora a última a nascer, depois de bastantes anos de casamento, em que todos os filhos lhes tinham morrido; por isso era respeitada como milagre vivo.

Por fim, quando os criados tinham carregado uma aluvião de malas, necessários, sacas de linho bordadas, e tanta coisa que nos fazia arregalar os olhos de espanto, a nós pobres pequenos selvagens, que, a respeito de viajar, íamos ás quintas próximas pelo tempo da vindima e até ao rio em folgada pescaria uma vez por festa. Depois começou a sair um prodigioso chapéu de palha envolto em gaze cor de castanha, e, a seguir, um corpo enorme vestido com um guarda-pó de xadrez em largas mangas perdidas.

Era monstruosa a minha tia! Nunca lhe pude dar este nome porque o meu espírito se recusou sempre ao convencimento desse parentesco, que repugnava á minha afetividade.

Alta como um carvalho e gorda em proporção, o que a tornava ainda mais exótica entre gente miúda como é a nossa. Talvez não tivesse sido feia, mas as feições estavam enterradas em tecido adiposo, e só naquele deserto de cara branca brilhavam uns olhos metálicos e frios que nenhum sentimento conseguia adoçar. Quando os pousava na miudinha figura de morenita que eu era então, toda a minha carne se arrepiava numa tremura e os meus nervos vibravam desagradavelmente.

Trazia o cabelo, já a embranquecer, cortado pelo pescoço,— á estudante, diziam por lá as pequenas da aldeia — modos autoritários, voz de comando, andar de granadeiro, e uma língua de trapos que ninguém entendia.

Mãos e pés não tinham fim, e o seu desembaraço irritava-me pela mania que tinha de fazer tudo e melhor do que ninguém, de falar alto e atirar os braços para a frente num gesto resoluto de jogador de *box*.

Meu pobre tio admirava-a e escutava-a, submisso, como a um oráculo, nada fazendo sem a consultar.

Sobretudo nenhuma delicadeza feminil, muito orgulhosa da sua superioridade e senhora da sua pessoa, dizendo mal — de português, e tudo quanto é português, muito estúpidos!...

Dizia-se filha dum banqueiro da Havana prodigiosamente rico, mas tais riquezas — como as de Pedro Cem — perdiam-se na sombra da lenda.

Contava coisas estupendas de seu papá, descendente em linha reta de grandes de Espanha, pelos vistos, dos soberbos companheiros de Colombo... A sua mamã, essa era uma aristocrática *lady*, viúva dum membro da aristocracia britânica, que não se designara de aliar o seu puro sangue azul ao de descendente dos audazes conquistadores...

A fortuna de seu papá pesara por muito tempo nos destinos do vizinho reino, como o luxo da mamã dera brado na corte de Madrid e na *vilegiatura de San Sebastian*, uma vez que os dois tinham visitado a metrópole.

Coisas que ela dizia, que, ao certo, quem pode dizer donde vem essa gente, retalhos desencontrados e disparatados das raças do mundo inteiro?!

Apreendi depois, no decorrer da nossa convivência, por meias palavras escapadas a uns e a outros e por inconfidências de pessoas das relações e que os tinham conhecido lá fora, que o banqueiro caíra vergonhosamente numa falência que fizera estrondo e a *lady* não passava duma aventureira, dessas que a Inglaterra exporta, sob a capa angelical de sérias institutrices, e que por todos os meios querem arranjar uma existência mais cômoda.

Orgulhava-se extremamente dessa sua origem britânica, como de ter nascido na America, como se fosse uma legitima filha dos Estados-Unidos...

Oh, a livre America, sonho de todos nós os que nos sufocamos sob a pressão do convencionalismo europeu, como essa mulher no-la mostrava odiosa, opressiva, duma rigidez de puritanismo fanático!

—“Oh! Amérricana, grande coisa!... Eurrópa, muito desmoralizada!... Pórtuguês, muito estúpida!...

Igual ao seu orgulho de ter nascido numa ilha da America e de pais tão ilustres, só o desprezo, e a ignorância propositada, por nós, pelos nossos gostos e aspirações, pelo nosso povo tão laborioso e inteligente, embora inculto, pelo nosso país tão belo, o nosso clima tão doce no sul e tão soberbo junto ás montanhas que a neve cobre nas invernias grandes...

Desconhecia a nossa historia, não sabia ler os nossos poetas, não se entusiasmava com os nossos prosadores. Os nossos costumes, tão pitorescos, eram, aos seus olhos, de selvagens; as canções do nosso povo achava-as sem brilho nem graça, melopeias só próprias para adormentar crianças.

Oh, o horror que nos causava essa criatura, que assim abocanhava tudo quanto nos era querido, achando sempre que dizer das superioridades dos outros países! Nós, os pequenos, que não tínhamos adquirido com o decorrer da vida a fleuma risonha com que meu pai a escutava, a indiferença com que a minha mãe ia tratando da sua vida sem lhe prestar atenção, nem a paciência do Padre Zé, que abanava a cabeça embranquecida como única resposta; nós desesperavamo-nos por não nos permitirem contrariar a hóspeda. E o Miguel, que já pensava muito bem e tinha observações muito a propósito, dizia-me baixinho, de cada vez que a ouvia denegrir as nossas coisas: — Não sei como, sendo tão mau o nosso país e a gente tão estúpida, ela casou com um português e veio para cá maçar-nos!...

Mas o que eu não compreendo é como essa criatura, que para nós era tão desagradável, conseguiu convencer meus pais da sua inteligência, chegando a dar-lhe razão nos seus grossos dislates.

Principalmente na minha pobre mãe, que se julgava uma ignorante, — ela que dirigia a sua casa com tanto critério e olhava providencialmente por nós todos — fizera profundo sulco a torrente de sabedoria enciclopédica que jorrava enfaticamente da sua boca.

Logo que chegou, desembaraçada dos apetrechos da viagem, olhou-nos com altivez. Depois tomou-me á sua conta, por ser eu a mais velha e por ser rapariga. Um dia sujeitou-me a um interrogatório em forma:

— “Menina sabe francês?

— “Não, menina não sabia francês.

— “Oh!... vergonha!

Estive para lhe responder: — E a senhora sabe português?!

Chamaram-me sempre atrevida nas respostas, mas o que é certo é que me arrependo sempre das poucas que tenho deixado de dar tal qual as penso.

—“Menina sabe inglês?

—“Não.

—“Oh! sabe desenha?

—“Não.

—“Oh! muito linda! Aquelas sombras!... Na América toda a gente sabe desenha!...

—“Sabe piana?

—“Não.

—“Oh! vergonha, vergonha, uma menina não tocar nem cantar!...

E seguiu-se uma preleção sobre tudo quanto enumerava e que eu, pertinazmente, ignorava. Na verdade eu sabia pouquíssimo, mas estou certa que ela não conhecia senão de nome a maior parte do que dizia. Aquilo tudo era papagueado, elementos de coisas que aprendera no decorrer movimentado da sua vida.

O meu querido Padre José pasmava: — “Como podia uma senhora saber tanto?!...

E a minha mãe desculpava: — “Oh, a mana não imagina a falta de professores que ha por estes sítios! Temos pensado em mandar a pequena para um colégio, mas o pai prefere uma professora... Eu, professoras em casa — tenho-lhes um medo!

Demoraram-se, apesar de todos os incômodos a que se sujeitavam naquele selvático país, um longo mês em nossa casa. Depois...

Quando penso, ainda estremeço de raiva! Depois de longas conferencias e segredos com os meus pais, combinaram que eu iria com eles para Lisboa e ficaria em sua casa para me educar.

Quando nós, os pequenos, soubemos o que significavam tais mistérios, já tudo estava resolvido. Eu desanimei; os meus irmãositos choravam pelos cantos, e chegavam-se a mim para os animar. O Miguelzinho, que era o preferido da mãe,

tentou discutir tal resolução e pedir para que me não entregassem á estrangeira, mas ficou desiludido da sua influencia porque o chamaram pateta e proibiram-lhe terminantemente de se meter onde não era chamado.

Cá por mim, nada pedi nem objetei; fechei-me num mutismo que exprimia já, mais do que as palavras, a onda de revolta que se me ia formando no coração.

Sucumbi. Já não tinha gosto para nada: não voltei á quinta nem procurei mais a Cacilda, para a cavalgar como os rapazes e percorrer os caminhos tão conhecidos e amados. Os meus amigos do pombal sentiram por certo a minha falta, como os da capoeira a tinham já sofrido...

Nunca mais procurei as pequenas minhas companheiras, mas via-as por detrás dos vidros da janela dançaram em rodas, ouvia-lhes as cantigas joviais, percebia que jogavam a laranjinha ou faziam de senhoras vizinhas... E ficava-me indiferente, já alheada da sua alegria, afastada para sempre do seu convívio, desprezando inconscientemente a sua humildade. Era como aquelas pessoas, quase na agonia, que já não são deste mundo nem o que nele passa lhes interessa — e ainda não entraram no supremo descanso da morte.

Decerto que muitas vezes pensara em sair da aldeia, percorrer novos caminhos, ver paisagens inéditas, terras lindas de encantar como as sonhava por esse mundo fora!... Invejara, não poucas também, os vagabundos que passavam pela aldeia e nos contavam coisas estranhas para os nossos espíritos, e de que eles traziam nos olhos um vago assombro... Devaneando, o Miguelzinho e eu, quantas vezes não conversamos sobre a divertida existência dos ciganos, que andam de terra em terra com os ursos e os macacos e sob a sua esfarrapada tenda têm todo o seu afeto e interesse no mundo?!

Sair dali... ir viajar... ver paisagens novas em folha para a minha retina, terras desconhecidas, gentes exóticas, seria uma libertação, mas ir na companhia duma pessoa que nos era tão particularmente antipática, confiada á sua guarda, colocada sob a sua autoridade, isso nunca o podia ter sonhado, nem como pesadelo me assaltara jamais o espírito.

Não chorava, porque a profundidade do golpe me revoltou até quase á loucura. Desde o dia em que me deram a noticia do meu destino, deixei de ser a criança que fora até aí para me tornar numa sombria criatura, raro abrindo em risos a sua alma ingênua.

Tinha doze anos, cheios de saúde e alegria; era uma perfeita criança, sem sombra de malicia a macular-me o espírito — uma pequena criatura muito humana e muito bondosa. Fui depois uma pobre alma torturada, contorcida em ódios, desprezando e desconfiando de tudo e de todos.

O mundo deixou de ser para mim uma festa cheia de sol para se tornar num álgido subterrâneo.

Hão de dizer que exagero, que o caso não era para tanto, nem a mulher de meu tio merecia o repulsivo ódio que lhe votei... Mas que querem?! Não ha animais que odeiam uma determinada criatura, numa repugnância instintiva, sem aparente razão?

Tal o meu sentimento por ela: instintivo, invencível, fatal.

Meus irmãos choraram muito quando eu parti; a minha mãe abraçava-me soluçando convulsivamente, apesar de toda a sua serenidade de mulher que nunca sentira rebate de nervos em vibrações assustadoras, mas eu desprendi-me dos seus braços, de olhos enxutos, pálida e sombria, concentrada na convicção íntima de que não me estimava verdadeiramente quem assim me expulsava do seu lar, para me colocar sob a autoridade despótica duma quase desconhecida e já detestada criatura.

Antes o colégio! — pensava com amargura. Ao menos teria amigas que sofreriam comigo o cativoiro, teria talvez professoras que estimasse...

Toda a gente da aldeia acorrera para me dizer adeus; assim eu andava de braços para braços, levando beijos que me repugnavam mas aos quais não tinha coragem de me negar. As criadas, uma por uma, vieram ainda á porta do carro dizer-me os últimos adeuses, e quando a Maria Augusta me abraçou apertou-me com tal ânsia que um nó se me deu na garganta, e teria fraquejado ali, diante da estrangeira, se a não visse no fundo do carro sorrir com ironia da cena, que aos meus olhos nada tinha de ridícula.

Quando na vila, ao partir da diligencia, meu pai se voltou para limpar as lagrimas furtivamente, toda a minha alma explodiu num adeus — que mais era um grito de protesto... Até ele! Todos, todos, me abandonavam. Era demais!

Aninhei-me a um canto da carruagem, estupidificada pelo assombroso do caso, e deixei-me transportar como um fardo, sem vontade nem iniciativa; era mais um volume a acrescentar aos inúmeros sacos, malas e maletas que abarrotavam a diligencia alugada por conta da minha enorme tia.

De pouco me recordo dessa jornada triste que me levou a Lisboa. Dias chuvosos de princípio de outono, estradas desertas, campos desnudando-se numa paisagem uniforme, tristezas da alma e tristezas da boa natureza, que se despedia dos meus olhos num compungimento de simpatia.

Ainda bem que chovia! Se fizesse sol, se as raparigas cantassem pelos campos, e os carros de bois arrastassem pelos caminhos a fartura da colheita, quanto isso seria infinitamente mais desolador para a minha pobre alma confrangida!

Assim cheguei a Lisboa por uma madrugada nevoenta, sem sequer me ter admirado do caminho de ferro que pela primeira vez vira no Entroncamento, onde o fomos tomar. O que podia interessar e comover o meu espírito atordoado por esse repelão da vida, que tão cedo começava a magoar-me?!

Ah, como se sofre quando se é criança, quando ninguém respeita a nossa dor e a nossa vontade, quando decidem do nosso querer como se fôssemos títeres animados por maquinismo industrial!

Lisboa não me deslumbrou, porque mais, muito mais, fantasiara dos seus encantos e fausto no meu sonhar de criança. As ruas da Baixa, com as suas altas casarias alinhadas e uniformes, que a rigidez pombalina decretou, faziam-me uma terrível saudade dos campos largos por onde a vista passeia e cabriola como cabritinho montês. Apertava-se-me o coração recordando os horizontes que se esbatem ao longe, nas serranias violetas; e o marulhar da multidão irritava-me os nervos, mal me podendo recordar o rumorejar embalante dos pinheirais atravessados pelos ventos em livres carreiras de tardes outonais...

O meu pobre tio mostrava-me coisas, queria que me extasiasse com a capital, eu pobre serrana que nunca vira nada, mas a faculdade admirativa tinha-se embotado em mim. Era um corpo sem alma — que essa por lá me ficara, errando pelos campos da minha risonha terreola.

Só quando o mar se descobriu diante dos meus olhos, eles se abriram numa atenção de velha simpatia. Não, nunca tinha visto o mar, mas sonhava-o e amava-o desde muito, com o afeto entranhado e atávico que todos nós lhe temos. O mar, a nossa estrada movediça e terrível!... O mar, essa nossa segunda pátria, foi a única coisa onde descansei a vista com enlevo e que durante os quatro anos de cativo me deu algum prazer á vista. Quando, entre duas ruas, o descobria lá ao fundo, numa nesga rutilante de sol, toda a minha alma se refrescava e florejava de sorrisos.

Felizmente que a casa do tio era num bairro afastado e novo, onde raro chegavam os pregões berrados das ruas e só de longe em longe o rodar duma carruagem fazia estremecer os vidros das janelas. E, por fortuna, tinha atrás um jardimzito, entalado entre casas é verdade, mas enfim mimoseando-nos com um pouco de ar mais puro para os robustos pulmões desenvolvidos pelo ar forte da montanha.

A cubana tinha formas dogmáticas sobre a educação, que serviam para os cinco anos da filha e para os meus doze de rapariga núbil.

Era preciso que me levantasse cedo — vá! Isso não me custava, acostumada desde criança às madrugadas na aldeia. Mas, depois de me levantar, não podia correr pela quinta, abrindo o apetite ao almoço suculento que me esperava na mesa; tinha que fazer a cama, arrumar o quarto, e estudar.

Em casa, para ajudar a Maria Augusta, muitas vezes lhe tirava a vassoira das suas pobres mãos encarquilhadas, e varria, cantando festiva, auxiliando-a no fazer das camas e mais arranjos domésticos; ali, obrigada, mandada por aquela monstruosa criatura, sentia um tal desespero, um tal rancor a referver-me na alma, que todas as minhas ideias eram negras como fuligem, todos os meus sentimentos eram maus a roçarem pela perversidade.

Encostada aos vidros da janela do meu quarto, olhava a gente que seguia o seu caminho, apressada ou vagarosa, alegre ou triste, pobre ou rica, — e a todos eu invejava com verdes invejas de réptil!...

Era preciso que estudasse três horas antes do almoço, e o meu espírito vagabundeava pelos caminhos pedregosos da minha terra, debruçava-se na ribeira onde os salgueiros refletiam a folhagem leve e as margaridas rosadas, as pervincas azuis e os miosótis da cor do céu espreitam entre a verdura da erva tenra... Era preciso que inclinasse sobre os livros a minha pobre cabeça pesada de sono, e os meus olhos fechados reviam os milharais regados de fresco, as cerejas vermelhas suspensas como pingos de lacre das árvores amigas, as amendoeiras em flor, as encostas cobertas de olivedos pálidos, os pinheiros esguios, os castanheiros arreganhando a boca dos seus ouriços para nos darem o fruto saboroso. O meu espírito não acompanhava o pobre corpo oprimido, que se estiolava num quarto fechado, diante de estéreis livros que não compreendia; não! Ele assistia, lá ao longe, á ininterrupta festa da natureza; alegrava-se com os divertimentos do campo; procurava os magustos, onde se comem as castanhas assadas na fogueira; ia aos serões, onde as velhas avós contam lindas histórias ás raparigas, fiando á mortiça luz da candeia suspensa do velador de pau enegrecido pelos anos; evocava as ranchadas que vão ás romarias, cantando e tocando a viola e os ferrinhos, e os que vão para as feiras álacres, entre festivos e afadigados, na policromia do trajar das mulheres e na gravidade interesseira do comerciante que oferece ou compra a mercadoria e discute largamente o seu negócio...

A fuga era o único deleitoso pensamento que se esboçava no meu cérebro. Fugir! Ser livre! Não ter mais diante dos meus olhos a figura estupenda da mulher de meu tio, nem a face simiesca da petiza!... Era o ideal supremo que acariciava, um sonho redentor que se me fixava na cabeça por mil pontos

delicados e imperceptíveis. Formava com esta única e obsessiva ideia projetos sem conto, e se não fosse a covardia ante o escândalo, que é ainda uma servidão do nosso espírito, se não fosse o receio atroz de ser apanhada pela policia, vir o meu caso por miúdos nos jornais, e ser finalmente trazida de novo ali, certamente teria feito alguma!... Faltava-me a energia determinante dos fortes caracteres. A revolta traduzia-se pelo embrutecimento, pela apatia, pela oposição passiva dos fracos e dos ignorantes.

Fechada no quarto todas as manhãs, em vez de estudar deitava-me sobre a cama, e afiguravam-se-me as tábuas alinhadas e estreitas do teto como se fossem as tábuas do meu caixão.

Lá fora era a vida: os pregões que atravessavam a rua solitária numa festa ruidosa de cores, revoadas de andorinhas riscando o azul em zig-zagues caprichosos, a chilreada estúrdia dos pardais pelos telhados...

Morria de aborrecimento, e morrer, creio, foi o pensamento mais consolador que nesse tempo se alojou no meu cérebro.

Não estudava, o que era em mim um velho habito, mas com as lições do Padre Zé tinha chegado a compreender alguma coisa, e agora sentia-me sem nenhuma inteligência, sonolenta, parada, sem sombra de vivacidade intelectual.

Tinha uns poucos de professores, pagos pelos meus pais é claro. E por sinal que eram bem generosos com o dinheiro dos outros...

O inglês ensinava-mo ela, mas eu odiava-a tanto e o meu espírito começava a achar um tal prazer em contrariar os outros, que me sublevava contra mim mesma quando começava a compreender essa língua que ela tinha como sua.

Farta já de a saber, obrigava-a a algaraviar o português para me rir intimamente dos seus cômicos disparates.

Estava assim.

Pouco sai durante os quatro anos que durou o meu cativeiro — porque a sua companhia me desagradava cordialmente, porque os passeios por ela escolhidos eram odiosamente disparatados, e porque a sua imposição de me ensacar em verdadeiros horrores, que ela alcunhava de vestidos á inglesa, me causava um asco invencível.

Sem ter nunca apreciado os laçarotes e as rendas esbanjadas nos vestidos provincianos das minhas antigas conhecidas, sem ambicionar a elegância casquilha das meninas lisboetas, o meu espírito era demasiadamente

meridional, demasiado artista, para se não prender com a forma e não se encantar pela cor e pela beleza do traje, como de tudo quanto me pertencia e rodeava.

Assim, achava meio de me esquivar sempre que saíam, o que era raro, pretextando estudos que nunca fazia.

De meses a meses, a visita ao cônsul inglês era o único parêntesis de luz na tristeza da minha vida. Tinha umas filhas encantadoras, algumas já senhoras, e, entre elas, a Maud era muito gentil para mim, consolando-me e alegrando-me, nas poucas vezes em que nos avistávamos, das muitas horas de incomportável tédio que passava naquela casa.

Maud era muito inglesa na sua educação para censurar uma pessoa das relações da casa, mas o simples sorriso dos seus lábios finos, a ligeira carícia dos seus olhos puros, era quanto bastava para me encher o coração de reconhecimento e ter na sua amizade toda a confiança.

Pobre Maud! Levada pelo destino para longe, obrigada a ganhar a sua vida pela morte dum pai afetuoso e inteligente, em que país, em que terra, em que família, o seu sorriso honesto, a sua graça séria, serão consolo e júbilo para alguma criança infeliz, como eu era?!

Outra qualquer pessoa, por menos melindrosa e suscetível que fosse, não se sentiria feliz num meio em que tudo era violento e desagradável.

A cubana ralhava por tudo, nada estava feito a seu gosto, de manhã á noite lamentava ter vindo para um país de que dizia indelicadamente, grosseiramente, os últimos horrores: — a vida era caríssima, os criados eram mandriões e inábeis, era preciso olhar por tudo, ver tudo, desde a roupa da lavadeira até á limpeza da casa...

Tornava desgraçada toda a gente, e não consentia que ninguém se considerasse infeliz—possuindo a rara fortuna de a ter ao lado!

Ao meu pobre tio impunha uma felicidade que ele estava longe, bem longe, de sentir. Não podia formular uma opinião sua; era obrigado a confirmar tudo quanto ela dizia, e ainda dizer-se o mais ditoso dos maridos e fazer elogios á sua alta inteligência, bom-senso e sábia economia.

Meu pobre tio! Verdadeiramente, aquela pressão moral em que conservava o bom do velho, revoltava-me. Nunca pensei em impor a minha vontade a ninguém, e tudo quanto seja coagir a dos outros, tirar ao ser humano a

liberdade de sentir e pensar por si mesmo, exaspera-me como violência contra mim própria exercida.

Depois, a pequena tinha a bela qualidade de espiar e ir contar-lhe tudo quanto se dizia e fazia em casa, e por muitas vezes o que nem sequer se sonhava dizer ou fazer. Um amor de criança!

As criadas entravam e saíam com uma velocidade de comboio expresso.

Quando mal humorada, dava-lhes bofetada e descompostura que as fazia fugir espavoridas; mas, se por outro lado lhe desse na cabeça, enchia-as de presentes e favores. Era conforme elas sabiam ou não lisonjear-lhe a vaidade.

A última que lá conheci, talvez a mais velhaca de todas, essa soube cativá-la, e fazia quanto queria sem que ouvisse uma simples reprimenda. Adiante falarei na menina Eulália, que entrou para muito na minha vida.

Meu tio é que escrevia para casa e lá dizia dos meus adiantamentos, que, francamente, não eram nenhuns. Às notícias dos meus pais, tão carinhosas e prolixas, eu respondia com aquelas cartas incolores que todas as crianças prisioneiras nos internatos, ou onde quer que lhes ponham sentinela ao pensamento, têm escrito. Cartas em que nem um vislumbre da alma infantil entreluz; cartas feitas só de palavras ouvidas, e que são o primeiro passo para a mentira social a que nos querem sujeitar, como a cães sábios sob o chicote domesticador e o medo... A criança, que sabe que as suas cartas serão maculadas pelos olhares indiferentes, e os seus verdadeiros sentimentos procurados nas linhas em branco da sua pobre correspondência, perde a sinceridade, não se expande com lisura, não diz o que sente...

Os bilhetes que metia no mesmo sobrescrito de meu tio eram frios, pouco mais ou menos o que me diziam que era dever escrever: — que estava bem, que era bem tratada, que me sentia feliz... Nada do que, em verdade, eu teria desejo de dizer!

É certo que a minha alma irritada julgava-se ofendida pelo desamor com que me tinham expulso de casa para me atirar para o poder daquela mulher, que para mim resumia tudo quanto eu podia odiar mais.

Nesse tempo não gostava de ninguém — nem de mim mesma. Era injusta, mas era humana. O animal criado em toda a expansão da sua vida material e forte, não se subjuga sem rebelião, não se obriga sem muito custo a entrar no regime de servidões a que se convencionou chamar deveres sociais.

Assim, quando meu pai empreendia a longa viagem da aldeia á capital para me ver, eu não correspondia de modo algum ao seu afeto e interesse.

Sem compreender o enorme sacrifício que faziam para me dotarem com uma educação que supunham ser um precioso instrumento de felicidade para toda a minha vida, achava que era desamor o que me consagravam e tão somente desejo de me verem longe da sua casa, porque o meu feitio moral os desconcertara e lhes era talvez odiosa a minha presença...

Ás perguntas insistentes que me fazia, vendo-me tão delgadinha e triste, o meu orgulho fazia-me responder com sistemática negativa.

Se ele se demorasse, se insistisse, a minha energia não seria mais forte do que a revolta contra o sofrimento, tão natural ao ser humano quando novo e saudável.

Mas o meu pai não supunha encontrar tais meandros e subtilezas no sentir duma criança que conhecera defeituosamente franca e impulsiva. Por outro lado, os negócios da casa não o deixavam demorar mais do que um dia ou dois, o que não era muito para fundir o gelo que se formara no meu coração contrariado e amarfanhado.

Ora de estudos ia eu muito mal. Os meus professores classificavam de estupidez a minha incapacidade de satisfazer as lições, e creio bem que o era.

Não estudava, e mesmo que estudasse não compreendia.

A cabeça parecia-me de chumbo, pesava-me como o capacete dum guerreiro antigo. Não faziam nada de mim, pela certa!

A professora de desenho era a única que tinha dó dos meus traços indecisos e me dirigia com boas palavras, por isso fiquei sabendo um pouco mais dessa arte, que das outras, e com imensa pena de não poder fazer tudo quanto ela me dizia que seria capaz de realizar, com a minha paixão pela correção das linhas clássicas, a minha expansiva busca das cores, que ousava procurar inéditas e brilhantes na paleta de principiante...

Sentia-me infeliz, e, se verdadeiramente me quisesse queixar, não saberia bem precisar o que me magoava naquela casa. Talvez porque era tudo, desde a gente até á comida. Chegava a ser um suplício; acostumada em casa a encher abundantemente o meu pequeno estomago voraz, ali tinha até medo de meter na boca um pedaço a mais, porque via todos os olhos a pesarem e a medirem tudo o que a minha garganta oprimida conseguia deixar passar.

Por economia e por habito, eram todos frugais, e eu, por cerimônia, quando os via recusar o *roast-beef*, que se comeria frio no almoço do dia seguinte, recusava-o também, embora às vezes sentisse um bom apetite de animalzinho carnívoro, que não se sente satisfeito.

O meu único desafogo era o jardinsito, que tratava com todo o cuidado. As sementeiras iam a horas para a terra, e não lhes faltavam as regas, com a água que eu mesmo tirava da bomba, nem a cobertura de palha, mais tarde, por causa das geadas.

Andava sempre a espreitar o crescimento das plantas tenrinhas, que mal despontavam na terra pobre de adubos vitalizadores; e quando, na primavera, as arvores que mal se desenvolviam na sombra daquele jardinsito entalado entre prédios altos, se enfloravam, toda a minha alma florescia com elas, recordando as que lá ao longe perfumavam os campos onde a minha saudade me levava errante...

Ora o jardim era dividido do que pertencia ao rés-do-chão da esquerda por uma sebe de madeira, que eu pensara em disfarçar sob a verdura abundante duma trepadeira de folha permanente. Passava horas desembaraçando as finas hastes para as ir guiando e atando. Quantas vezes, de tanto as querer estender e espaldar, não parti grandes pedaços, que depois lamentava muito contristada! O mal de quem tem muita pressa... em contrafazer a natureza.

Ao fundo, era limitado pela parede dum outro jardim, que nunca tivera a curiosidade de procurar ver, embora por lá sentisse as risadas de crianças mais felizes do que eu...

A tristeza até embota a curiosidade, essa forma, embora inferior, da vivacidade intelectual. Concentrava-me no meu próprio sentir, e todo o mundo me era estranho.

Ora isto foi assim até que num dia veio para o rés-do-chão vizinho uma nova família: pai, mãe, e filha, uma pequena encantadora, que começou a sorrir-me e a cumprimentar-me quando me via na minha faina de jardineira.

A Mariquinhas, com a sua mobilidade graciosa, falou-me uma primeira vez, a propósito de nada, só para encetar conversa. Respondi-lhe acanhadamente de principio, mas em breve toda a minha timidez desaparecera diante da sua ampla cordialidade. Conversamos, e logo á despedida nos beijamos, por cima da sebe que já conseguira vestir duma folhagem de lindo verde brunido.

Em poucos dias ficamos as maiores amigas do mundo. Pela minha parte entreguei-me com ardor ao estranho prazer dessa amizade; agarrei-me a essa

ventura com o desespero de quem se vê só, num meio irritante e hostil, sem um único afeto a confortar um pobre coração feito para o sentimento.

A Mariquinhas era a única e amimada filha duns pais, que a tinham só a ela, duns poucos que no seu ninho tinham batido azas palpitantes de alegria e esperança e a morte lhes levava numa impiedosa e cega colheita.

Era em casa uma pequenina rainha, que não abusava é certo da sua autoridade, antes punha uma suprema graça nas suas ordens e caprichos.

Hoje, recordando bem as suas feições, que o tempo já quase deliu na minha memória, acho que não devia ser, talvez, uma formosura, mas nesse tempo era para mim tudo quanto conhecia de mais puro enlevo.

Magrinha, elegante, duma finura de traços angelicais, tinha a pálida beleza das camélias delicadas, que as fortes chuvas do inverno desfolham rapidamente.

Era muito instruída, uma pequena e encantadora sabiazinha, que sorria, maternalmente conselheira, da minha supina ignorância.

Já quase mulher, um tudo-nada garrida, vestindo divinamente os lindos vestidos da sua escolha, ela materializou no meu espírito o ideal duma santa ou dum anjo salvador, que Deus tivesse mandado ao meu purgatório.

Porque... esquecia-me mais esta: a mulher de meu tio era protestante, mas da última hora. Com todo o fanatismo dos neófitos e a sua terrível mania de impor as suas ideias e de pregar as suas convicções, todos os dias me ensinava e explicava o evangelho, á sua moda, isto é: analisando-o e adaptando-o á vida quotidiana, com uma banalidade desesperadora.

Na minha aldeia nunca ouvira falar em evangelho senão no latim do Padre Zé, á missa, quando a minha mãe nos dava a consolação de nos pormos de pé. Mas estava acostumada a conversar com o Anjo da guarda como se fosse um irmão, e no rosto delicado das esbeltas Santas góticas, que ornavam as paredes da nossa velha igreja, lia enlevadoras historias que elas me sorriam...

Arrancar a uma pobre alma de meridional, apaixonada pela cor e pela forma, o olor dos incensos subindo em dolentes preces para um céu recamado de ouro e pedrarias, onde lindas crianças cantam e tocam flautas e guitarras maravilhosas, onde florescem jardins ideais, e correm fontes inesgotáveis de perfumes suaves; tirar-lhe a ilusão magnífica duma vida embalada pela esperança do milagre, e dar-lhe em troca a frieza do raciocínio, a clara e positiva significação das palavras, a simplicidade da forma despida do encanto da arte, será por certo de muito bons resultados futuros — e foi-o para o meu espírito, que se habituou ao

rigoroso cumprimento da verdade — mas nesse tempo constituía um sacrifício a mais a juntar aos muitos outros.

Pois a Mariquinhas encarnou para a minha imaginação mortificada, o anjo meu companheiro e protetor. Pela sua mão seguiria por sobre a frágil ponte que representa o difícil caminho da virtude, nas imagens popularizadas pela oleografia barata, em que o guarda angélico guia uma criancinha, com a sua mala de viagem a tiracolo, pela áspera senda do bem...

Foram os dias bons da minha permanência naquela casa.

Não sei como a terrível cubana se não opôs á nossa convivência, embora distanciada, apenas entretida pelas fugitivas palestras trocadas a medo por sobre a sebe que as minhas trepadeiras iam vestindo e matizando com uma floração policroma.

Lembro-me agora que a Mariquinhas, com a sua viva inteligência cultivada no convívio da sociedade, compreendera desde logo de quanta vaidade e orgulho se enchia a enorme criatura, e sabia lisonjeá-la com leves delicadezas, das quais eu nem sequer compreendia o alcance, na minha inteireza selvagem.

Hoje, era uma linda flor mandada pela pequena para a mamã pôr no seu lugar, á mesa; amanhã, noticias lidas por acaso nos jornais sobre coisas passadas em Inglaterra ou nos Estados Unidos; depois, uma correta atenção aos discursos que lhes algaraviava, quando acontecia vê-la da janela.

Com tão pouco, a Mariquinhas vencera a resistência feroz daquela fortaleza e achava-se senhora da situação. Nunca pensei que eu teria, talvez, conseguido o mesmo se o orgulho — que é uma virtude que nos nobilita, mas torna difícil a vida social — não me fizesse olhar com desprezo para esses processos que me punham numa dependência moral que me irritava. Decididamente a Mariquinhas era muito melhor política; onde o meu temperamento voluntarioso punha energia revoltosa, a doçura do seu espírito, tão levemente irônico quanto profundamente conhecedor das fraquezas alheias, usava o suborno da lisonja, que a todos conquista e agrada.

Apesar das famílias não terem nunca encetado relações que as tornassem do mesmo convívio, — porque a mãe da Mariquinhas detestava a espanhola, como lhe chamava — conseguira a criança, com as suas blandícias de lisboeta amável, que me deixassem ir passar algumas tardes a sua casa.

Era um banho dulcíssimo de calma para o meu espírito, que fermentava em sublevações concentradas mas nem por isso menos violentas.

A D. Emilia era uma destas almas boas e sãs, tal qual a da minha mãe, modestas no cumprimento religioso duma existência que nunca teve dúvidas nem sobressaltos de consciência. O seu espírito era simples, e os seus olhos diziam na clara expressão o que ás vezes os lábios não se atreviam a proferir, com receio de ir infelicitar os outros com uma observação menos resignada... ou mais verdadeira.

Conversar com a boníssima criatura era abrir o coração e deixar correr as palavras livremente, numa fluência de ribeira múrmura e límpida deslizando por campo sem obstáculos; ouvi-la era escutar o carinhoso conselho duma rara alma humana que nunca se tinha poluído numa mentira.

Ah, como o meu coração se aliviou da tristeza imensa em que se afundava, contando-lhe a minha vida; e como ao contar-lha precisei verdadeiramente o mal de viver, que me vencera e arrastava para o desespero! E como ao escutar-lhe a palavra mansa e insinuante, compreendi, e melhor apreciei, a modesta e nobre missão da minha pobre mamã!...

O pai da Mariquinhas parecia viver só para tornar felizes as duas criaturas, que eram todo o seu cuidado e amor. Aposentado do seu lugar de lente duma escola superior, passava os dias estudando e lendo no seu gabinete cheio de livros, que já lhe invadiam a secretária, que a filha todas as manhãs lhe ia enflorar com lindos ramalhetes que ela mesma cortava e ajeitava nas jarras.

Que suave e dúlcida existência! E como a vida corria sem se sentir entre aquelas três criaturas, tão estreitamente unidas pelo amor, sem violências nem coações... Que diferença da nossa casa, onde a mulher de meu tio queria impor não só a sua autoridade absoluta, o que já seria abominável, como os seus gostos e sentir e toda a sua maneira particularíssima de ver as coisas!

Aquela atmosfera pacificadora fazia-me bem, domesticava-me o coração que se tinha tornado feroz no ódio e na desconfiança.

A única receita eficaz para se ser amado sinceramente é amar; era a que usavam os meus amigos, e por isso venceram a minha rudeza e fizeram com que os amasse com todo o entusiasmo da minha alma apaixonada.

Com o refrigério daquele contato a vida tornou-se-me menos pesada; suportava melhor a desgraça desde que tinha quem me compreendesse e lamentasse. Pobre criança expatriada, que eu era, — naquele meio tão estranho e adverso!

Passado o sofrimento que nos crucifica, tirados do lugar em que fomos martirizados, olhando a frio para o que nos fizeram sofrer, é que verdadeiramente compreendemos e sentimos a dor, mas com um sentir

retrospectivo que se torna tanto mais agudo quanto maior é a convicção do que foi a nossa miséria.

Durante o sofrimento a sua própria veemência nos atordoa e dá um anestésico moral, que é a única compensação para os que têm sentido pesar sobre si a infinita maldade humana.

Quantas vezes, lendo a historia do passado, não nos atravessa o espírito a dúvida de que fosse possível ao frágil organismo humano resistir aos ferozes martírios físicos e morais que as paginas ensangüentadas de todos os povos nos mostram; mas, olhando em roda de nós, sabendo o que se faz ainda hoje e que a tirania já não pode esconder ao nosso conhecimento, porque os protestos dos condenados ressoam mais alto na consciência humana ou os nossos ouvidos se apuram mais para os escutar, convencemo-nos de que é um fato esse embrutecimento sensacional que pela própria violência da dor atenua a mesma dor, que quase nos insensibiliza á força de sofrer.

É o motivo porque hoje pasmo da resistência passiva que eu fiz ao martírio daqueles quatro anos de educação inquisitorial. Ou não fosse a minha tia uma legítima descendente dos fidalgos inquisidores que civilizaram a ferro e a fogo os infelizes seus conquistados!

Ora na casa a que pertencia o jardim que confrontava com o fundo dos nossos, vivia uma família das relações dos meus amigos,— fora até a causa deles virem morar para o nosso lado, soube-o depois.

A Mariquinhas falava-me muitas vezes no Chico, que vivia do outro lado do muro e era filho da grande amiga de infância da sua mamã. Dizia-me que nessa ocasião passava ele as férias no campo, e que quando voltasse eu veria como era gentil e bom companheiro de brinquedos.

E falava com tal entusiasmo do seu pequeno amigo, um belo estudante já quase a terminar o curso do liceu, que o meu afeto — confesso — se sobressaltou, e um dia perguntei-lhe ansiosa:

—“Ó Mariquinhas, tu gostas mais do Chico do que de mim, não gostas?!...

Teve um fino sorriso incompreensível para a minha ingenuidade lorpa e respondeu-me com o ar irônico duma verdadeira mulher:

—“Ele é um rapaz, e tu uma rapariga.

—“E isso que tem para seres mais sua amiga?

—“Tem tudo. Não é a mesma coisa.

Não percebi como pudesse existir tal diferença nos afetos, mas resignei-me a ficar sem mais explicações para que o sorriso de desdém com que a Mariquinhas acolheu a minha evidente tolice não lhe aflorasse de novo aos lábios finos.

Bastas vezes me ficava meditando, entristecida, perguntando a mim mesma se nova complicação não viria por aquele lado entenebrecer a minha pobre existência, onde se abria uma nesga de céu azul.

Felizmente não foi assim. O Chico, apesar de mais velho do que nós dois anos, foi um ótimo companheiro das nossas tardes de recreio.

A Mariquinhas ao pé dele tornava-se mais senhora, mais cheia de gravidade e importância, sorrindo-se para o Chico quando eu dizia alguma infantilidade, como uma mãe que acha encantadora a ingenuidade do seu filhinho.

E bem criança que eu era, apesar dos meus quatorze anos, ao pé da Mariquinhas, refletida, instruída e séria como o não são muitas mulheres feitas.

O Chico, que já então era um sábio em miniatura, ensinava-me muita coisa, lia-me lindas histórias de viagens e descobertas, que era o que mais o interessava, e explicava-me cheio de paciência as minhas lições.

Saltava pelo muro para o quintal da Mariquinhas, de maneira que não fosse visto de minha casa, com receio de sobressaltar a estrangeira, e vinha ter conosco associando-se aos nossos brinquedos com um bom humor que nos encantava.

Que a Mariquinhas e o Chico esboçassem já então um destes idílios deliciosos de infantilidade que são às vezes o princípio de grandes e puros afetos, que se enroscam na alma e influem para sempre na sua modalidade, pode ser, mas que eu não compreendia nada dessas precocidades sentimentais, é também certo!

Foi nesta altura da minha vida que entrou para criada da nossa casa a menina Eulália. Não sei de que terra ignorada de província teria vindo aquele espécime bem acabado da criada alfacinha, mas é certo que ela já trazia o cunho particular, os vícios e o jeito dessa peste que entra nas casas como a traça na roupa. Que diferença entre essas criaturas falsas, interesseiras e intrigantes e as nossas criadas da província, á moda antiga, um pouco boçais e confiadas, é certo, vivendo com os amos numa certa igualdade familiar, mas tão fieis, tão amigas e carinhosas para nós! A Maria Augusta, coitada, com quanta ternura eu

pensava na boa mulher que nos criara com extremos de mãe, e tanto chorara a última vez que me fora vestir, para a jornada!

E a cozinheira solícita e desembaraçada, que nunca esquecia de meter na fornada semanal do pão de milho, para os criados, os bolos para os meninos?! E a paqueta, a pequena criada que se vai avezando de criança aos usos da casa, e é, às vezes, no futuro, a melhor de todas?! E a de fora, encarregada da criação e dos porcos, que nos trazia abadas de fruta quando ia às propriedades distantes?! E os criados, desde o rapaz dos recados ao feitor, como toda essa gente era sincera julgando-se na sua própria casa —dizendo as nossas casas, as nossas matas, as nossas rendas!...

Quanto melhores, apesar dos defeitos de educação que lhes notava a mulher de meu tio, do que essa turba avarenta e mal educada que vi desfilar por sua casa durante os quatro intermináveis anos que lá vivi!

Eulália era baixa e magra, as faces manchadas, os dentes postiços, os cabelos frisados, e uns olhos pequenos e inquietos que nunca se fixavam em nós com franqueza.

Não gostava dela intimamente, mas acostumara-me já a nada mostrar dos meus sentimentos e nada, pois, lhe disse que a fizesse supor tal antipatia.

No entanto, ela compreendeu desde logo que eu era pouco na casa, e ria-se de mim com a Lóló (o nome familiar da pequena de meu tio), que enchia de falsas caricias. Tinha grandes demonstrações de afeto pela sua rica senhora, a quem lisonjeava para despertar a sua generosidade, que percebera existir quando gostava das criadas, o que não era vulgar.

Com o meu tio, cada vez mais doente e enfraquecido, ninguém se dava mal.

Portanto, ia a menina Eulália ser a primeira que por lá se conservasse mais de um mês ou dois.

Era mais uma criatura hostil a seguir os meus passos, mais uma boca a denegrir o meu procedimento, mais uns olhos a espiarem-me, e um pensamento alerta que se exerceria contra mim.

Apesar disso, as minhas relações com a Mariquinhas não afrouxavam, e a mulher de meu tio não se opunha a elas porque encontrara enfim o meio infalível de domar o meu orgulho e fazer-me dócil e estudiosa. Á simples ameaça de me proibirem esses momentos de desafogo, não havia nada que eu não fizesse! Se era a única felicidade para o meu coração — e o ser humano tem dela tanta necessidade! Nem os professores já se queixavam de mim, que a

Mariquinhas e o Chico tinham-me tornado quase estudiosa, com os seus conselhos e com os seus exemplos.

O tempo nunca pára e por pior que estejamos corre do mesmo modo veloz, ainda que tal nos não pareça, dobradas como são as horas de amargura. Já ia para quatro anos que ali estava e, relativamente, os últimos dois, desde que conhecera a Mariquinhas, tinham sido de relevado encanto para mim. Não pensava nem queria pensar no que me rodeava, para só ver os meus amigos e com eles viver, mesmo quando ausente.

Foi então, quando nós íamos já contar dezesseis anos, que a Mariquinhas entrou a adoecer.

A toda a hora se sentia mal. A mãe, muito inquieta mas sem o querer mostrar, envolvia-a de carinhos, procurava satisfazer-lhe todos os desejos. Enchia-se de apreensões, e toda a sua alma se enregelava e tremia num pavor de dores já sentidas a prognosticarem amarguras ainda inéditas.

Pobre mãe! Era bem certo que a Mariquinhas lhe daria, e breve, o maior desgosto da sua vida.

O outono vinha chegando, duma estranha doçura esse ano, a infiltrar-se na alma, todo doirado nos poentes tépidos a esmorecerem em lentas agonias, como nas arvores que se cobriam do ouro das folhas mortas para mais depressa se despirem e esperarem arrepiadas e friorentas o triste inverno.

O jardim constelava-se de crisântemos, que na nossa terra têm o sugestivo nome de despedidas de verão, brancos como flocos de neve, rubros, amarelos, dum roxo desmaiado como leves aguadas, outros de cores intensas, mesclados e rajados, variando na cor como na forma, desde o desgrenhado da cabeleira boemia ao recorte regular da máquina de fazer flores de papel.

Debaixo do caramanchão, que também se ia despindo, primeiro das flores, depois das folhas, a Mariquinhas, quase deitada na cadeira de verga que a mãe lhe almofadava desveladamente, olhava melancólica os seus queridos crisântemos, que todas as manhãs desabrochavam de novo e vinham preencher a falta dos que se cortavam ou pendiam emurchecidos.

Com as suas mãos translúcidas, que eram uma das suas grandes vaidades, entretinha-se por vezes a juntar em ramalhete as flores que eu lhe ia levando. E mandava-me ir dispô-las no gabinete do pai, como outrora ela fazia. Mas o triste velho é que não lhe achava o mesmo encanto, e com a cabeça entre os braços cruzados sobre a secretária, mal me via desatava num soluçar de criança, que me compungia extraordinariamente.

Às vezes mandava-as cortar duma só cor, e juntando-as num ramo, dizia-me, sorrindo enigmática:

—“Vês? Gosto mais assim. As brancas junto das outras pareciam-me ainda mais pálidas. É como os doentes ao pé dos que têm saúde.

Tinha então manias esquisitas, caprichos inconcebíveis, maus humores, que me faziam sofrer enormemente. Impacientava-se quando me via chorar com as suas maldades, mas chamava-me daí a pouco para me beijar, numa solicitude, numa súplica, de quem deseja ser perdoado.

Às tardes, quando o Chico recolhia depois das aulas, pedia-lhe para que fosse ler-lhe histórias, lindos romances, que ele ia escolher á estante clara, de érable, do seu lindo quarto de donzela.

Foi assim que ouvi, como o decorrer dum sonho delicioso, aqueles adoráveis romances de Julio Diniz, que ficaram sagrados como livro de rezas para o meu coração de rapariga.

Depois, nem já mesmo isso; ás horas a que costumava entrar o Chico, mandava-me embora, com uma crueldade, um desamor, que me enchia de desespero e me fazia chorar horas seguidas, com a cabeça enterrada nas almofadas da minha cama para que ninguém suspeitasse do motivo da minha pena.

Voltavam todos os meus desesperos e tristezas como bando de corvos, por um pouco afugentados pela alegria.

Dizia adeus ás tardes joviais de recreio, adeus a tudo quanto me tinha consolado de viver!...

Algumas vezes, mas sempre quando não estava o Chico, a Mariquinhas mandava-me chamar com muito empenho. Ia logo, correndo alvoroçada, e encontrava-a então carinhosa como nunca, num redobramento de afeto e ternura que me fazia esquecer todos os agravos.

Era então a Mariquinhas doutro tempo, a boa fada que transformara a minha dura existência, o doce e querido anjo da guarda dos meus sonhos.

Uma tarde, em que estava melhor, olhou fixamente para mim, com um estranho olhar que nunca lhe vira, e disse-me, como quem faz uma descoberta:

—“Ó Raquel, tu és bonita, sabes?

Eu ri-me francamente, como quem nunca ouvira tal nem se preocupara com o assunto.

—“Não... sério! — acrescentou convincente — tens uma cara estranha, que não é bonita á primeira vista, mas que, pensando bem, te há de fazer uma simpática mulher.

E quis que a acompanhasse ao seu quarto, que tinham mudado para o rés-do-chão, para que não se fatigasse a subir escadas; enfeitou-me com todos os seus enfeites e jóias, penteou-me de muitas formas, e batia as palmas satisfeita, queria que todos me vissem, perguntava á mãe: se realmente eu não tinha o tipo daquela mulher que o Chico lhe trouxera o outro dia numa magnífica gravura tirada duma revista e era a cópia dum quadro que obtivera o premio na última exposição do Salon.

A pobre mãe sorria, um pouco animada por aquele entusiasmo que lhe parecia prenúncio de melhoras.

Mas não, aquilo foi como descanso da doença, como que para retomar força e voltar ao assalto com redobrada violência.

Sofria muito, a pobre alma! Já mal podia andar; melhor se poderia dizer que se arrastava, encostada ás pessoas que a acompanhavam. Tinha gestos tão cansados, sorrisos tão murchos, caricias tão frouxas, que eu chorava sem saber porquê, só de olhar para ela.

Queria consolar-me e sorria, mas esse sorriso vinha molhado de lagrimas e descobria-lhe os dentes descarnados numa boca exangue.

Nunca mais os nossos encontros foram a horas em que estivesse o Chico. Também, pouco me lembrava dele, triste como andava com a doença da Mariquinhas; mas, quando ás vezes perguntava noticias do nosso amigo, respondia-me tão secamente que cheguei a imaginar que estavam mal.

A D. Emilia metia dó, e ela também olhava para mim fixamente e tinha uma frase de profundo desconsolo, de quase inveja, que revelava o estado do seu espírito:

—“Como a Raquel tem saúde!...

O mal agravava-se de dia para dia, sem remédio possível para a pobre querida que suportava heroicamente todos os martírios que a medicina tem inventado para prolongar a vida dos condenados. E ela que queria tanto viver! Tinha tanto

amor á vida que nunca tivera senão caricias para os seus adoráveis dezesseis anos!...

Os pais já sabiam: todos os filhos na idade da Mariquinhas lhes tinham ido da mesma maneira, com os pobres pulmões esfacelados, deitando pela boca todo o sangue dos seus corpinhos exauridos, sem que a opinião dos médicos chegasse a ser uniforme sobre o verdadeiro mal.

Quando o tempo piorou e ela também já se não podia arrastar até ao caramanchão, ficava por traz dos vidros da janela para que eu a pudesse ver de longe.

Depois, nem isso, deixei de a ver; e, por mais que espiasse no jardim os movimentos da casa, raro conseguia saber noticias.

Vivia num tal desespero, agora que, desde que a doença se agravara, não consentiam que visitasse a Mariquinhas, com medo de contágios!...

E viver ali, a dois passos da única afeição que me enchia a alma, sabê-la gravemente enferma, vê-la de longe e não poder falar-lhe, era uma verdadeira tortura para o meu temperamento de impulsiva e apaixonada.

Era uma angustia curtida em silencio, que me despedaçava brutalmente o coração.

Um dia, quando atravessava a cozinha para ir á minha piedosa espionagem, a Eulália voltou-se para mim com uma frigideira na mão e disse-me, com um ar escarninho que me arrepiou:

—“A menina Mariquinhas — sabe? — está a morrer.

E ante a dúvida, claramente expressa no olhar com que a fitei, esclareceu:

—“É verdade! Disse-mo a criada da cozinha. Até lá ficou o medico esta noite.

Empalideci, e cambaleei como se fosse perder os sentidos. A Eulália, que me dissera a novidade mais por espírito alvissareiro do que por verdadeira maldade, ao ver a minha dor teve realmente pena. Chegou-me uma cadeira, foi a correr buscar água, que me obrigou a beber, e tentou consolar-me. Era tarde. O medico em casa da Mariquinhas a passar a noite... tinha-me soado como um dobre a finados. Sempre, para o meu espírito de criança, a sua presença assídua fora presságio de desgraça próxima. Era a certeza de que a morte, que tantas vezes chamara para mim, andava perto, a bater á porta da Mariquinhas...

Uma tremura convulsiva fazia-me bater os dentes como se estivesse a tiritar de frio —era todo o frio da alma que me enregelava o sangue.

A Eulália consolava-me, apiedada,— talvez que no fundo ela não fosse verdadeiramente má. A vida, com as suas exigências e cruezas, torna tão diferentes as criaturas que não têm a alma temperada para as grandes resistências! — Porque não pedia eu licença para ir visitar a minha amiga? Talvez não fosse verdade!...

—Pedir á tia?! Nunca lhe tinha pedido nada, a Eulália sabia. Era esse o meu orgulho, a única coisa que me tornava, aos meus próprios olhos, num ser independente e respeitável.

E a criada, muito conciliadora, como se tivesse despertado na sua alma a natural bondade da nossa raça de sentimentais pelo apiedamento que a minha mágoa lhe causava, ofereceu-se para pedir, como coisa sua, a devida licença, se eu quisesse...

Eu quis, é claro. Era a primeira vez que o meu orgulho se dobrava numa convivência com a criada, o que me amarrotava e inferiorizava á minha própria consciência, que foi sempre o único julgador que temi.

A licença não veio logo, para mais cruelmente me fazerem sentir a dependência, mas a rapariga não desistiu e tanto disse que á tarde me entrou no quarto triunfante com a autorização para ir fazer a visita tão ambicionada.

A noite caía num agonizar de luz, que as nuvens pesadas de chuva mais velavam.

Ao entrar distingui apenas formas indecisas, movendo-se silenciosamente no quarto mal alumado. Logo a seguir, não sei quem colocou uma lamparina de vidro coalhado sobre uma mesa, aos pés da cama onde a Mariquinhas agonizava.

Olhei com dolorida surpresa: ela, que fora tão linda, duma graciosidade que dourava toda uma mocidade que se abria em flor, tornara-se com a doença pavorosamente feia.

De princípio apenas percebera o estertor rouco, que fazia arfar o seu corpinho mumificado, e uma frouxa mão muito pálida, que apanhava, inconsciente, a roupa da cama. Depois, com os olhos afeitos á quase obscuridade em que me encontrava, fitei-a com terror e não podia, por mais que quisesse, deixar de olhá-la, num crescendo de angustia que me apertava a garganta e me comprimia o coração.

Chorei então silenciosa mas desesperadamente, num desânimo de quem vê afundar-se todo um passado de alegrias e não vê no futuro luzeiro de esperança.

A Mariquinhas ali estendida, a sofrer, a morrer, ela tão linda, tão gentil, a gárrula, algum tempo antes! Ai, pobre, pobre querida, como desejei sinceramente e como formulei no silêncio da minha consciência o desejo de que a morte me levasse antes a mim e a deixasse a ela, á boa fada dos meus sonhos, ao anjo da guarda que descera até á minha miséria desdobrando as suas brancas azas acalmadoras!

Mas a luz, avivada num momento, bateu-lhe em chapa no rosto, naquele pálido rosto tão completamente mudado; a impressão foi por tal forma brutal que as lagrimas secaram-se de súbito nos meus olhos e um grito de terror veio expirar nos meus lábios.

Endireitei-me sufocada, e ia fugir, numa revolta instintiva, á miséria do meu ideal despedaçado. Antes, antes a não tivesse procurado ver, e guardasse na memória a linda imagem do que fora — dizia no íntimo da minha alma aquela voz egoísta, e tão fundamente humana, que faz a felicidade dos que a podem escutar a tempo.

Não sei quem me ciciou ao ouvido: — vai morrer!

E, não sei porque estranha percepção daquela inteligência prestes a desaparecer, ela me pressentiu e me reconheceu. Abriu os olhos, uns olhos enormes já postos noutro fito; levantou a mão, já quase entorpecida; e soltou uns sons inarticulados, que mal pareciam de voz humana.

—“Chamou-a, quer-lhe dizer alguma coisa — murmuraram-me ao ouvido, empurrando-me para a cama.

Fui cair, desorientada, de joelhos, junto desse corpinho débil que tanto sofria para sêr arrancado á vida.

E nunca, nunca mais poderei riscar da memória o olhar fundíssimo de amargura, quase odiento, com que a Mariquinhas me envolveu toda, como que sondando-me...

Meu Deus! eu não compreendi, não podia compreender então o desespero da pobre alma ao ver-me cheia de saúde e de vida, enquanto ela — que tanto amava e desejava viver! — ia desaparecer, para todo o sempre!

Ai pobre querida, que remorso imenso senti depois! Mas nesse instante, fixada por esse seu doloroso olhar cruel, senti uma surda revolta que subiu do mais íntimo da minha alma e me invadiu completamente o espírito. Toda a animalidade saudável e forte do meu ser se insurgia contra a inveja expressa nesse olhar de moribunda — que não queria ser vencida...

E que tinha ela que invejar-me, se alguns momentos antes toda a minha vida, toda a minha saúde, o meu sangue quente e palpitante, tudo eu lhe daria de boa vontade?!...

A mãe, de joelhos, do outro lado da cama, escondia a cabeça na roupa para que os soluços não amargassem a doente que tudo ouvia e compreendia.

O pai, enterrado numa poltrona, parecia paralisado pela violência extrema da dor.

Daí para diante não fui mais senhora de mim. Criaturas serviçais, muito práticas em idênticas cenas, aconselhavam-me o que devia fazer. Uma velha, principalmente, apoderou-se da minha pessoa e foi-me indicando, com uma intimativa que não admitia tergiversações,—o que é costume fazer uma menina na morte de uma amiguinha.

—“Ela quer falar,— segredava-me — pergunte-lhe se quer alguma coisa.

E tocava-me nos ombros, para que me inclinasse sobre a face cadavérica da Mariquinhas.

Queria fechar os olhos ao ritos de quase caveira que tinha nos seus dentes descarnados, e cada vez os abria mais, até que a sua imagem me ficou tão profundamente vincada na memória, que me vem sobre todas, que é superior a todas, às mais ridentes como às mais dolorosamente trágicas.

Um som qualquer escapou desses lábios que inutilmente se moviam num esforço para falar, e a velha murmurou, traduzindo o que ninguém poderia ter compreendido: —Coitadinha, falou no menino Chico!

Depois, tive que apertar-lhe a mão, mas ao tocar na frieza plácida desse corpo que vinha morrendo aos poucos, não sei que onda de sangue me subiu ardente do coração confrangido, que perdi a compreensão nítida das coisas e fugi desastradamente, empurrando todos, sentindo atrás de mim mãos de moribundos agarrarem-me nas costas, leves mãos feitas de sombra que não tinham força já para segurar-me...

Ninguém deu pela minha fuga, suponho, porque logo após senti o chorar ruidoso dos que já não tinham que conter a explosão da sua dor diante do pobre corpo que umas tênues radículas de vida prendiam á terra. Voltei atrás. A mãe da Mariquinhas, abraçada ao corpo inanimado da filha, chorava tão angustiadamente que eu sentia ao ouvi-la uma dor física tão aguda, tão sangrenta, como se me estivessem esfaqueando o corpo.

O pai estava sucumbido — era como se o seu espírito tivesse acompanhado o da filha estremecida.

Não sei como sair dali e me encontrei nos braços da pobre D. Emilia, que chorava beijando-me com uma ternura que nunca lhe tinha conhecido. E não sei dizer, também, quem me levou para casa e me fez deitar essa noite no meu quarto onde fiquei transida de pavor, esperando o dia como se com a luz terminasse aquele terrível pesadelo, que me recusava a aceitar como a verdade irremediável!

Com a morte da Mariquinhas toda a alegria acabou para mim. Nunca mais voltei ao jardim, a olhar as janelas do seu quarto, agora sempre fechadas.

O Chico, quando voltou, pensativo e triste, só de longe me acenava com a mão um cumprimento amigo.

A vida tornou-se-me insuportável: despida de interesse, vazia de desejo. Voltei a não estudar, e pior do que nunca tolerava as repreensões, conselhos e imposições da inevitável estrangeira. Com o sofrimento voltava-me a revolta; e, como com os meus dezesseis anos já raciocinava mais, via melhor as coisas, compreendia que meus pais não me tinham abandonado...

Sim... eu confesso que me tornei alguma coisa difícil de aturar. A tia queixava-se, queria domar a selvazinha — como me tratava — e convencia-se que havia de vencer o meu espírito rebelde.

Mas isso, já o devia saber, era menos fácil do que sujeitar uma águia a viver numa capoeira.

Uma tarde, encostava-me aos vidros da janela do meu quarto quando na rua vi passar o Chico.

Sorriu-se para mim e perguntou-me se estava doente, tão demudada e triste eu lhe parecia. Mal o vi, uma onda de lagrimas me subiu aos olhos e retirei-me soluçando da janela, sem atinar com palavras com que respondesse á sua surpresa.

Nesse dia chorei sempre, e já a noite ia adiantada quando me levantei da cama, acendi a vela, e assim mesmo, em camisa e descalça, fui escrever ao Chico a contar a minha dor, dizendo-lhe o meu desespero, e pedindo-lhe que me livrasse daquela prisão onde em breve morreria, como a Mariquinhas, — estava certa! Escrevia, pela primeira vez, tudo quanto sentia, vertiginosamente, sem pesar as palavras, surpreendendo-me a escrever melhor do que se falasse...

Depois da carta escrita e arrecadada debaixo do travesseiro, eu pus-me a imaginar o que faria o Chico. Certamente não me abandonaria á minha sorte, correria em meu auxilio como paladino doutras eras...

O que uma cabeça de rapariga arquiteta aos dezesseis anos na sua primeira noite de insônia!...

Toda a minha esperança era o Chico — se ele me faltasse, o mundo acabaria para mim!

De manhã reli a carta, que me pareceu ainda dizer pouco do que sentia, e tentei escrever outra—que me saiu pior. Meti-a no bolso e fui ao jardim com ideia de a entregar ao meu amigo, mas um invencível acanhamento fez-me voltar para casa.

A Eulália, na cozinha, parecia adivinhar a minha intenção, e disse-me, maliciosa, muito habituada a fazer de capa ás meninas que servira — “O menino Chico está aqui em casa da S.<sup>a</sup> D. Emilia, entrou ha pouco para lá.

E eu, fingindo uma grande serenidade, que ela bem conheceu ser falsa — “Ah, sim?! Eu queria entregar-lhe uns papeis... uma carta... que a Mariquinhas deixou para ele.

A mentira fez-me corar, balbuciar; envergonhei-me de mim mesma.

—“Se a menina quer, eu levo-lha lá...

E quis. E ela levou a carta, enquanto eu ficava ansiosa, mal contendo o coração, que parecia saltar-me no peito.

—“Ele disse que respondia já — veio a Eulália, toda prazenteira, anunciar-me.

Recolhi ao meu quarto, muito triste, sem saber o que fazer, até que a carta do Chico viesse trazer-me a esperança ou a morte.

Como aos dezesseis anos a vida se nos apresenta duma simplicidade que não admite a resignação nem a tolerância!...

Não tardou muito sem que a Eulália viesse, com um ar de camaradagem e cumplicidade que me irritou, trazendo a resposta do Chico debaixo do avental.

Recebi-a simulando indiferença, e pu-la de lado, sem a querer abrir enquanto os seus olhos maliciosos ali estivessem a perscrutar os meus sentimentos, como que a assoalhar-me a alma...

Desconcertada pela minha atitude, saiu; e então, tremendo como quem comete uma ação criminosa, rasguei o sobrescrito, e li e reli cem vezes, com os olhos turvados, as poucas linhas que o Chico me escrevia:

“Raquel:

“Obrigado pela sua carta e pela confiança que deposita em mim. Escreva aos seus pais contando-lhe a sua tristeza e mande-me a carta que eu me encarrego de lha fazer chegar ás mãos. A Senhora D. Emilia e a mamã acrescentarão algumas palavras para dar força ás suas queixas. Todos nos interessamos pela nossa amiguinha Raquel e temos muita pena de a ver sofrer. Creia na dedicação e afeto do seu amigo — Chico.”

Não era muito para o que eu tinha sonhado, mas era alguma coisa, era o apoio moral que me faltava.

Sentia-me protegida e amada, e isso era o bastante para me tornar feliz. Relia ainda a carta, que ia meter no seio, quando a porta do quarto se abriu de improviso e a cara detestada da minha prima apareceu perguntando-me, trocista:

—“Então a menina recebe cartas de namorados e não diz nada á gente?!...”

—“Vai-te daqui para fora! — gritei desesperada.

—“Ah, estás assim soberba com o teu Chico?! Pois eu direi á mamã, deixa estar!

—“Importa-me pouco a tua mãe, dou-lhe tanta importância como a ti — e, empurrando-a com violência para o corredor, fechei a porta por dentro.

A rapariga vingou-se: foi levantando um grande alarido de queixa que tudo contou á mãe. E não tinham decorrido talvez cinco minutos sem que a abominável criatura não estivesse a bater com violência á porta, gritando como possessa para que lha abrisse.

Com uma serenidade de que ainda hoje me surpreendo, fui abrir, e ficando entre portas perguntei, sem me alterar, o que desejava.

—“Oh! Não ter vergonha! Menina dizer a mim você recebeu carta dum maroto e pergunta o que mim quer! Ver esse carta já! Vergonhas, vergonhas, dar maus exemplos a meninas! Quando vier seu tio mim dizer tudo!...

E a torrente de destemperos parecia não se estancar.

No meio daquela gritaria pude apenas levantar a voz para lhe dizer resolutamente:

—“Não lhe dou a carta, pode berrar á vontade.

Perdeu então de todo a cabeça e fez um gesto de ameaça, que me desvairou.

—“Dá-me carta já!

Á sua violência respondeu a minha violência. O meu caráter altivo, o meu temperamento indomável, a minha educação livre, o meu próprio sangue, que vinha de heróis, tudo se poderia amoldar e quebrar na luta surda e persistente de todos os dias; assim brutalmente, pela violência, dava-se a reação que produz a revolta.

Ergui-me duma só vez a toda a altura do meu orgulho e tornei-me soberba de energia desesperada.

—“Dar-lhe esta carta?!—E passei-lha insolentemente por diante dos olhos—Nunca! Fique sabendo, nunca! Prefiro engoli-la.

As palavras vinham-me aos lábios tumultuosamente, numa abundancia que me espantava.

Então, a terrível criatura vomitou coisas abomináveis que me insultaram infamemente e das quais — tenho hoje quase a certeza — , na sua ignorância do português, ela não sabia o verdadeiro sentido.

Uma onda de sangue me subiu ao rosto e me turvou os olhos; toda a candura da minha alma, todo o pudor do meu corpo de virgindade absoluta, se insurrecionou. Fitava-a, desvairada; sim, creio que, se não recuasse e não baixasse as mãos que tentavam prender-me, a teria estrangulado. Sair do quarto violentamente, empurrando a Eulália, que observava sardônica a cena que preparara com a sua baixa intriga. Ao contato do seu corpo a minha raiva explodiu com mais furor:

—“Vá, sua canalha! — gritei-lhe alucinada — vá chamar gente para ler as cartas que me traz!

Estava cega, como um touro de boa pinta longamente encurralado, quando lhe abrem a porta do curro e entra na praça louco de fúria, correndo para um e outro lado, fazendo saltar para a trincheira, como bonecos, os toureiros que de longe o irritam agitando as capas vermelhas.

A pequena agarrou-se a mim, aos gritos, mas rolou para o meio do chão com uma bofetada; e a porta da cozinha aberta, com um pontapé, que fez cair um vidro que se estilhaçou no chão, enfiei por ela, sem bem saber o que fazer, e achei-me no jardim.

Dum pulo saltei a sebe florida que separava o nosso jardimzinho, agora abandonado, do da D. Emilia, e entrei-lhe como doida pela casa dentro.

Então cair-lhe nos braços, soluçando perdidamente todo o meu desespero desfeito em lágrimas.

Á noite o meu tio veio buscar-me. Deu-me conselhos, tratou-me com muita bondade, desculpou a mulher, pediu, ordenou... Nada conseguiu. Agarrei-me á mãe da Mariquinhas, e de tal maneira me impus ao seu pobre coração de mãe tão dolorosamente experimentado que ela pediu a meu tio que não insistisse. Eu ficaria com ela enquanto os meus pais não resolvessem o incidente.

O meu tio concordou, vencido pela palavra persuasiva e doce da minha protetora, e ao sair bateu-me na cabeça e disse-me com ternura magoada: — “Ah, cabecinha, cabecinha louca, que herdaste, por teu mal, todo o sangue rebelde da nossa família!

E saiu, desculpando-me no seu íntimo, ele o rebelde doutro tempo, vencido agora pela doença e dominado, contra vontade, sabendo muito bem que o era, só para não desencadear a tempestade caseira e não aturar o gênio furibundo da mulher. Pobre e querido tio! Ninguém reconheceria nesse velho alquebrado, mas ainda de soberbo e distinto porte, o herói de tanta façanha que deixara nome entre os rapazes da escola, como mais tarde entre os colegas do exercito e companheiros de trabalhos e perigos. Era o nosso sangue, na verdade, que o fazia sorrir, quase indulgente, quando me admoestava por tanta loucura; o nosso sangue que o fizera, quando rapaz, desafiar, sozinho, uma companhia de pequenos colegiais como ele, e que o fizera, mais tarde, responder sempre com soberba quando se julgava desrespeitado, mesmo por um superior hierárquico...

Pobre tio! Com quanta saudade recordo hoje o seu bom sorriso quando, longe da companheira, nos contava anedotas e aventuras que nos perdiam de riso. Como teria sido adorável, sem essa servidão dum casamento abominável, a que não soube nem pude fugir!...

Foi então que escrevi aos meus pais contando-lhe o longo martírio daqueles quatro anos em que me tinham afastado do seu carinho.

Disse-lhes o meu desespero, o meu horror á tia e aos seus métodos educativos, e recordei com pungente saudade a feliz infância que me tinham feito a contrastar com aquele inferno de todos os dias e de todas as horas.

E como os meus nervos sobre-excitados faziam a pena galopar pelo papel desabaladamente, estou certa que nada deixei por contar.

A D. Emilia e a mãe do Chico cumpriram o que tinham prometido; escreveram comigo para desmanchar qualquer má impressão que o meu procedimento pudesse despertar no espírito dos meus pais.

Que doces dias de serena paz eu passei ali enquanto não veio a resposta á minha carta — que foram os meus próprios pais que em pessoa me quiseram vir buscar.

Uma tarde o Chico entrou — vinha despedir-se. Eu trabalhava junto da janela, num bordado que a D. Emilia me dera para fazer, porque entendia que sempre as mãos deviam estar ocupadas e o espírito preso a qualquer trabalho manual que, por insignificante que parecesse, era muito na disciplina moral do nosso ser. Era a esse constante labor das suas habilíssimas mãos, que a boa senhora atribuía o resistir ainda á sua dor.

Estava só; a D. Emilia fora dentro chamada pelo marido, quase sempre de cama desde que se dera o grande desastre para o seu coração de pai que na única filha pusera todo o seu afeto e esperança.

—“Que trabalhadeira estás! — disse-me o Chico, sorrindo, porque ao entrar eu nem sequer erguera os olhos, que dantes o fitavam confiantes e fraternais.

É que as palavras impudicas da estrangeira acudiam-me á memória e tinham maculado para sempre a inocência do meu afeto por ele.

Sorri á sua graça, mas com um sorriso tão magoado, que o Chico, vibrátil e bondoso como é, logo percebeu que não estava bem. E, muito carinhoso, quis saber se estava doente, se me doía alguma coisa.— Não, não, — respondi

nervosa e sacudida — doença não tinha... mas lembrava-me o que tinham dito de ambos, e isso incomodava-me fortemente.

E ele quis saber o que me dissera a tia, o que dera causa á grande cena, de que ainda ria, só em pensar nela.

Cuidava que era ainda a pequena e ingênua Raquel que ele e a Mariquinhas quase amavam como filha, e que o meu ato revoltoso fora apenas um capricho de criança endemoninhada e voluntariosa. Mal supunha que uma alma de mulher, de súbito despertada, sofria e palpitava dentro em mim.

Subitamente as lagrimas vieram-me aos olhos e começaram a correr, sem que eu as pudesse estancar no lenço encharcado, que mordida em desespero.

Passara, sem transição, da insensibilidade quase completa de quatro anos á mais disparatada pieguice.

Por nada as lagrimas me vinham aos olhos e corriam sem cessar. Desesperava-me contra mim mesma; queria vencer-me, e não podia!

O Chico, muito comovido, abraçava-me e beijava-me para me sossegar, como fazia sempre, com a simplicidade carinhosa dum irmão mais velho, sem suspeitar a confusão em que eu me debatia.

Aproveitando um momento de mais calma para os meus nervos, disse-lhe para mudar de conversa:

—“O Chico vai-se amanhã embora e nunca mais se lembrará de mim; eu também vou para tão longe!

—“Que tolice, nem que em Portugal haja longes!...— respondeu a rir, enquanto eu me afastava um pouco, porque as suas caricias me sobressaltavam e faziam mal.

—“Pois sim, Coimbra não é muito longe, mas os estudantes que lá andam não pensam a sério em coisa nenhuma e tudo esquecem quando lá chegam.

—“Quem te disse tal?

—“As raparigas da minha aldeia, quando cantavam:

*“O amor dum estudante*

*“Não dura mais de uma hora*

*“Toca a cabra vão para a aula*

*“Vêm as férias vão-se embora.  
Quando isto é o amor, o que fará a amizade!?”*

As lágrimas tinham-se transformado em riso — ria agora convulsamente.

—“Isso são cantigas! Não penses isso de mim, Raquel. Ha rapazes loucos, mas também os ha sérios, como eu...”

—“Não acredito! O Chico vai esquecer-se de mim, e quando for para a aldeia nunca mais o verei nem saberei de si! Antes queria morrer!... — tornava a chorar, visionando-me só, sem vontade nem gosto para viver.

—“Ó Raquelzinha, não diga isso, não a esquecerei nunca,— que tolice! Os amigos de infância nunca se esquecem, creia. Nem tão pouco esquecerei a Mariquinhas.

—“A essa,—solucei, num sentimento de mágoa mortificado com uma pontinha de inconsciente ciúme — a essa não a esquecerá o Chico, não!...”

—“Mas porque menos a ela do que a si?”

—“Então o Chico não era namorado da Mariquinhas?! — perguntei numa ansiedade de dúvida que se deseja não ver confirmar.

—“Ó Raquel, não diga isso! Quem lhe meteu na cabeça uma loucura dessas?! — perguntou indignado.—Então não éramos como três irmãos, três companheiros de brincadeira?!...”

—“Ninguém me disse nada. Eu hoje é que pensei, depois do que ouvi lá em casa, que podia ser que o que se lembravam comigo fosse com ela... Às vezes a Mariquinhas parecia que me tinha raiva, e por fim já não queria que brincássemos juntos... lembra-se?”

—“Sim, é verdade. Não tinha pensado nisso. Até pediu para a não visitar quando estivesse a Raquel, porque a sua alegria a incomodava...”

Pobre Mariquinhas! A sua figura esbelta e linda levantava-se a nosso lado reclamando a sua parte de afeto, mas o seu rosto pacificado pela morte já não exprimia o vago ciúme com que tanto nos mortificara. A sua recordação unia-nos numa afetuosidade e numa saudade igual.

—“Mas então—disse o Chico, surpreso — a Mariquinhas supunha que nós éramos namorados?! Pobre amiga! Uma criança como a Raquel era...”

—“Eu não percebi nada — respondi ingênua — nem supunha que era tão sua amiga... Nem que esta amizade era diferente... Ontem é que compreendi tudo!...

—“Mas Ontem, porquê? Disseram-lhe mal de mim?!... — perguntou assomado, numa daquelas fogosas cóleras que ensombram rapidamente o rosto do meu amigo.

—“De si, não!... Foi de mim. A estrangeira... disse-me coisas, coisas... que só pensar nelas me faz mal!

Corei e baixei os olhos numa confusão, vendo-o sorrir, já desanuviado.

Curvando-se para mim, perguntou-me baixinho, numa carícia que estava toda na doçura da voz:

—“Disse-lhe que era minha namorada, não foi?...

Abaixei ainda mais a cabeça sobre o bordado, não querendo responder uma afirmativa que me confundia.

—“E não o quer ser, de verdade, Raquel?... Será a minha noiva enquanto andar a estudar, e a minha mulher, a minha companheira, quando eu já ganhar dinheiro para os dois...

Sorria embevecida, olhava-o cheia de desejo de lhe dizer que sim e saltar-lhe ao pescoço, numa alegria louca; mas ficava-me calada, perturbada, sem saber verdadeiramente distinguir até onde me seria permitido mostrar o meu entusiasmo segundo as praxes que a tia, dizia, eu ha muito tinha desprezado impudentemente.

O Chico compreendeu; e, não precisando ouvir mais, pegou-me docemente na mão que conservou entre as suas enquanto conversávamos a meia voz, sorrindo enlevados, contando coisas, recordando fatos, que reconhecemos nesse momento serem significativos daquele desenlace.

Ha muito tempo que eu era a sua mulherzinha — recordou o Chico sorrindo — nas brincadeiras em que a Mariquinhas, já mais consciente, reservava para si sempre os papeis de rainha ou fada, que iam tão bem á sua gentil figurinha de estatueta.

Foi nessa tarde deliciosa de fim de inverno, com o testemunho das camélias brancas, que a Mariquinhas adorava, e na véspera dele ir para Coimbra e eu recolher á velha casa paterna, que nós ligamos para sempre as nossas

existências, que dissemos essas mil palavras banais que nada dizem para os outros e são, num momento único da vida humana, as verdadeiras palavras sacramentais que ligam duas almas numa comum e deliciosa aspiração.

Foi nessa tarde, que remiu para o meu coração anos de sofrimento, que traçamos a azul e ouro o futuro ridente que hoje estamos desfrutando.

Com a vinda de meus pais, trocadas explicações e desculpas entre eles e os tios, sem que eu fosse obrigada a ver mais a minha façanhuda inimiga, a tranquilidade e a alegria voltaram de novo ao meu espírito, que em breve se refez e normalizou na serenidade da vida aldeã.

O Miguel, que já então era um estudante muito cuidadoso, tornou-se em breve o amigo inseparável do Chico, que teve sempre meio de repartir as férias entre a antiga família, que o adorava, e a nova, onde não era menos querido.

Até o Padre Zé discutia com ele pontos graves de historia romana e ficava boquiaberto com a sabedoria dos rapazes de hoje... e da qual nos riamos a valer, indo depois ás escondidas folhear o Larousse onde procurávamos citações e fatos para confundir o santo velho.

A Maria Augusta, essa só pedia a Deus que a deixasse viver até ver na capela da casa, abençoado por Deus e pelos homens, um par que era tanto do seu agrado.

E agora, realizado esse ideal,— que reuniu á mesma mesa duas famílias que ficaram sendo só uma, naquele grande jantar de núpcias a que assistiu toda a parentela dos arredores — ela espera ansiosa porque lhe seja permitido apresentar ao Padre Zé, de capa de asperges e estola rica, um menino que há de vir breve de Paris numa condessinha de flores, e para o enxoval do qual trabalhamos dia e noite com a mais rútila e alvoroçada alegria.

—Com o vestido de antiga seda cor de rosa e grandes ramos prateados, coberto com o véu de tule bordado, que a mamã guarda na grande arca dos enxovais, eu verei como irá lindo!... — É o que me assegura a Maria Augusta, que recorda outros batizados celebres na família, e o meu principalmente, que, crescidinha já, por doença do padrinho, me desesperei iconoclastamente com o sal da sapiência e arranhei a cara ao padre!

Não se esqueceu de recomendar ao Chico, uma vez que ele foi a Lisboa, que deixasse feita a encomenda dos bolos para a festa e de confeitos para a rapaziada, que assim encherá de bênçãos o batizado...

Isto enquanto a boa mamã dá volta ao bragal, desmancha lençóis e finas bretanhas, e manda ao sótão buscar o lindo berçinho em que nos criou a todos,

e que já espera, forrado e engomado de fresco, pelo pequenino dono...— ou dona?!...

E, seja o que for, bem vindo será ao nosso lar e... já o juramos: só nós o educaremos e guiaremos nos seus estudos, porque, saindo, como poderá ser, á mãe, não será fácil meter-lhe grandes sabedorias na cabeça.

Esquecia-me dizer que o meu pobre tio está enfim descansado, livre da mulher que tão amarga lhe fez a existência, bem encafuado num mausoléu de mármore, onde ela o vai ver amiúde, naturalmente para lhe dar conselhos o reprimendas. Dizem-me que na sua opinião eu sou o mais execrável dos animais ferozes, e ainda treme de raiva só em pensar na minha negra ingratição. A filha prepara-se para casar confeccionando o enxoval e aprendendo a ser uma admirável dona de casa, capaz até de ser professora numa escola de *ménagères*, mas os noivos é que, como sempre assustados com o merecimento da mulher, já lhe vão tardando um pouco.

O pai da Mariquinhas morreu, e a D. Emília resigna-se a viver para chorar todas as lagrimas da sua bela alma pelo marido e pelos filhos, sempre vivos na sua lembrança.

Sente por nós um doce carinho, que nos enche de reconhecimento, e todos nos juntamos na saudade da querida morta, a linda Mariquinhas, que tão íntimos e indissolúveis tornou os nossos afetos.

## A FEITICEIRA

*“La peur qui met dans les chemins  
Des personnages surhumains  
La peur aux invisibles mains qui revet l'arbre  
D'une carcasse ou d'un linceul  
Qui fait trembler comme un aïeul  
Et qui vous rend, quand on est seul,  
Blanc comme un marbre.”*

MAURICE ROLLINAT.

De todos os rapazes da aldeia era o Manoel da Clara o mais querido das raparigas.

Fora sempre um belo rapaz de afugentar rivais, mas, desde que viera da tropa e de lá trouxera aquele ar desdenhoso de feliz D. João, aprendido no convívio dos camaradas presunçosos e mulheres de vida airada, parece que as enlouquecia.

Acostumado a ajustar a farda, como apertava bem a cinta de lã preta ou carmesim, que parecia trazer espartilho, o demo do rapaz!

Os sapatos com o lustro bem puxado, que pareciam de verniz; o chapéu garbosamente descaído sobre a esquerda; a ponta do cigarro atrás da orelha; e o lenço, com flores e uma legenda bordadas a cores vivas, a sair da pequena algibeira da jaqueta, as mais das vezes levada ao ombro; o Manoel era na verdade a nata da rapaziada do lugar.

No meio dos outros, com as suas caras rapadas de lorpas, valentes mas sem a elegância dos gestos disciplinados pelo exercício regular, o seu pequeno bigode de cidadão retorcia-se aos domingos com uma petulância irresistível.

Nas feiras e romarias, firmado no varapau metido debaixo do braço, toda a vaidade satisfeita a brilhar-lhe nos inquietos olhitos garços, desafiava toda a concorrência desagradável. Às raparigas iam-se-lhes os olhos nele, e mediam-se com o rancor de rivalidades latentes.

E valentão!? — como aquilo poucos! E, como sempre, era a superioridade material da força e da coragem o que mais o fazia valer aos olhos de primitivas fêmeas, oferecendo-se orgulhosamente ao vencedor, ao macho forte e soberbo.

Quando o Manoel, com um rápido piparote atirava para a nuca o chapéu mole de largas abas, dava um passo atrás, fazia girar o varapau em sarilho sobre a cabeça, e torcia a boca espumante num esgare de raiva... podiam fugir dele!

Contavam-se na aldeia as valentias do Manoel com o mesmo entusiasmo e ufania com que se contariam as de um herói da história, um herói autêntico, de que a tradição nos deixasse o nome e a memória de largos feitos.

Uma vez era todo o povo de Infias que se juntara para o desafiar, raivosos por uma questão de mulheres de que o Manoel era afortunado protagonista, e que ele enfiara pela serra abaixo — que até parecia que o vento os levava.

“Ó Manoel, lembras-te?...

“E daquela vez na romaria da Senhora dos Verdes?...

“E na feira, quando foi da compra dos meus bois?!...

As perguntas, as respostas, as diferentes versões e comentários, envolviam o Manoel num coro de louvores, que ele recebia mal disfarçando a vaidade num meio sorriso modesto enquanto ia enrolando o cigarro entre os dedos fortes onde brilhava um anel de cobra, o encanto e a inveja dos mais rapazes.

No jogo da bola, ao domingo, no terreiro da igreja, nenhum o excedia, como ninguém era capaz de o vencer numa partida de chinquilha ou no jogo do pau. Um valentão, um rapaz ás direitas, sempre pronto a fazer um favor, riso franco, coração nas mãos para os amigos; ninguém enfim mais digno da estima dos seus patrícios e ninguém que de fato fosse mais estimado do que o Manoel da Clara.

Além de todos estes merecimentos físicos, que o superiorizavam, ainda era senhor de algumas belgas, e único herdeiro da meação da mãe, a viúva do Rezadeira, que ajuntara o seu peculiosito na casa dos fidalgos. E era uma mulher de trabalho, a velha Clara do Rezadeira, que só tinha olhos e coração para o filho, o seu enlevo e orgulho. Primeiro do que ninguém, como o galo da manhã, saltava da cama, onde a asfixia dum coração emperrado mal a deixava sossegar, e começava a labuta de todos os dias: amassando o pão, chegando ao forno a prevenir a forneira, cozinhando a vianda para os cevados, chamando a gente para o trabalho, despachando serviço, ralhando com um, combinando com outro, e sem nunca perder de vista a panela onde se cosiam as batatas para o caldo verde que o seu Manoel havia de comer antes de sair, na sua tigela bem meada de broa. Mal ele aparecia, ainda espreguiçando-se e os olhos mal abertos mas já risonho e feliz como soberano que se julga credor de todos os

afetos e homenagens, a velhota aprontava tudo num ápice, rindo e ralhando num visível contentamento de quem se revia no rapagão, que era o seu filho.

É claro que não havia rapariga na aldeia e arredores á qual não agradasse a ideia de poder vir a ser a mulher estimada do Manoel, a senhora do seu coração e do rico bragal de linho que a velha mãe guardava avaramente nos grandes arcazes de madeira de fora, grossamente chapeados de ferro.

Ele ria-se com todas, o patife, querendo gozar o mais possível a sua situação de desejado, sem até aí mostrar preferências comprometedoras por nenhuma.

Mas, entre todas, havia duas que nos últimos tempos mais preocupavam o Manoel, com grande contentamento da mãe que ansiava por o ver casado com rapariga que fosse do seu calhar: — só assim morreria descansada, pois uma cabeça alevantada como a dele precisava bem do arrimo duma boa mulher de trabalho.

Por felicidade, as duas raparigas que o Manoel trazia debaixo de vista agradavam por igual á velha Clara — assim tinha liberdade para á vontade consultar o coração.

Uma, Maria Tereza — a Terezinha, como lhe chamava quando acertava de a topar no seu caminho — era afilhada da fidalga e lá pelo palácio se tinha criado com mimos e delicadezas que as outras não conheciam. Era com uma graça toda senhoril que punha os olhos no chão e enrubescia como romã bem madura quando ele a fitava de frente, bem de frente, como fazia ás mais, sem conseguir com isso chamar-lhes o sangue ao rosto, mas fazê-las explodir em jocundas gargalhadas. O seu andar lento e ondulado dava um realce de elegância exótica ao seu corpo delgado de anêmica, flor tristemente desabrochada entre paredes sombrias e velhas coisas impregnadas da melancolia dos tempos passados. Como era a única que na terra sabia ler, eram também os seus os únicos olhos que na missa se não levantavam do livro para andarem em leilão pela igreja á procura dos rapazes, que lá de longe, e de soslaio, não perdiam o grupo buliçoso da raparigada.

A madrinha queria-lhe muito, era o que todos afirmavam, e se não tivesse morrido nem a Terezinha saía do palácio, onde era respeitada como filha da casa, e, talvez, se a morte não fosse repentina, tivesse ficado senhora daquela fortuna, quem sabe!?... Tem-se visto coisas mais raras. E melhor teria sido para a terra, pois a casa dos fidalgos, que fora sempre abrigo de miseráveis como consolação de desgraçados, mal a senhora morgada fechara os olhos fechara-se também á pobreza, com uma crueldade que revoltava toda a gente.

Os herdeiros, uns primos em último grau legal, souberam da sua morte sem testamento e acorreram de Lisboa em marchas forçadas. Mas, tudo liquidado á pressa, apartaram gulosamente, para figurarem nos salões da capital, as preciosidades que enchiam e decoravam o velho solar. Durante alguns dias não se ouviu senão o martelar dos carpinteiros fazendo e pregando caixotes e não se via senão a moderna condessinha, muito prática em antiqualhas preciosas, abrir portas e armários, percorrer os salões e os sótãos, dar volta ás paredes e ás bojudas cômodas de floreados embutidos, que seguiram com os candelabros, as jóias, os quadros e os Sèvres ricos como os incontáveis Chinas para o sorvedouro de Lisboa. Depois, mal o Conde, com o seu ar mais *chic* de fadiga, deu por terminadas as contas e entregues as propriedades ao feitor trazido das lezírias ribatejanas como pessoa de inteira confiança, fugiram atemorizados pela tristeza pesada e úmida que resumbrava o casarão quase desabitado havia anos, desde que a fidalga se tolhera de todo e passava os dias nos aposentos mais ensoalhados onde fizera a sua habitação e a da Terezinha, que lhe lia os autores prediletos e a arrastava na cadeira de rodas pelas ruas ensombradas pelos buxos seculares do jardim.

Verdade seja que a Senhora Condessa, sabendo o amor que a velha prima dedicava á afilhada e a docilidade e o desinteresse com que ela a servira e cuidara até ao fim, ofereceu-lhe o lugar de sua criada de quarto e obrigou o marido a pôr em seu nome algumas propriedades arredadas ou a arbitrar-lhe o seu valor em dinheiro, coisa duns cem mil réis, para os seus alfinetes, o que a tornaria na aldeia uma pequena morgada.

A Terezinha agradeceu cheia de reconhecimento a generosa munificência da condessinha, a quem serviu, como ela nunca fora servida, até á última hora que se demorou no palácio. Depois, quando se viu fora do ninho onde a sua alma se emplumara e o seu corpinho débil de criança pobre crescera e se tornara de mulher perfeita, sentiu-se como que isolada num vasto campo deserto.

Mas, séria e ponderada como era, tomou logo a mais acertada resolução: indo viver com a tia, a Zéfa do Padre, uma que fazia belos doces e fora por muitos anos ama do velho abade. E para encher os dias, tão longos agora quanto lhe pareciam pequenos dantes a rodear de cuidados a madrinha paralitica, metera-se a tecedeira. Em breve era a melhor, sem favor, que havia na terra.

O seu tear, no monótono bater do pedal e correr da lançadeira, só parava aos domingos e algumas horas da noite.

Aquela vida de reclusão mais lhe amaciava a pele e dava um tom ligeiramente empaldecido ás suas feições miúdas.

—“Mas era alegre dantes!... Agora, dê que o Manél da Clara veio de soldado e entrou de atentar nela, é que de mais em mais se vai definhando, que nem já parece a mesma. Louvado seja Deus, que só trabalhos e desgostos me chegam pró fim da vida.

Dizia isto a Zéfa do Padre á Gertrudes Zarolha, velha conhecida dos longínquos tempos da mocidade, assentadas á porta, com a roca á cinta e o fuso girando e torcendo o linho cuspinhado pelas suas bocas palreiras.

—“Mas então aquele desaustinado não diz nada cá á nossa cachopa?!...

—“Qual historia! Que eu saiba, ainda não lhe disse fala pró bem nem pró mal.

—“Que desaforado! O que ele precisava sei eu!... Uma rapariga como a nossa Terezinha!... Credo, santo nome de Jesus! Mal empregada é ela para tal libertino, que veio mesmo perdido da tropa!...

—“Lá isso, ó Gertrudes, mau rapaz não é ele, e tem o seu bocadinho...

—“Ah, mas tem uma cabeça mais leve! No nosso tempo parece que não eram assim, ó Senhora Zéfa! Quando algum pretendia duma rapariga, dizia-lho, e estava acabado, iam prá igreja os banhos!...

—“Ora, eu sei lá! Haveria de tudo. Estas coisas esquecem muito, e o nosso tempo já lá vai ha tanto!...

—“Ai eu cá lembra-me perfeitamente, que o meu home assim fez. Foi até numa cava; calhou eu ficar ao pé dele, e fomos ao desafio. Como eu é que ganhei, ele então deu-me um abraço muito grande e disse-me assim: — Ó Gertrudes, és uma mulher duma cana; amanhã se tu quiseres vou falar ao senhor abade e vamo-nos a botar os pregões. E assim é que foi...

—“E eu que ainda me lembra do senhor abade vir pra casa a rir muito e a contar o caso á minha tia—que Deus haja! Ainda ela então andava rija e fera, coitadinha.

—“Mas vocemecê já lá estava, pois não estava?

—“Pois estava, desde a idade de oito anos que fui pra companhia da minha tia até á idade dos cinqüenta em que aquele santo rendeu a alma a Deus! Ficou-me nos braços...

—“Coitadinho! Tão bom homem, tão sério, era como o nosso pai de todos. Veja lá se tudo não vai a pior! Olhe-me para o desatino em que este anda por aí, com

as raparigas e as mulheres donas de sua casa, atrás, sempre em cantorias, e em rezas novas, que nem podem agradar a Nosso Senhor...

—“Já o dizia o senhor abade: a religião deve ser a consolação da nossa vida e não o seu único fim. Mas essa jesuitada entrou por toda a parte com este rapazelho do seminário — e bem mal têm já feito e hão de fazer ás famílias!... O senhor abade bem dizia, bem dizia... E bastantes desgostos teve nos últimos tempos, que lhe amarguraram o resto dos dias... Coitadinho! Assim Deus lhes perdoe, que eu não posso tragá-los. Até me custa ouvir a missa daquele avejão—Deus me perdoe se peço!

—“E o que me diz ás amizades dele com os feitores da fidalga?! Ela toda trinques, caminho da missa logo de madrugada; as filhas de goelas abertas com as tais onzênicas de cantorias na igreja, e mais florinhas para aqui, e mais rendinhas novas nas toalhas do altar, confissão a cada passo... Eu nem sei, eu nem sei!...

—“E o marido? Vocemecê há de ouvir alguma coisa — está ali á beirinha da casa...

—“Ora o marido!... Também gosta muito daquelas coisas, e reza e canta e leva o padre pra casa a jantar e a tomar o chá, as mais das vezes.

—“Eia! — vivem como fidalgos!

—“Aqueles grandes excomungados! No tempo da fidalga, graças a Deus ninguém batia àquela porta com fome que não trouxesse uma consolaçãozinha; agora nem um chavo! Tudo querem para eles, aqueles ladrões!... Parece que ainda estou a ver a Terezinha ir a correr contar á fidalga e vir logo com uma abada de pão ou de fruta, ou umas batatinhas, ou uma tigelinha de papas e o bocadinho de carne!...

—“Pobre Terezinha, tão mimosa foi da madrinha e agora tão triste a vejo!

—“Mas aquele maroto não lhe dizer nada é o que me dá no goto!...

—“Ele passa por aí ás tardes, e ri-se para ela... Quando vai a alguma romaria sempre lhe traz uma prenda e um cravo com um verso bem calhante, mas nada mais! Ela então é uma tola pelo rapaz! Mas quando o vê faz-se encarnada como um pimentão, põe os olhos baixos, e nem sequer o salva.

—“Ora essa! Tem sua graça, tem!

—“Eu nem posso explicar isto. Que a minha Tereza—não é por ser minha sobrinha—não é de enjeitar... é a melhor cachopa cá da terra.

—“Ora isso, nem se fala! Compara-se lá! Basta saber ler e ter a educação que teve. É a florzinha da nossa vila.

—“Pois isto dá-me cuidado, dá! E não é pouco... A pequena só me tem a mim no mundo, e eu estou velha e cansada; queria-a ver arrumada antes de fechar os olhos. E com o Manél da Clara do Rezadeira gostava, lá isso gostava: a mãe é rapariga do nosso tempo, e ele tem alguma coisa de seu, e no fundo não é mau rapaz. Mas então!... Parece bruxaria.

—“Ai senhora Zéfa, não ponha mais na carta. Isso há de ser, há de! E não é mais nada senão coisas daquela atrevida da Maria do Próspero! Aquilo sempre foram de má raça. Até o pai... há de saber! Não?! Pois eu lho conto. Credo, santo nome de Jesus! Cada vez que me lembra até os cabelos se me põem em pé. O que aquele malvado disse de mim, que sempre entrei em casa da fidalga, que Deus tem, com toda a franqueza!...

—“O que foi então?

—“Ai não sabe?! Aquele grande diacho, Deus me perdoe! Então não disse ele que eu é que chupara o morgadinho, o filho da senhora fidalga!? Aquela aventesma!... Nem que eu não soubesse!... Bom, calo-me, que é melhor...

E mudando de tom, muito confidencial e amigável:

—“Posso dizer-lhe de certeza: a Maria do Próspero conversa com o Manél e parece que o traz enfeitado. Olhe que lhe ouvi eu dizer — que primeiro estava ela, que já o namorava ha muitos anos, ainda antes de ele ir para a tropa, e que nunca a lesma da Terezinha o havia de apanhar! Desculpe, senhora Zéfa, aquilo é uma atrevida, uma doida!... Pois de que raça ela é!...

—“E o que é certo é que vai levando avante o seu intento; tem artes do demônio!...

—“Deixe estar, deixe estar... Eu sei cá umas coisinhas que hão de voltar o Manél, oh se hão de!... Assim eu tivesse uma coisa que lhe pertencesse... Coisa de vestir era melhor... Punha-lhe a pedra de ara e dizia a oração... É coisa certa.

—“A Terezinha tem um lenço que ele lhe deu, mas fosse lá falar-lhe nisso!... Toda se zangava, não acredita nestas coisas...

—“Pois são bem verdadeiras...

—“O outro dia ensinei-lhe que cruzasse as pernas mesmo de pé quando a atrevida da Maria passar por ela... Desatou a rir!

—“Ah, isso é uma coisa certa para livrar do mau olhado de quem nos quer mal. Sabe o que era muito bom? Era fazer á pequena um defumadoiro com ervas colhidas na manhã de S. João... É o alecrim, o funcho, a dedaleira, o rosmaninho, o sabugueiro... Se quiser, eu tenho lá.

—“Muito obrigada. Assim ela quisesse!... Bem se fazia um defumadoiro que a livrasse daquele enguiço.

Assim continuaram em conversa larga, cheia de combinações e reticências, que muito as interessava, enquanto a Terezinha dentro de casa trabalhava na teia branca, que parecia sempre a mesma, eterna como as suas mágoas.

O tear monotonamente fazia subir e descer os pentes com um barulho seco e igual, enquanto ela levantava a sua vozinha agradável de soprano numa toada melancólica:

*—“Eu hei de amar uma pedra,  
Deixar o teu coração;  
Uma pedra não me deixa,  
Deixas-me tu sem razão”.*

E ao dizer a quadra, que parecia sair-lhe do próprio coração, os olhos enturvecidos de lagrimas fitavam a estampa ingênua que ele lhe trouxera da Senhora do Castelo, a grande romaria de setembro.

Todos os anos lá ia — era o costume — e também a Maria do Próspero, que punha nos ranchos um contínuo esfusiar de gargalhadas terçando galhardamente com os mais afamados piadistas as armas perigosas da chalaça e da resposta á letra.

Cantavam ao desafio, ela e o Manoel. Tinham fama por todas aquelas redondezas, e, mal as suas vozes se trocavam num principio de duelo, os auditores cercavam-nos e apertavam-nos num círculo de admiração excitando-os com risos e apartes.

Também era o par certo em todas as romarias — talhados um para o outro!

A Maria era alta e desempenada! A sua tez, dum moreno intenso, fora brunida pelas soalheiras ardentes e curtida pelas ventanias agrestes. A boca, sempre

aberta em riso, era vermelha e fresca como cerejas maduras, e os dentes brancos e agudos cravavam-se com delícia no pão de milho, sua única escova.

As saias, rodadas em balão, faziam-lhe mais altas as ancas já de si redondas e fortes; o cabelo, em duas tranças pregadas, enchia-lhe a cabeça como uma touca de veludo negro.

Quando punha o *cáchené* vermelho e amarelo de grandes ramagens verdes, o xale em bico traçado deixando livre o braço esquerdo, a chinela branca pespontada na ponta do pé, nenhuma como a Maria do Próspero para arrebanhar admiradores.

Depois, sempre satisfeita, radiava em plena expansão dos seus vinte anos saudios, vividos em plena natureza.

Nas ceifas, ao ardor dos sóis caniculares, mangas arregaçadas mostrando os braços trigueiros e musculosos; ou no gesto mecânico de juntar as paveias e sobraçar os molhos, tinha a harmonia escultural e grave duma Céres fecunda.

Nas vindimas, era a primeira dos ranchos, vermelha do mosto que corre como sangue generoso, a boca escancarada em risos e cantigas... Tinha um aspecto quase trágico e uma beleza perturbante e assustadora de bacante.

Pela apanha da azeitona, quando os campos amanhecem brancos da geada que toda a noite caíra manso e manso, tudo uniformizando sob a sua alvura de sudário, e o frio corta as mãos, que se engatinham, e entorpece os dedos que mal se podem dobrar, ela motejava de todos, sempre na frente, cantarolando e rindo, enchendo de ânimo os mais desanimados, encorajando os mais entanguecidos pela friagem.

Sempre pronta para o trabalho, a Próspera, em todas as sáfaras e com todos os tempos!

Mas, também, não faltava às romarias e às feiras das cercanias, com o seu lenço berrante, o casaquito branco engomado a capricho, e a sua alegria saudável, que fazia bem ver.

O Manoel não resistia àquela força que chamava a sua força, àquela exuberância de mocidade que atraía a sua mocidade. Quando a via, nem sequer pensava na Terezinha, que se ia finando lentamente ao compasso triste e monótono do seu tear caseiro.

E, no fim de contas, para falar a verdade, a Maria era também uma boa rapariga, que nunca tivera outro conversado. Nem havia língua danada de velha

de soalheiro que se atrevesse a debicar nos seus créditos. Alegre, sim; rir com todos, vá! Mas atrevimentos não os consentia a ninguém. E tinham-lhe respeito — que a sua mão era lesta, e um sopapo da Próspera não era brincadeira!

Só o Manoel gozava da sua confiança e só com ele tinha as suas graças e brincalhotices mais livres, o que mais o afervorava naquele amor crescente que o ia conquistando dia a dia.

À noite, nas esfolhadas, quando o luar é morno e as flores têm um perfume mais intenso, corriam um atrás do outro, batiam-se fortemente, e caíam às vezes sobre a palha ainda quente do sol, com um cheiro seco que entontece.

As gargalhadas seguiam-nos de todos os lados da eira, as chalaças cruzavam-se no ar como morcegos de pesado e estonteado bater de azas: — Eh lá, Maria, vê se tens mais força do que ele! Isso é que era um riso, o valentão deixar-se bater por uma mulher!...

— “Talhados um para o outro —isso é que não havia dúvida, nenhuma!

— “A Zéfa do Padre que se deixasse de querer casar a sobrinha com o Manoel.

— “Boa rapariga, lá sobre isso não havia duas opiniões; mas a Maria é que estava a calhar para um homem de trabalho, uma mocetona daquelas que era capaz de voltar um campo sozinha.

Os homens votavam pela Maria, bela mulher para tudo e forte como uma torre. As mulheres, essas eram pela Terezinha, delicada e amável, pondo sorrisos de aquiescência onde a outra só tinha ruidosas gargalhadas de troça.

Era ela que lhes talhava e cosia á máquina, sem paga, as chitas pobres, mas apesar disso tão dificilmente compradas, e lhes ajustava os coletes de linho grosso que tão irmanados lhes erguiam os seios até á raiz do colo: — “Ora, sempre era outra louça! Podia lá comparar-se! Bem se via que tivera outra criação, lá em casa da fidalga, que a tratara como filha.

— “Que ele gostasse dela, vá! Agora da Maria, uma cachopa como as outras!...

O Manoel, ainda indeciso, mas já a inclinar-se para a Maria, irritava as mulheres que se ofendiam com a insolente alegria da rapariga, que andava radiante com o seu ar de triunfo certo.

A velha Gertrudes Zarolha vivia sobre brasas, nos últimos tempos.

Com meias palavras ou redundâncias enigmáticas conseguia sobressaltar o coração do rapaz, mas não desviá-lo duma paixão que se harmonizava inteiramente com o seu modo de ser moral e físico.

—“Casar com a Maria — dizia a velha á boca cheia — era até um pecado!...— e benzia-se com gestos de apavorada, que não explicava mas punha de sobre-aviso as consciências timoratas.

Por uma noite de verão, sinistra pelo negrume de nuvens carregadas de electricidade e prometedoras de fortes aguaceiros que toldavam o céu, voltava o Manoel da Clara da vila próxima onde assistira á feira.

Um calor asfíxiante pesava como chumbo no abandono pungente da passagem lúgubre. Os pinheiros esguios tinham um murmúrio mais triste e vago, como soluços suspensos de almas em pânico, e o olival verde negro destacava-se no fundo, apertando como num cilício doloroso a pobre terra que se dependura de fragedos rudes, sempre ameaçada pela montanha que a cavalga e lhe limita o horizonte, cortando-lhe toda a esperança de se expandir por ali, como o pecado vela e corta toda a esperança da alma piedosa...

O Manoel, que tinha ficado um pouco para tarde, conversando com uns amigos na taberna do Jeitoso, vinha assobiando alegremente, caminhando despreocupado e sem grande pressa.

Ao passar pela Fonte do Inferno... diabo!... que ouviu ele?! Um rumor confuso de gargalhadas, que aflavam no ar como grasnar longínquo de corvos...

Medo?... Ele não tinha medo, mas desde que acontecera aquela historia da casa dos Carneiros... Credo! Abrenúncio!

—E não se benzeu, o Manoel, como lhe cumpria fazer, ao lembrar-se de coisas daquelas!... A tropa é que estraga os rapazes, está visto...

Agora, as gargalhadas já soavam mais perto... diria mesmo que ouvia a Maria do Próspero.

—Mas naquele sitio, àquela hora!... Quem se atreveria?!...

—Em casa dos Carneiros, — lembrava-se involuntariamente — aquele barulho de cadeias a arrastar, os ferros em brasa que vinham cair aos pés da gente da família, o vozear sinistro que se escutava em toda a aldeia e trazia apavorados os mais valentes... Deus do céu, que terror fora na terra toda! Já ninguém dormia nem descansava. Muitas mulheres tiveram então espíritos que os padres e os bentos esconjuravam, e se batiam com eles como forças iguais.

—Só depois que o senhor Vigário velho se resolveu a sair, de capa de asperges, para benzer a casa endemoninhada, é que tudo sossegou...

O Manoel já não assobiava, e ia olhando de soslaio para o Camborço, pedraria escavada suspensa por milagre sobre o abismo e que a toda a hora parece desabar e soterrar as pobres casas de pedra solta tismadas pelo tempo.

Um ventito picado e quente levantou-se então, trazendo o rumor distinto de vozes, gritos surdos e gargalhadas abafadas...

O Manoel era destemido; apesar da má fama do sitio, tido como lugar de malélicas reuniões diabólicas, resolveu-se a transpor o pequeno muro que separava o caminho da Fonte do Inferno, a propriedade de mais estimação dos velhos fidalgos.

Primeiro, não viu nada; depois, vaga e confusamente, luzinhas que saltavam e atravessavam-se corriam e perseguiram-se, juntavam-se e tornavam a afastar-se...

Um calafrio lhe percorreu o corpo e sentiu na espinha dorsal uma sensação desagradável que o fez tremer. O Manoel era valente, — nisso não podia haver dúvida!—mas é que aquilo que via tão realmente como se á luz do sol olhasse as suas próprias mãos eram as feiticeiras, tal qual a sua mãe as tinha visto também quando em pequenino esteve ameaçado de ser chupado por elas...

Entre curioso e medroso — já agora não sairia dali sem ver o que aquilo era.

Acercou-se da eira onde a ronda sinistra era mais febril... — Jesus, que coisa horrível! — Olharapos corriam vertiginosamente, que mais pareciam voar, na noite negra, com o seu único olho flamejante no meio da testa, lanterna mágica das profundezas do averno!...

Um lobisomem passou a galope, no seu fado triste, procurando alma cristã á qual pudesse, antes da meia-noite, entregar a sua cruz martirisante. Se ele o tivesse topado!... Até os cabelos se lhe punham de pé.

As luzinhas continuavam correndo alígeras, voando na escuridão dura da noite.

Sorratamente foi-se aproximando da eira onde chamejavam em alucinado rodopio... A pouco e pouco ia-as distinguindo na sua forma humana, girando buliçosas e gárrulas.

No meio da roda — cruces! como podia aquilo ser?!...— o Diabo passeando ativo, vestido de encarnado e de chapéu guisalhante, pousando os pés de forquilha sobre as cabeças das feiticeiras, que riam sarcasticamente.

Dessa vez o Manoel não pode deixar de rir, tão patusca lhe pareceu a cena.

Ah! mas quando ele viu com os seus próprios olhos — tão certo como haver a luz do sol que nos alumia! — adiantar-se uma das luzinhas e, tornando rapidamente á sua figura de mulher, aparecer-lhe a Maria do Próspero, tal qual ela!... E quando a viu chegar ao pé do homem vermelho, estender-lhe os fortes braços roliços e trigueiros, abraçá-lo com ardor, não pode reter um surdo grito de raiva.

Aqueles braços, que só o pensar neles lhe fazia febre; aquela mulher, que o trazia preso havia tanto tempo e com a sua honestidade alegre e simples conseguira o seu respeito e o seu amor, estava ali em frente dele abraçando outro! E esse outro — Deus do céu, que até a sua alma tremia! — esse outro era o próprio Diabo em pessoa!

Tremia de desespero e horror por essa criatura, que não passava afinal duma feiticeira.

Uma tremura nervosa e um frio de gelo o faziam vibrar todo. O sangue subia-lhe á cabeça, punha-lhe zoeiras nos ouvidos, alucinando-o.

As luzitas recomeçaram a dança, numa farandola de *sabbat*, correndo e saltando, num delírio de gargalhadas frias como entrechocar de ossos numa dança macabra.

Ao Manoel parecia-lhe que tudo dançava á volta dele, que ele mesmo se sentia voar num rodopio de entontecer. Agora o Diabo, sentado num trono luminoso de feiticeiras, os pés de bode torcidos e negros a descansar sobre o formoso corpo de Maria, como se fosse um estrado, lia um grande livro de capas encarnadas. A cada folha que voltava, saía uma nuvem de diabitos fantásticos, saltitantes, folgazões como garotos ao sair da escola, que iam juntar-se ás feiticeiras, e tudo corria, voava, num cabriolar estonteante e doido.

Uma das luzes aproximou-se então do Manoel, que ficara empedrado na contemplação da cena que o atordoava e lhe tirava toda a sensação da vida, e rapidamente se fez mulher. Ficou boquiaberto, pois a bruxa era nem mais nem menos do que a Gertrudes Zorlha, a velha amiga e confidente da Zéfa do Padre.

Se tivesse pensado melhor não se teria espantado tanto, pois essa era tida e havida por tal desde que o compadre Marques, o alfaiate, a encontrara feita galinha, lá para as bandas da vila, arrastando após si uma ninhada de frangas, as discípulas que ia exercitando pela noite alta. Admirou-se: — uma galinha tão tarde fora da capoeira!? — e dando-lhe com o metro partiu-lhe uma aza. Logo a Gertrudes tornou á sua forma natural e lhe pediu que se calasse, pois em paga do seu silencio lhe daria todos os anos uma camisa nova.

Mas o que é certo é que toda a gente soube do caso, sob segredo, e ele nem por isso deixou de receber anualmente a boa camisa de pano de linho.

A Gertrudes quedou-se diante do Manoel: feia e engelhada, a boca vazia de dentes, o cabelo esbranquiçado e crespo a fugir do lenço de chita, uma cavidade vermelha no lugar do olho direito perdido não se sabia por que desastre.

—“Ai, Manoel, pobre rapaz, desgraçado!... Se o Senhor te visse, estavas perdido neste mundo e no outro!...”

Ele olhava-a emparvecido, numa confusão labiríntica de ideias, que não explicava nem compreendia.

—“Ouves, Manoel? — continuava a velha bruxa. — Eu sou tua amiga, não te quero ver perdido. Olha, escuta, toma sentido no que te vou dizer: O Senhor vai perguntar quem corre mais, para lhe entregar a caldeirinha que veio hoje do inferno para a nossa missa. Tu hás de dizer que corres como o pensamento, agarra nelola, e foge. Corre quanto poderes! Só estarás em segurança agarrado á corda do sino da igreja, depois do galo preto romano cantar pela terceira vez depois da meia-noite. Corre, corre quanto poderes, e livra-te de olhares para traz, ouças o que ouvires, sintas o que sentires. Ainda que te chamem pelo teu nome, não olhes nem pares,— olha que depende daí a tua salvação e a tua vida!

Afastou-se saltitando, outra vez luzinha, a misturar-se com as outras na dança macabra.

O Manoel ficou estarecido, mas o próprio medo lhe deu energia bastante para responder com segurança á pergunta que o homem vermelho fazia em voz tão formidável e soturna que toda a natureza estremeceu de pavor e os corvos no visinho cemitério grasnaram agoirentamente.

Tendo gritado, no meio de vozeria geral, como lhe ensinara a Gertrudes Zarolha, — “corro como o pensamento!” — agarrou na caldeirinha mágica que estava no meio da roda e desatou a correr com quanta força tinha, em direção á igreja, cujo campanário singelo donde pendia a corda do sino era agora a sua única esperança de salvamento.

Mas, fosse porque o conhecessem pelo andar ou fosse por penetração diabólica e subtil, o que é certo é que, logo que voltou costas, uma grita ensurdecadora lhe chegou aos ouvidos. Sentiu-se perseguido por toda uma canalha de demônios, fúrias vesgas e feiticeiras esguedelhadas, pequeninos trasgos e enormes gigantes, que ardendo em sede do seu sangue e da sua alma cristã lhe corriam no encalço.

Via-se quase perdido, sentia-se quase agarrado por enormes braços descarnados e com unhas aduncas e enclavinadas, que se lhe cravavam na carne como tenazes... Chamavam-no pelo seu nome, ouvia coisas pânicas, e ora o insultavam com palavras que se desprendiam como pedradas de funda, ora o seduziam com promessas tentadoras.

E dizia mesmo que essas vozes sedutoras, que se misturavam ás outras brutais e agressivas, eram ditas pela boca vermelha e fresca da Maria...

Mas, fiel á recomendação da Gertrudes, corria numa ânsia ofegante, num desespero de loucura. Na cabeça enfebrecida duas únicas ideias se lhe espetavam, como navalhas agudas: — a Próspera abraçando o Senhor, como lhe chamara a Zarolha, e o campanário humilde onde estava a sua salvação.

Não compreendia nem via mais nada, e nada mais lhe interessava no mundo. Mas chegaria a tempo de poder agarrar a corda do sino antes do galo preto romano cantar pela terceira vez á meia-noite?!...

Já as pernas lhe fraquejavam, a cabeça andava-lhe á roda, e os gritos satânicos, que mais e mais se avizinhavam, davam-lhe a certeza do seu triste fim, se não conseguisse chegar.

Mas já estava perto — num último arranco, estava salvo!

Se fosse vinte passos mais longe não poderia resistir. Quando deitou a mão á corda do sino, que deu na noite negra uma badalada lúgubre, o galo preto romano soltava pela terceira vez a sua voz clara e sonora de espancar visões e pesadelos.

Um gargalhar surdo e um rumor de maldições e pragas perderam-se no ar, enquanto o Manoel caía pesadamente no chão, agarrado ainda á corda do sino que tremia nas suas mãos crispadas. Ao lado tombara a caldeirinha tilintando numa vozita escarnecedora.

Para quem duvide do caso, lá está ela na igreja matriz, da pequena terra triste, cortada na rocha bruta, estrangulada entre pinhais melancólicos e oliveiras de folhagem eternamente sombria.

Lá anda ela, cheia de água benta, tilintando sempre a sua vozinha escarnecedora e fantástica, acompanhando enterros de cavadores tisonados que na terra encontram o seu único repouso, e criancinhas frágeis que vão para o céu aspergidas com a água benta da caldeirinha infernal...

Lá anda, muito serena, orgulhosa do seu metal desconhecido forjado nas profundezas ardentes do mundo sobrenatural, a acompanhar o senhor vigário na visita anual em dia de Páscoa alegre e florida: — “Boas festas, boas festas, santas festas!, sorri no seu arzinho petulante.

De madrugada, quando os homens iam para o trabalho, encontraram o Manoel ainda desmaiado, agarrando-se á corda do sino como naufrágio a tábua salvadora.

Levaram-no para casa, alvoroçando toda a vila com o extraordinário caso. A Clara de Rezadeira, — coitada! — mal viu o filho, o seu Manoel, estendido como um cadáver sobre o leito de cabeceiras embutidas, para onde os homens o atiraram já cansados da caminhada com semelhante peso, ia morrendo também, sufocada pelo sangue cujos ímpetos o pobre coração mal podia regular.

Mas o mestre barbeiro afiançou a cura para breve, dando uma picadélasita no braço do rapaz — que era de humor muito quente, e apanhara algum golpe de sol lá pela feira.

A febre sobreveio e teve-o entre a vida e a morte, dias e noites ardendo num fogo de que o delírio e a agitação eram o corolário lógico. O que ele via, os sonhos e os pesadelos que lhe enchiam a pobre cabeça enfebrecida, mal o compreendiam os seus enfermeiros. E todo aquele mal se agravava e a agitação chegava ao delírio furioso dum louco se por acaso a Maria do Próspero chegava á porta, a pedir notícias ou a querer ajudar a tia Clara nos arranjos domésticos.

Ninguém podia compreender tal horror á rapariga, nem ela, que se consumia e chorava sem consolação por ver a mudança brusca do seu Manoel.

Quando se levantou estava pálido, cambaleava, e uma tristeza profundíssima lhe encovava os olhos.

No primeiro dia em que saiu, o seu cuidado foi logo ir procurar a Gertrudes Zarolha, que encontrou sentada á porta da casa, fiando e conversando com o gato preto gordo e pesado, seu único companheiro e amigo.

O Manoel não esteve com cerimônias, foi direito ao fim. Contou á velha tudo quanto tinha visto na Fonte do Inferno quando viera tarde da feira, e exigiu explicações completas sob a ameaça duma sova se ela não quisesse dizer a verdade.

Ao principio a Gertrudes indignou-se, pôs as mãos no peito, jurou a sua inocência e negou que fosse feiticeira.

— Na Fonte do inferno?!

— O Manoel que não sonhasse em tal — credo! cruces, canhoto! Fora aquele patife do Próspero que levantara aquela calúnia e dizia a quem o queria ouvir — que fora ela quem chupara o filho da fidalga...

Mas o Manoel atalhou: — não negasse a Senhora Gertrudes; tinha-a ele visto, ora essa! Querer dizer-lhe que não era verdade uma coisa que ele mesmo vira, com aqueles mesmos olhos que a terra havia de comer?!... Demais, não tinha nada com a sua vida nem o contaria a ninguém, pois até lhe estava muito agradecido por o ter ensinado a livrar-se de tamanho perigo. Agora o que queria saber era a verdade — sobre a Maria do Próspero. Seria ou não certo tê-la visto abraçar o Senhor?... Seria ou não certo o ser ela feiticeira a valer?! Podia ter-se enganado... podia-a ter confundido com outra... Às vezes, e como foi ao longe...

Era a última esperança, e a ela se agarrava com todo o afinco de quem não quer perder uma doce ilusão.

E pensava, horrorizado, que aquilo poderia ser verdade e teria que deixar de pensar na Maria, agora que a paixão por ela chegara ao alucinação, hesitante entre o amor e o ódio.

Quanto daria para que a Gertrudes lhe desse a certeza de que os seus olhos o tinham iludido, quanto daria!... Tornar a ter na Maria a confiança que tinha dantes; podê-la levar para a sua casa, como ainda na véspera lhe dissera a mãe, que morria pela rapariga — tão trabalhadeira, tão desembaraçada e boa... Não tinha nada, mas isso o que importava? Ela, a Clara do Rezadeira, não se importava nada com isso e aconselhava-lhe a que escolhesse antes uma rapariga de trabalho do que uma com dinheiro, que nada vale quando dá em mãos que o não sabem guardar nem aumentar.

Como ele esquecia, evocando a formosa rapariga, a pálida Terezinha, que lentamente se ia definhando e morrendo aos poucos, ao compasso surdo e monótono do seu tear!...

Mas a Gertrudes foi impiedosa. A pouco e pouco começou a dizer tudo; primeiro timidamente, tentando o assunto, depois entusiasmando-se, contando detalhes, dizendo coisas que arrepiavam e indignavam o Manoel.

Era certo e mais que certo ser a Maria feiticeira! Havia pouco tempo que aprendera, mas já a consideravam das mais finas e das mais queridas do Senhor.

—O lobisomem que tinha visto — mas isso em grande segredo, porque tinha medo de levar alguma sova — era o Próspero velho. Andava com o fado há tantos anos! Não tinha sorte nenhuma, coitado!

Que de histórias lhe contou, e ele ouviu pasmado, vencido por aquela verdade irrefutável: — a Maria era feiticeira!

A Gertrudes comentava com gestos curtos e vozes de confidencia: — Ora essa! De que se admirava? Sempre lhe dissera que não era mulher capaz para um homem de brio e de honra.

Tinha-lhe ódio, o ódio implacável das velhas criaturas desprezíveis aos que têm a insolência da alegria, da juventude e da beleza. E então, depois que a rapariga dissera numa sacha, entre as gargalhadas do rancho, que não queria estar ao pé dela porque lhe podia dar quebranto ou chupá-la como fizera ao filho da fidalga, a Gertrudes não a podia tragar.

—Se fosse com a Terezinha, — continuava convencedora — com essa era de sua aprovação. Uma rapariguinha tão recolhida, sem uma nota, sem más palavras para ninguém, e sempre tão boa, tão condoída! Mesmo um anjo do céu!

O Manoel calava-se, abismado no seu desgosto, não podendo seguir-lhe a tagarelice nem dizer uma palavra que lhe fizesse estancar. De quando em quando, uma palavra ou outra feria-lhe o ouvido, chamando-o á realidade, aos repêlões, sobressaltando-lhe ainda mais a alma amarfanhada.

Por vezes já a imagem da Terezinha, com a sua esbelteza delicada, o seu vestido escuro de luto aliviado, o sorriso magoado da sua boca virgem de beijos, se começava a esboçar na sua memória. Via-a corada como a romã quando acertava de lhe dirigir a palavra, sofredora e resignada quando o sabia mais preso pelos encantos de Maria; lembrava-a fugindo arisca da porta para o espreitar da janela, mal assomava ao cimo da rua com os seus ares triunfantes, bamboleando-se com a importância de janota de aldeia. — “Coitadinha!

Gostava tanto dele! Enquanto esteve doente, nunca ela deixou apagar a lâmpada á Senhora do Castelo...

O Manoel afastou-se por fim — a velha já o enjoava com as suas historias. E, ao sair dali, pensava com funda melancolia em todo o passado extinto, nessa alegria radiosa que não voltaria mais. Da sua vida, tão profundamente abalada, nem a si mesmo sabia dar conta.

Quando subia vagaroso e preocupado a rua estreita e íngreme, os seus olhos puseram-se com sobressalto na Maria do Próspero, que caminhava em sentido contrario, cabisbaixa, os braços caídos ao longo do corpo, os olhos pisados postos no chão, o fato em desalinho de quem perdeu o gosto e a garridice.

Que mudada estava! Nem parecia a mesma, — não a reconheceria por certo fora dali.

O rapaz, olhando-a, sentiu subir-lhe do largo peito um soluço doloroso.

Meteu-se na sombra duma porta e deixou-a passar, avergada ao peso da tristeza e do remorso do seu pecado sinistro.

Estremecia de horror como se a visse ainda na noite demoníaca, cuja lembrança o perseguia como uma ideia fixa de monomaníaco.

Como podia ser feiticeira uma rapariga tão linda, tão alegre, tão sincera?!...

Mas era-o, tinha a certeza, porque a vira abraçando o homem vermelho de negros pés de forquilha, e porque a Gertrudes lho afiançara havia instantes.

Todo o pavor daquela noite trágica o tomou de novo, e involuntariamente evocou o *sabbat* infernal: — as luzinhas bailando, entrechocando-se, e afastando-se num compasso rítmico; as gargalhadas que soavam como crocitar de corvos; os olharapos correndo, com o seu único olho a furar-lhes a testa; os lobisomens galopando, no seu fadário triste; avejões, diabitos galhofeiros, lêmures, trasgos, duendes, feiticeiras, e, sobre tudo, como ferro em brasa a causticar uma chaga, a recordação da cena em que a Maria abraçava o homem vermelho e lhe servia de estrado.

Era de endoidecer!

Quando despertou desse pesadelo de acordado, já a Maria ia longe, andando lentamente, acurvada pelo imenso desgosto de ver o Manoel tão diferente do que fora, e sem razão nenhuma que ela lhe desse!

Se ao menos soubesse explicar o motivo porque tão cruamente a repelira durante toda a doença, quando ela passava as noites sem se deitar, sempre pronta á primeira voz, — uma verdadeira filha para a Clara do Rezadeira, que já lhe queria como tal!...

Alguns meses depois, os sinos da antiga igreja matriz repicavam freneticamente mostrando o entusiasmo do sacristão pelo casamento do Manoel com a Terezinha da Zéfa do Padre.

A noiva ia radiante, mais linda do que nunca. Os olhos brilhantes, os lábios ardentes, as faces ligeiramente coradas pela felicidade inesperada que a chamava á vida, quando ia já caminhando para a morte, ao compasso monótono do tear subindo e descendo no contínuo trabalho.

Satisfeito e feliz, também o Manoel ia, triunfante, com o seu fato preto de pano fino, o seu chapéu lustroso, a sua fina camisa engomada a primor, ao lado da noiva — uma santinha do altar!, dizia a Gertrudes benzendo-se.

Também ele se sentia alegre e despreocupado, sem pensar na pobre Maria do Próspero, que curtia sozinha, num desespero torvo e sem remédio, a sua derrota miserável.

Quando a Gertrudes Zanolha começou a espalhar o que se passara, o que vira o Manoel na noite em que viera mais tarde da feira, por se ter demorado a conversar com uns amigos na taberna do Jeitoso, a Maria teve um violento acesso de cólera, uma rubra indignação, que estava na lógica da sua forte e sadia natureza. Quis bater na velha, que fugiu espavorida, gritando-lhe que fosse perguntar ao Manoel — e ele lhe diria tudo quanto vira...

E ela fora logo, forte da tranquilidade da sua consciência, certa de que ele estaria ao seu lado para a defender de tão absurda acusação...

Mas quando ouviu da boca dele a confirmação dos ditos da velha, quando ele lhe atirou com desprezo o epíteto de feiticeira, sucumbiu. Ficou quieta, a olhá-lo pasmada, sem encontrar uma palavra para se defender, cheia de dúvidas e de desânimo... Sem a confiança do Manoel, o que podia fazer?!

E desandou dali, com grossas lagrimas a rolaem-lhe pelas faces, e um aperto na garganta que a estrangulava.

Fechou-se em casa; e, sem ninguém que a consolasse, nenhuma alma compassiva que a ajudasse a levantar daquele abismo em que a própria consciência desaparecia sob a sugestão alheia, rebolou-se pelo chão, rasgou o fato, atirou contra as paredes a cabeça que sentia perdida e desvairada, soltou

gritos que lhe despedaçavam o peito, até que, exausta, ficou como morta no meio da casa. Ao voltar do trabalho é que o pai a levou para a cama, limpando, num repelão, a camisa suja de suor e poeira, uma lagrima que teimava em rebolar-lhe pela face encarquilhada e dura.

— A sua pobre filha, a alegria da sua vida — em que estado a encontrava! Maleitas ou mau olhado, espírito ruim que lhe entrara no corpo e já a não largaria...

Quando voltou a si, pesou bem a desolação da sua vida, e chorou toda a sua esperança, a sua alegria como a sua mocidade exuberante que tinham fugido espantadas diante daquela noite negra e sem fim.

Enquanto os sinos cantavam na manhã clara, de sol radioso e céu azul em festa, as alegrias do casamento da Terezinha com o Manoel da Clara, a caldeirinha mágica tilintava o seu risito escarninho e macabro e todos a consideravam com admiração e respeito pelo sobre-natural.

A Maria, agora feiticeira conhecida e apontada por todos, já não canta nem vai ás romarias.

Nos trabalhos do campo, as mulheres e as crianças afastam-se dela apavoradas, e os homens, lamentando-a, não têm coragem de vencer esse pavor.

Um brilho ardente de febre queima sempre os seus lindos olhos negros, que vagueiam inquietos, num medo doentio e trágico.

Atormentada de visões, mordida de maus olhados, meses inteiros presa de delírios histéricos, sente-se, na verdade, transportada nas azas do vento para sítios ermos em que luzinhas saltitam em rondas buliçosas, lobisomens passam em cavalgadas doidas para se irem espojar nas encruzilhadas sinistras, moiras encantadas tecem em teares de ouro contando as saudades antigas da sua vida humana, e olharapos, duendes, lêmures e trasgos povoam as noites horríficas de *sabbat*.

---

## A VINHA

Luis saíra para o colégio ainda criança e de lá para as escolas superiores; assim os anos tinham decorrido sem que nunca mais visitasse a terra natal.

Dez anos, dez longos anos se tinham passado, e só agora voltava, como um foragido ou como um ladrão, que enlouquecido de saudades arrisca a vida e a liberdade para rever a terra que primeiro conheceu e é sempre para o homem a mais querida, a mais bela, a melhor de todas.

E — pobre Luis! — era na verdade como um foragido que voltava, escondendo-se para que o não vissem, envergonhado dessa fraqueza sentimental que já não ia nada bem com os seus galões de guarda-marinha e o seu bonito bigode a ensombrar-lhe o lábio superior.

E voltava amesquinhado aos seus próprios olhos, ele que se julgava tão importante pelos estudos transcendentais, que seguira com certo brilho, porque só agora compreendia o sacrifício de cada momento, a luta de cada hora, o verdadeiro heroísmo obscuro e respeitável que a sua educação representava na vida da família.

Compreendia, afinal, um pouco tarde demais para que a consciência lhe ficasse limpa de remorso, quanta mentira santa fora preciso inventar, com quanta delicadeza envolver as palavras, quanta história arquitetar para que ele aceitasse sem desconfiança o propositado afastamento em que o tinham conservado durante esse longo período de tempo.

Chegara por vezes a pensar, as poucas ocasiões em que reparara nisso, que o desprezavam, que era um pária, que os pais afastavam receando a vergonha de o apresentarem como seu herdeiro e continuador.

Dizia-lhe a consciência que tal procedimento não era justo, porque — se é verdade que não fora nunca um estudante desses que se mostram com desvanecido orgulho, carregados de distinções e prêmios que esmagam o próprio dono e irritam os companheiros, — é certo que o curso lhe saíra limpo, seguido como de empreitada, numa indiferença risonha de quem o levava com uma perna às costas.

Lembrava-se de pensar às vezes no fato, um tanto irritante, do seu afastamento sistemático da casa paterna, e pôr-se consigo a acusar os pais; mas á mais leve referência acudia uma carta de Eduarda, que varria do seu coração, volúvel e bondoso, a desconfiança cruel.

Era sempre a mesma delicadeza inteligente, procurando as palavras para não magoar nem esclarecer, fugindo graciosamente duma pergunta mais nítida, dizendo pouco em longas cartas, que satisfaziam plenamente a sua ansiedade de momento mas muito deixavam escondido nas dobras duma alma que se não pode expandir, sob pena de infelicitar os outros.

Eduarda, apenas mais velha dois anos do que Luis, fora desde criança uma pequena figura simpática de mulher, dessas mulheres adoráveis sem deixarem de ser profundamente humanas, ou talvez por isso mais adoráveis ainda, que tudo compreendem, por tudo se interessam, para todos são a providencia, o refugio e a esperança.

Quando fora resolvida a sua entrada para o colégio militar, Luis ficara radiante. É que essa admissão fora o seu maior empenho, a ambição de largos meses e dias — desde que na terra aparecera, a propósito de qualquer festa pública, um regimento de lanceiros, que o tinha enlouquecido com o seu ar soberbamente marcial e as bandeirolas, vermelho e branco, a planejarem ao sol.

Não pensava noutra coisa senão naquela sua entrada para o colégio em que todos os alunos são já pequeninos homens, pequeninos militares de botões reluzentes, barretina, dragonas, e duma compostura grave de disciplina rígida.

Fazia projetos, contava as peças do enxoval, que a mãe lhe ia empilhando na mala, lia e relia a relação das coisas que lhe mandavam levar e prometia a si mesmo só quebrar o seu, mialheiro de barro quando tivesse já a farda, para ir tirar o retrato de grande uniforme.

Mas quando chegou o dia da partida e viu á porta o carro em que devia seguir, os criados arrastando as malas, o pai gritando porque não estavam as coisas em ordem — e o comboio não espera! — quando viu a mãe soluçante por ver partir o mais novo, o mais fraquinho, o preferido — todos o sabiam—o Luis perdeu a coragem. E chorou, chorou intensamente, num soluçar fundo, próprio dessas naturezas impulsivas, febris, doentias, a que os nervos emprestam uma acuidade dolorosa, embora passageira, nas sensações.

E ela, a irmãsita, já com a orla do vestido a procurar o cano da bota, a trança loira caída pelas costas, o corpo airoso e fino ainda sem o quebrado das linhas feminis, não tivera lagrimas que correspondessem àquela dor excessiva, nem palavras que consolassem aquela alma desolada.

Sorria até, para esconder uma ligeira tremura significativa no labiosito ainda criancil, mas o seu olhar era límpido, e a face, ligeiramente enrubescida, em coisa alguma traía o esforço enorme de vontade que a sua atitude representava.

É que era realmente heróica aquela criança que represava as lágrimas, bem naturais no entanto, para encobrir o seu legítimo desgosto ao ver partir o irmão, o seu companheiro e amigo mais certo.

Porque Luis e Eduarda eram, mais do que pelo sangue, que tantas vezes corre dessemelhante em filhos da mesma árvore, irmãos pela camaradagem no estudo e nos passeios, nas distrações como nos desgostos, nesses tão magoados desgostos infantis, que todos desprezam e são talvez os mais violentos e os mais desesperadores de toda a vida.

Mas Eduarda tinha a rara delicadeza de certas almas de exceção, que em si concentram a própria dor e só têm para a dos outros carinho e consolo.

Se o Luis soubesse o que ela sofria, ficando ali a vê-lo partir, debruçado na portinhola da carroagem e ainda a recomendar-lhe as suas coisas — os animais, as flores, os brinquedos abandonados!... Se ele soubesse como a pequena sentia já a solidão em que ia ficar, naquela pobre terra sem diversões e sem conhecimentos, ela que não cultivara mais amizades infantis além da dele!...

Nos primeiros tempos as cartas amiudavam-se: ele, contando tudo quanto via de novo e o trazia em contínua sobre-excitação, em duas linhas sugestivas, sempre apressado por falta de paciência para escrever; ela, narrando detalhadamente os pequenos casos domésticos, que tanto interesse despertam sempre ás crianças. Eram recordações de passeios e brinquedos, a relação de todas as pessoas avistadas, os amigos da casa que perguntavam sempre por ele, os seus recados, as suas próprias palavras.

Luis bem o conhecia: eram verdadeiros recados aqueles, — não banalidades cerimoniais — que evocavam, á sua recordação saudosa, as figuras amigas que as enviavam, de longe.

Depois, no fim das cartas, como repique festivo de sinos em véspera de dia santo, a esperança das férias, a contagem dos dias que faltavam para essa felicidade tão desejada e retardada sempre.

Quando se aproximava esse abençoado mês de setembro e ele já só esperava a ordem para embarcar no grande comboio resfolegante que o levaria ao conchego da família e ao abrigo das velhas paredes amigas, que tinham visto nascer e crescer umas poucas de gerações de rapazes como ele, uma carta vinha preveni-lo de que aguardasse o pai para seguirem ambos para uma dessas famosas praias do litoral onde um mês se passa sem se sentir na vida duma criança.

Assim foi passando o tempo: aos anos de colégio seguiram-se os da escola, sempre despreocupados e alegres, sem que coisa alguma o preparasse para o martírio incomportável que estava agora sofrendo, sem que coisa alguma lhe fizesse supor o doloroso drama, obscuro e martirizante, que lá longe se ia desenrolando lentamente, esmagando com ferocidade os corações que tanto lhe queriam...

Também, que satisfação, livre de preocupações, ele teve quando recebeu aquela carta em que Eduarda lhe dizia, entre coisas ligeiras e banais: — que tinham resolvido vender a velha casa e o quintal para irem viver para Lisboa. Ficariam assim mais perto dele, quando as suas longas viagens o deixassem descansar por algum tempo com a família. Assim estariam juntos durante todo o tempo em que estivesse em Portugal.

Que alegria a dele! Nem sequer lhe passou pela cabeça a lembrança dessa velha casa, que os abrigara, carinhosa e maternal, como tinha já abrigado os pais e os avós, e vivia como ser consciente dentro do fundo da sua alma.

Como Eduarda, querendo poupar toda a mágoa ao seu coração mal preparado para a dor, mostrava bem conhecer essa natureza de amável e sentimental, que um nada arrebatada á mais acesa alegria como á mais desolada tristeza!...

A vida intensa das grandes cidades, que mais a fariam a ela viver adentro de si mesma, concentrando-a no seu eu, tirava-lhe a ele a sensação nítida da sua vida própria e, apanhando-o nessa engrenagem barulhenta e niveladora, dava-lhe apenas as ideias e os sentimentos de toda a gente.

Agora, com a vinda dos pais e da irmã, sentia-se bem feliz para nem sequer se deter a pensar nos prováveis motivos que tinham determinado aquela resolução.

Como estaria Eduarda, que deixara ainda uma criança, tantos anos volvidos sem se verem? E a mãe? Dizia-lhe sempre, nas suas cartas, que se sentia muito velha e doente, mas ele sorria-se confiante e não a via senão como a deixara, sorridente, laboriosa e desempenada, a alma de toda aquela colmeia que era a casa paterna.

Com que impaciência febril esperou o dia marcado para a chegada, e como logo de manhã, ao alvorecer desse dia bendito, se sentiu outro, alegre até á loucura de ter vontade de abraçar toda a gente, de saltar pelas ruas como uma criança, sentindo-se leve, surpreendendo-se diferente, mal cabendo na sua bonita farda de guarda-marinha!

Às horas da comida não conseguiu engolir com desfastio os costumados manjares da velha hospedeira, a quem deu um abraço apertado prometendo-lhe trazer a família para que os conhecesse, — havia ela de ver como eram seus amigos...

E a velha D. Engrácia, que tantas vezes se arrelhiara com as suas telhas, como ela dizia, sentiu que as lágrimas lhe vinham aos olhos com a comunicativa sensibilidade daquela alma que se escancarava para lhe mostrar quanto sentia de bom.

Muito antes da tarde já ele se dirigia para o Rocio, na ideia inconsciente de se aproximar da estação onde os iria esperar, algumas horas mais tarde.

Falando com um e com outro, discutindo um pouco sem se interessar muito nas conversas, entrando no Tavares Cardoso para folhear um livro, indo ao Martinho beber uma cerveja, mastigando cigarros sobre cigarros, impaciente e febril, mas alegre e falador como nunca os seus amigos o tinham visto...

A hora chegou por fim, porque todas as horas chegam, por mais doloroso ou lento que seja o seu caminhar esmagante, como fogem todas, por mais que as queiramos retardar um instante nos raros momentos que nos trazem felicidade. Ele lá estava, desde muito cedo, esperando na gare, sentindo o coração bater desordenado, quando ao fundo do túnel despontou a luz vermelha da locomotiva e o guarda tocou a corneta anunciadora, ao passar nas agulhas... Depois, que estranha sensação a sua ao ver as três cabeças, que resumiam todos os seus grandes afetos, debruçarem-se nas janelas do vagão, sorrindo-lhe e reconhecendo-o de longe! E ele, que só reconheceria o pai, com certeza, se os não esperasse, tal era a diferença que faziam as duas: Eduarda, uma mulher perfeita, sem nada que recordasse a criança esbelta que deixara; a mãe, debilitada e encanecida, tão velhinha, que não podia afirmar que não houvesse engano.

Oh, mas a velhinha é que o reconhecia bem, ao seu Luis, beijando-o e abraçando-o com frenesi e achando-o mil vezes mais bonito do que ao retrato.

Também Eduarda o abraçou alegremente e achou muito bom, apesar de um pouco menos forte do que ela, que se talhara e desenvolvera longe da atmosfera falsificada da cidade, no puro ar criador da montanha.

Chegou também a vez da Maria o abraçar, — Maria; a criada fiel que os acompanhara sempre, que era alguém na família, uma pessoa que a todos satisfazia e com quem todos contavam.

Inolvidável momento aquele que os reunia, depois de tão grande e inexplicável afastamento; encantador de contentamento esse primeiro repasto, num restaurante trivial da Baixa, para darem tempo a que as bagagens pudessem chegar á casa muito alegre que ele escolhera, com vistas sobre todo o estuário azul do Tejo, onde a lua entornava, nessa noite gloriosa de junho, a sua luz branca e leitosa, vagamente adormecedora...

Luis sentiu-se orgulhoso com os elogios que a sua escolha cuidadosa mereceu á irmã e queria convencer a mãe de que nada havia que se comparasse ao espetáculo grandioso de toda essa cidade picada de luzes, estirando-se ao longo do rio, que centenaes de pequenos faróis faziam também palpitar e viver, como outra cidade flutuante.

A pouco e pouco, abertas as malas para que tudo fosse colocado no seu lugar, Luis começou a reconhecer com enternecimento as velhas coisas que os seus olhos de petiz haviam conhecido e admirado. Foi com alegria quase infantil que levou á mãe a velha caixa de xarão, herança da avozinha, onde eram guardadas cuidadosamente as pequeninas coisas preciosas que queriam roubar á curiosidade, nem sempre segura, das suas mãositas de criança.

Uma chávena, uma jarra, qualquer coisa enfim que ia aparecendo, lhe ia trazendo uma saudade da infância longínqua e que esvoaçava agora na sua alma como farrapo branco de nuvem distante a dissolver-se num rubro poente.

A mãe, que um momento ficara só junto dele, chorava silenciosamente, olhando-o com ternura.

Luis não compreendia — chorar!?... Então não estava satisfeita por estar em Lisboa, com ele? Não viera por sua muito livre vontade?

E então a pobre senhora, incapaz de por mais tempo o iludir, desejando mesmo — no egoísmo inconsciente dos que sofrem — associar todos á sua dor, não se fez rogada e disse, disse tudo, tudo quanto de amargurado e desesperador lhe tinham dado esses anos em que o não vira.

— Fora uma luta tremenda e desigual, essa que o pai sustentara durante anos, contra tudo e contra todos, sem perder a energia, sem trepidar nem recuar. Primeiro, ia muito bem nos seus negócios — o Luis devia lembrar-se... Depois, as fianças, os roubos, a má fé de uns, a inveja mesquinha de outros, abalaram-lhe o crédito, envolveram-no em questões e demandas, fizeram-no perder uma a uma todas as suas belas propriedades, as compradas á custa de muito trabalho e as que herdara pessoalmente, e até a sua própria casa de moradia, quando já nada mais tinha que desafiasse a cobiça alheia, lá se fora embora,

com o quintal. Sim, esse fora o último e o mais certo dos golpes, que sangrava ainda e tarde se poderia cicatrizar na sua pobre alma dolorida.

As lágrimas corriam sem parar pelas pálidas faces da bondosa criatura, que assim foi contando, uma a uma, todas as suas dores, não poupando Luis a nenhum dos incidentes, a nenhum detalhe desse martirólogo incomportável de lutar com os maus, os inferiores, esses que acorrem sempre a lançar a sua pedra quando pressentem que a fortuna abandonou os que há pouco invejavam.

Luis, calado, ouvia, sem a compreensão bem fixada da realidade, olhando com uma persistência dolorosa essa velhinha que chorava um passado em frangalhos, e era a sua mãe, a mesma que ele deixara rica e tão feliz dez anos antes.

—E porque lhe não tinham dito o que se passava?! Porque o tinham alheado assim de todos os desgostos da família, como se fosse um estranho? Não era filho como os outros, não devia ser igualmente filho para as alegrias como para os sofrimentos?...

—Ah, sim! Por sua vontade ter-lhe-ia contado logo o que se ia passando, mas nem o pai nem Eduarda o consentiram para que ele se não impressionasse e desviasse a atenção dos estudos, que era preciso levar ao fim sem uma falta.

Luis padecia naquele momento uma tão insofrível amargura, que no fundo do seu coração, humanamente egoísta, sentia uma onda de reconhecimento pelos que o tinham poupado daquela maneira... Devia-lhes uma pacífica e alegre mocidade, que lhe preparava uma serena vida futura.

Então, nesse impulso que dá a própria revolta em toda a criatura contra a dor que a esmaga, começou a consolar a mãe, consolando-se a si mesmo.

O pai, com o emprego que arranjara numa das principais casas bancárias que até ao fim o tinham sustentado, sustentando-lhe o seu crédito para a liquidação voluntária, ganhava certamente mais do que negociando por sua conta. Depois, ele não estava ali com tudo quanto ganhasse para lhes dar, tudo sendo pouco, é claro, para o que lhes devia?!...

E a mãe sorria por entre lágrimas, numa grande consolação de apaziguamento, porque a sua dôr encontrava abrigo em outra alma que a lamentava.

—Sim, a situação econômica não era de todo desesperada. Dispensariam apenas o supérfluo, a que se tinham habituado, e mesmo esse não completamente, porque na liquidação grande parte do seu dote poderá ficar intacto.

—Oh, ele compreendia bem que não era a questão material a que mais os afligia, era a recordação dum longo passado de paz e de desanuviadas venturas que já ia longe; era a amargura desses últimos anos em que todas as suas energias se concentravam em aparentar uma soberba que não sentiam, em mostrar um orgulho que era feito de toda a condensação amargurada da sua dor por verem o egoísmo e a maldade dos que ferozmente lhe espiavam as lágrimas e as decepções.

—Ele compreendia bem, finalmente, que o que mais lhe custara fora o deixar essa casa que representava tanto na vida afetiva da sua boa alma de sofredora.

Desde esse dia nunca mais Luis perdera aquela ideia, que se tornou uma obsessão: ir visitar a velha casa e reviver diante das suas paredes, que lhe falariam do passado, todo o martírio a que o tinham furtado generosamente. Em vão Eduarda o dissuadia desse capricho do sentimento, que classificava de criancice; em vão ela lhe dizia que o passado estava morto e ninguém mais o poderia ressurgir; que não havia imaginação nem vontade humana capaz de fazer voltar atrás o curso da vida, que para eles se precipitara numa cachoeira desatinada e agora ia deslizar num mais belo e sorridente campo.

Mas não! Ele fizera desse projeto o seu sonho, o seu mistério de apaixonado, e iria, sem que ninguém o pudesse impedir de o fazer.

A ideia de que a casa que fora o lar abençoado de toda a sua família já lhes não pertencia, desvairava-o. Iria, acontecesse o que acontecesse, num romântico impulso de sentimento—que mal compreenderia quem lhe não tivesse compulsado os arrebatamentos de apaixonado—evocar todo o passado e embeber-se bem na dôr das eternas e irremediáveis separações.

Agora, ele ali vinha, como um namorado, rever pela última vez as coisas que já lhe não pertenciam, e que indiferentemente iam tornar-se para outros as suas coisas, os seus afetos.

Para que viera? — pensava já — porque não se deixara guiar pelos conselhos da corajosa rapariga que tão alegremente ia entretecendo um novo ninho com os restos dispersos do antigo, desfeito pelo temporal? Porque viera?!... — É que queria sofrer, ali mesmo, tudo o que tinham sofrido aqueles que amava.

Fugir a isso parecia-lhe uma covardia excessiva. Imaginava sentir assim, pelo poder evocativo da sua memória despertada pela visão, lágrima por lágrima, desespero por desespero, vexame por vexame, revolta por revolta, a vulgar mas horrível tragédia desse incidente numa família burguesa.

No vagão onde passou a noite, nem uma só vez os olhos se lhe fecharam num sono reparador. Os nervos em sobre-excitação faziam-no reviver, na memória, todas as circunstâncias torturantes em que se dera o desastre final. Sentia uma doentia voluptuosidade em pensar nos tormentos por que o seu coração teria passado se a eles tivesse assistido.

Os nervos irritados por tantos dias de ansiedade obrigavam-no a agitar-se numa febre de movimento, um desejo de choro, de gritos convulsivos, que lhe desoprimissem o peito...

Cada nome de estação gritado monotonamente, cortando na noite arrastada o sono dos viajantes, era para ele o martelar desesperador do condenado que assiste ao levantar da sua própria força.

Em breve, mais um desses gritos ouvidos, a perder-se na noite, e estaria na linda terra, que revia: toda branca e faiscante nos dias ensoalhados de verão, varrida pelas nortadas ásperas da serra, nevada como uma noiva nas invernias inclementes — com as suas paisagens cristalizadas de sonho; as suas feiras rumorosas; as ladainhas através dos campos em flor, pelo despertar das primaveras amorosas; as romarias barulhentas, sob um sol sufocante de canícula... Depois, os descantes; os natais, em que fora, romeiro piedoso e crente, ao presepe do menino; as janeiras, cantadas á sua porta e em que os versos laudatórios lhe agradavam sempre; as semanas santas, com procissões na rua, por esse agonizar de sol doirado em que um Deus assistia á morte doutro Deus...

Tudo isso ele revia, todo esse passado distante se apoderava da sua alma e o fazia viver por momentos uma existência, que se não repetiria mais.

Agora, em frente da antiga casa que lhe enchera de sonhos os últimos meses de vida, Luis sentia-se frio.

Quisera sentir muito e não sentia nada. Nenhuma comoção, nenhuma dor—na sua alma gelada.

Nem a casa lhe parecia a mesma — e decerto não era! — cortadas as trepadeiras que a revestiam de verde e lilás e que a perfumavam docemente com os cachos exóticos das glicínias roxas. Até as janelas tinham sofrido o insulto de serem repintadas de vermelho, e as paredes estavam caiadas de branco, essas paredes de granito polido que tinham ao sol faiscamentos de mica e escureciam sem se ressentirem das intempéries, suavemente, como se envelhece sem sobressalto nem luta, quando se vive sem preocupações.

Já não era a mesma — nada lhe dizia ao seu coração que era a mesma.

Lançou pelas janelas abertas um olhar de indiferente curiosidade para o interior e então quase lhe deu vontade de rir, tanto era banal o mobiliário que a guarnecia, tão charramente burguesa e sem gosto a decoração que a tornava uma casa trivial de endinheirados, de adventícios sem educação.

Fechou os olhos, concentrou-se por segundos na evocação do passado, quiz enganar-se a si próprio, mas não o conseguiu; a sua alma quedou-se, por fim, numa frieza e numa desolação de completo desmoronamento.

Faltava-lhe o quintal; voltou-se para seguir ao longo do muro, deitando um olhar perscrutador para o pequeno jardim gradeado, que era no seu tempo um tufo apenas de verdura, e sofrera, como a casa, a influencia dos novos donos.

Sim, no quintal ao menos iria encontrar as mesmas arvores, os mesmos recantos amáveis de sombra, o mesmo perfume saudável do pomar e da horta verdejantes.

E seguia, rapidamente, olhando o muro de pedra solta e que era bem o mesmo que bastas vezes saltara para comer os belos cachos de uva ferral de grandes bagos corados.

Isso não mudara, ao menos; era o mesmo que conhecera e lhe fazia lembrar tantas garotices, tanta alegria passada...

Quando chegou ao alto do caminho descobriu a parte do quintal que menos estimava, porque tinha sido adquirida ulteriormente, poucos anos antes da sua ida para o colégio.

Lembrava-se bem de quando o pai comprara aquele grande campo de oliveiras e terra centeeira a entestar com o pomar, que sempre tinham desejado na família e por teima de campônios rudes lhes não pertencia desde muito.

Como ele ria, satisfeito, olhando a mulher, muito contente também, ao ver cair uma a uma as pedras do muro que ia fazer do seu pequenino quintal uma quintazinha deliciosa, mas que para eles nunca deixara de ser o quintal.

Luis sentira então, ao correr pela carreira principal, tão comprida que ao fundo deixava de se avistar a casa, uma sensação de posse, que o fazia agora sorrir.

Lembrava-se bem como Eduarda estava melancólica naquela tarde de outono, olhando o desmoronamento que lhe parecia um começo de destruição — porta escancarada por onde entrariam todos os desastres... Pressentimentos de alma

extremamente vibrátil, ou acaso sem nenhuma significação, quem pode ao certo dizer o que determinados estados de espírito representam?!

Ali também havia mudança... Luis começou a sentir a ansiedade da dúvida. Tinham plantado vinha nesse campo, que dantes ondulava num verde tenro pelas primaveras, e pelos verões era um manto de ouro, com as espigas acurvadas ao peso do grão já maduro.

Entrou pelo fundo do quintal, que no seu tempo tinha apenas um pequeno muro como sinal de posse e agora se alteara numa hipótese de muralha orgulhosa.

Seguindo pela rua mais larga, ia recordando, uma por uma, as árvores do pomar. Uma certa pereira que se erguia em roca, toda florida e branca como fogaça, e era a primeira a amadurecer as suas peras magníficas; uma rua de aveleiras baixas e tufadas, donde apanhavam ás mãos cheias as avelãs ainda em leite, que eram dum verdadeiro apetite... Depois lembrava-se dumas certas ameixas, muito roxas e carnudas, que ainda lhe faziam crescer a água na boca. E a nespereira imensa que sombreava a horta, com grande desespero do velho Antonio hortelão... e a enorme cerdeira, que tinha uma historia engraçada, que os pequenos sempre contavam ao ouvido dos visitantes e os fazia desenhar gestos de nojo, o que lhes provocava uma esfogueteada de risos!?!... E tantas outras que eram mais conhecidas, como suas irmãs, que iria abraçar piedosamente numa despedida derradeira.

Se fosse tempo de lilases, como teria gosto de levar um grande molho de flores para a mãe! Sim, roubaria, porque ao seu inconsciente critério isso não lhe parecia um roubo: se o quintal era o seu, o mesmo que tinha deixado anos antes, que mal poderia haver nisso?!

Apressou o passo até avistar a grande nogueira, plantada no ano do nascimento de Eduarda, e que já no seu tempo era uma bela árvore que desafiava a cobiça do rapazio que de fora namorava as suas verdes nozes de boa casta. Se não fosse noite poderia ver no tronco rugoso as iniciais do seu nome, que Eduarda tinha aberto, na véspera da sua partida para o colégio.

Mas ao chegar junto á árvore, donde se descobria todo o quintal, não pode reprimir um gesto de pavor.

Ah, para que viera ali, numa febre apreensiva de lembranças, — para reviver uma vida que já não existiria mais, para materializar uma saudade que já não poderia ser realidade... para quê?!...

Bem lho dissera Eduarda, aconselhando-o a não dar ao passado mais do que a melancólica e vaga recordação que merece, e lembrando-lhe o dever de caminhar para a frente, de viver, como ela, uma nova vida mais nobre e mais cheia de ideais, que a faziam até abençoar esse desastre material que a libertara de preconceitos e costumes seculares...

Mas ele sofria verdadeiramente e intensissimamente; era uma dor material como a de lhe cortarem um pedaço do seu próprio corpo, ao ver que também o pomar não soubera resistir á mudança de proprietário, na sua passividade de natureza vegetativa.

Oh, as lindas arvores de fruto, as ruas de plumeiras decorativas,— inúteis para o critério mesquinho do vulgo — os crisântemos estrelados, os lírios roxos, as roseiras já grossas como arvores, tudo, tudo fora sacrificado ao ignóbil desejo do lucro. Tudo desaparecera, para dar lugar á vinha!

Como sofria com tal hecatombe, e como sentia no seu próprio ser os gemidos doloridos das suas plantas mortas, cujas almas erravam ali sem dúvida — ele ouvia-lhes e compreendia-lhes as queixas esparsas naquele ar triste de cemitério...

Vinha: toda a horta, todo o pomar, o seu próprio jardimzinho cultivado com tanto disvelo!

Um soluço lhe subiu do peito oprimido, e as lagrimas vieram-lhe, sem querer, aos olhos ardentes.

O quintal tinha pouca água, sim, ele sabia isso,— fora até a grande preocupação da família—estando numa encosta que declivava docemente até ao ribeiro... Mas nunca lá tinha morrido nada com sede; pelo contrario, as arvores desenvolviam-se a olhos vistos.

Todo o desespero das coisas fatalmente irremediáveis o sacudia e fazia alucinadamente padecer.

A vinha! Como detestava essa planta, de que transformam em subtil veneno o doce e aromático sumo do seu fruto, e que estrophia mais criaturas e faz correr mais sangue e mais lagrimas pelo mundo do que exércitos em campanha!

Como se tornava odiosa aos seus olhos essa planta, que torce convulsamente para o céu os braços descarnados de esqueleto, e como a desejaria queimar, numa fúria vingativa de inquisidor!

Luis amaldiçoava mil vezes essa planta, que é tão estimada, porque representa a cupidez explorando o vício.

Diante dos seus olhos, embaciados pelas lágrimas, todos esses troncos nus se animavam e viviam dançando numa roda selva tica de possessos.

Como detestava entranhadamente, sagradamente, a vinha!

Não lhe lembrava, por certo, a alegria rubra e ruidosa das vindimas, quando eles iam todos, pelos poentes fulvos dos lindos outonos da sua terra, ás propriedades de fora, e voltavam atrás dos carros que as dornas a transbordar faziam chiar doridamente, ora enterrando-se na areia solta das azinhagas orladas de silvas, ora trambulhando pelas lajes e pedras dos caminhos carreteiros.

Nem sequer recordava o delicado e suave perfume a reseda da vinha em flor, quando na primavera as noites são frescas e os rouxinóis cantam pelas ramarias os lirismos dos seus amores e as romanzas dos seus noivados.

Via somente os esqueletos tristes que tinham expulso as suas arvores amadas, as suas flores escolhidas, as esbeltas trepadeiras, tudo enfim que fazia o encanto daquele pedaço de natureza que fora uma parte da sua própria alma e deixara de existir para sempre.

Luis abraçou a noqueira, numa última expansão de sentimental, beijou-a devotamente, como a uma velha amiga que se lhe tivesse conservado fiel ao coração, e afastou-se lentamente daquele lugar que fora de martírio para a sua alma, como a mesa de operações dum hospital onde se amputa um membro enfermo.

Ainda de longe olhou para traz, e, num instintivo movimento, tirou o chapéu num último adeus á leal amiga que o vira nascer e fora a única que lhe soubera conservar a ilusão do passado.

Um adeus, um último e enternecido adeus, e tudo tinha acabado.

Foi quase com indiferença que de novo transpôs o muro, sorrindo para o pinhal que marulhava como as vagas de vagabundo mar, e que era o mesmo ainda. Esse não tinha mudado.

Quando o comboio se pôs em marcha para o internar de novo na sua vida do presente, depois daquela tentativa de viver pela recordação um passado sepulto, Luis sentia a impressão estranha de que a terra que deixava não era aquela em que tinha vivido uma tão importante época da sua vida.

Essa, parecia-lhe ter desaparecido completamente, como se a tivessem rasgado do mapa e a tivessem substituído por uma outra vila burguesinha, cheia de sol e de gente palradora e vazia, a mexer-se e a dançar indefinidamente.

Quase a dormirar seguia vagamente essa gente, ia escutar-lhe as palavras para rir do mesmo riso banal, e ficava silencioso, sem nenhuma impressão de alegria ou tristeza.

Depois... tudo se foi diluindo, aos poucos, e adormeceu profundamente, revendo de novo a terra antiga, com varandas revestidas de trepadeiras perfumadas, silêncios religiosos, as arvores, as casas, os costumes, e a gente que era dantes...